

MICHELE SAIONARA APARECIDA LOPES DE  
LIMA ROCHA

OS RECURSOS LINGUÍSTICOS NO  
PROJETO DE DESLITERATURIZAÇÃO  
DE MONTEIRO LOBATO:  
DISCUTINDO A OBRA FÁBULAS



EDITORA INOVAR

**OS RECURSOS LINGÜÍSTICOS NO PROJETO DE  
DESLITERATURIZAÇÃO DE MONTEIRO LOBATO:  
DISCUTINDO A OBRA FÁBULAS**



**Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima Rocha**

**OS RECURSOS LINGUÍSTICOS NO PROJETO DE  
DESLITERATURIZAÇÃO DE MONTEIRO LOBATO:  
DISCUTINDO A OBRA FÁBULAS**

## **Copyright © da autora**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

---

**Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima Rocha.**

Os recursos linguísticos no projeto de deslitteraturização de Monteiro Lobato: discutindo a obra fábulas. Campo Grande: Editora Inovar, 2020. 138p.

ISBN: 978-65-80476-46-6.

DOI: <https://doi.org/10.36926/editorainovar-978-65-80476-46-6>

1. Literatura infantil. 2. Monteiro Lobato. 3. Fábulas. 4. Recursos linguísticos. 5. Autora.  
I. Título.

CDD – 028.5

---

**Os conteúdos dos capítulos são de responsabilidades da autora.**

## **Conselho Científico da Editora Inovar:**

Franchys Marizethe Nascimento Santana (UFMS/Brasil); Jucimara Silva Rojas (UFMS/Brasil); Katyuscia Oshiro (RHEMA Educação/Brasil); Maria Cristina Neves de Azevedo (UFOP/Brasil); Ordália Alves de Almeida (UFMS/Brasil); Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (UnB/Brasil).

Editora Inovar  
[www.editorainovar.com.br](http://www.editorainovar.com.br)  
79002-401 - Campo Grande – MS  
2020

## SUMÁRIO

|                                                                                                      |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Apresentação</b>                                                                                  | <b>7</b>   |
| <b>Quanto mais se vive, mais se aprende: Introdução</b>                                              | <b>8</b>   |
| Capítulo 1                                                                                           |            |
| <b>Engana-se quem pensa que o céu é perto: o percurso da pesquisa</b>                                | <b>17</b>  |
| Capítulo 2                                                                                           |            |
| <b>Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: o processo de deslitteraturização em fábulas</b> | <b>26</b>  |
| Capítulo 3                                                                                           |            |
| <b>Dize-me com quem andas e te direi quem és: as leituras e os autores</b>                           | <b>54</b>  |
| Capítulo 4                                                                                           |            |
| <b>Para bom entendedor meia palavra basta: os recursos linguísticos na obra <i>fábulas</i></b>       | <b>81</b>  |
| Capítulo 5                                                                                           |            |
| <b>O prometido é devido: considerações finais</b>                                                    | <b>122</b> |
| <b>Sobre a autora</b>                                                                                | <b>138</b> |

## Apresentação

Este livro apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado<sup>1</sup> por meio da releitura do livro *Fábulas*, com o objetivo de discutir o projeto de deslitteraturização de Monteiro Lobato na literatura infantil e levantar os recursos linguísticos presentes na obra que possam caracterizar esse projeto. O estudo foi realizado com uma abordagem qualitativa, a partir de pesquisa bibliográfica, contemplando a leitura de trabalhos acadêmicos, obras literárias, escritos de autoria de Monteiro Lobato, obras biográficas do escritor e trabalhos de estudiosos sobre a estilística e semântica da língua portuguesa. A partir da releitura da obra foi possível perceber que Lobato, ao escrever o livro, preocupou-se em aproximar a linguagem escrita da linguagem oral e escreveu *Fábulas* em uma linguagem deslitteraturizada composta pelos seguintes recursos linguísticos: fraseologismo (expressões idiomáticas e ditados populares), diminutivos, aumentativos, superlativos, neologismos, onomatopeias e sinédoques. Estes recursos linguísticos utilizados por Lobato são uma importante contribuição para o desenvolvimento de uma literatura no Brasil que contemple o público infantil e a realidade brasileira.

Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima Rocha.

---

<sup>1</sup> Dissertação de mestrado defendida em agosto de 2015 pelo Instituto de Biociências da “Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho” UNESP/Rio Claro.

## QUANTO MAIS SE VIVE, MAIS SE APRENDE: INTRODUÇÃO

– Que história essa de gato “fazendo sonetos à Lua”? – interpelou a menina. – A senhora está ficando muito “literária” vovó...

Dona Benta riu-se.

– Sim, minha filha. Apesar do meu desamor pela “literatura” às vezes faço alguma. Isso aí é uma “imagem literária”. A Lua é um astro poético, e quando um gatinho anda miando pelo telhado, um poeta pode dizer que ele está fazendo sonetos à Lua. É uma bobagenzinha poética.

– “Desamor pela literatura”, vovó? – estranhou Pedrinho. – Então a senhora desama a literatura?

Dona Benta suspirou.

– Meu filho, há duas espécies de literatura, uma entre aspas e outra sem aspas. Eu gosto desta e detesto aquela. A literatura sem aspas é a dos grandes livros; e a com aspas é a dos livros que não valem nada. Se eu digo: “Estava uma linda manhã de céu azul”, estou fazendo literatura sem aspas, da boa. Mas se eu digo: “Estava uma gloriosa manhã de céu americanamente azul”, eu faço “literatura” da aspada – da que merece pau.

– Compreendo, vovó – disse a menina –, e sei de um exemplo ainda melhor. No dia dos anos da Candoca o jornal da vila trouxe uma notícia assim: “Colhe hoje mais uma violeta no jardim da sua preciosa existência a gentil senhorita Candoca de Moura, ebúrneo ornamento da sociedade itaoquense”. Isso me parece literatura com dez aspas.

– E é, minha filha. É da que pede pau... (LOBATO, 2010, p. 33-34).

Acompanhado as sociedades por inúmeras gerações a literatura muito contribuiu, ao longo do tempo, para a formação dos povos, proporcionando um conjunto de conhecimentos que agregam sua cultura, seus valores e sua identidade.

A arte milenar realizada com as palavras é uma manifestação universal que apresenta e representa questões relacionadas à essência humana e, por isso, como afirma Antonio Candido, está relacionada à humanização, que segundo o autor é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

Mas para que a literatura consiga realizar sua função de humanização, é necessário que ela não tenha lacunas e incorpore algumas peculiaridades que a enriqueçam e permitam que o leitor consiga descobrir sua subjetividade e originalidade, recriando de uma maneira singular a sua percepção de mundo, como afirma-nos Sawaya (2000).

Desta maneira, é possível compreender a crítica apresentada no excerto que introduz este texto. Lobato, pelas palavras de Dona Benta, apresentou na obra *Fábulas*, apontamentos que permitem reflexões sobre o caráter humanizador ao indicar que a literatura necessita de características peculiares.

A denúncia de Lobato indica o olhar diferenciado que ele teve para a arte das palavras ao afirmar que há duas espécies de literatura, a com aspas, dos livros que não valem nada, e que ele detesta, e a sem aspas, a dos grandes livros, que revela uma escrita transparente.

Com o exemplo do desamor pela “literatura” (com aspas) é possível compreender que se trata de uma escrita realizada com excesso de ornamentos linguísticos para expressar uma ideia que poderia ter sido trabalhada de maneira não demasiada e que, ao mesmo tempo, conservasse a essência daquilo a ser transmitido.

O excerto permite-nos compreender a importância da literatura para Lobato, desde que fosse escrita de maneira diferenciada, o que demonstra sua preocupação com a leitura,

em gerar um texto que o leitor pudesse interpretar o que leu, compreender sua essência e ao mesmo tempo, imbricar sentimentos.

A preocupação de Lobato com a leitura aparece em seus escritos da década de 1910 e continua atual a ponto de ser, hoje, uma preocupação detonadora de diversos estudos, como por exemplo, o realizado por Cadermatori (2009), o qual revela que “o Brasil ainda não é um país de leitores, situação determinada por fatores de natureza social, econômica, política, histórica, cultural” (CADERMATORI, 2009, p. 25). Sabendo então que as oportunidades não são iguais para todos, caberia hoje à escola o importante compromisso de fazer a ponte entre o ser humano e a leitura. Tal situação seria perfeita, no entanto, a autora adverte que não se pode esquecer...

[...] que muitos professores não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente como leitores e, às vezes, pensam ser deficiência pessoal o que, na verdade, provém de um âmbito muito mais amplo, como a dívida social do país com seu povo. Outros, porém, tiveram a formação de leitor favorecida por circunstâncias familiares ou escolares, quando não por ambas [...]. E ainda há aqueles que se tornaram leitores apesar de todas as circunstâncias para não sê-lo (CADERMATORI, 2009, p. 25).

Cabe ressaltar que indiferentemente de quais tenham sido as condições, favoráveis ou não, o professor tem o importante papel de promover a leitura a seus alunos; por isso, é necessário que as instituições que formam os profissionais trabalhem com o tema na orientação dos futuros professores e também, uma vez inseridos na docência, que eles tenham respaldo da equipe de gestão, seja ela público ou privado, para que o docente consiga fomentar um trabalho que contemple a qualidade do ensino ao educando.

Sabe-se, no entanto, que nem sempre a realidade é esta e, mesmo quando há uma boa formação e apoio da equipe de gestão, no exercício da docência pode haver incertezas do como proceder com a leitura em sala de aula. Escrevo isso pensando na realidade que presenciei ao formar-me em Pedagogia e tornar-me professora dos anos iniciais da Educação Básica de ensino público. Iniciei minha carreira docente em 2009 com muitas

dúvidas sobre a maneira correta do “como” e “o quê” ensinar para os alunos. Com o passar do tempo, fui adquirindo experiências e pedindo ajuda a colegas na tentativa de melhor compreender minha ação como professora. Desde então, tenho observado que os alunos se interessam muito pelas histórias que lhes conto, histórias estas que os fazem conhecer o mundo de formas diferentes, contribuindo com o despertar de sentimentos.

Comecei a dedicar-me mais à questão da leitura, buscando proporcionar vários e distintos gêneros durante as aulas. Tenho então percebido que, depois de realizar essas leituras, ocorre certa inquietação por parte de alguns alunos; quando “abro” para o momento de discussões, existe a possibilidade de alguns deles expressarem seus pensamentos e opiniões, mesmo aqueles que não se manifestam durante o momento da leitura.

Nas aulas, tenho tentado contemplar aquilo que é apontado pelo autor Roger Chartier (1996), quando afirma que devemos estar atentos à realidade dos alunos. Conforme pode ser lido no trecho que segue,

O interessante [...] é o fato de mostrar, como havia feito Jean Hébrard a partir da interrogação minuciosa de narrativas autobiográficas, como a aprendizagem da leitura se apóia muito mais sobre os questionamentos pré ou extra-escolares, ligados à descoberta pela criança de problemas que pertencem à difícil compreensão da ordem do mundo, do que sobre uma escolarização ou uma aprendizagem escolar (CHARTIER, 1996, p. 240).

Durante as leituras com meus alunos pude perceber que alguns tipos de histórias chamavam mais a sua atenção; eles pareciam interessar-se mais por aquelas que guardavam proximidade com suas vidas. Nos seus comentários, nas interrupções a todo momento, na participação, nos questionamentos levantados e até mesmo nas reflexões transformadas em silêncio, havia a indicação de que ali se sentira prazer com a leitura. Tais reações podem ser entendidas, segundo o que pude aprender com Jorge Larrosa, como *experiências*; para este autor, “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca” (LARROSA, 2002b, p. 21).

A experiência, mediada por mim, que meus alunos tinham com as leituras, o que os tocava, só era possível pela interação entre a leitura realizada nas aulas e o próprio mundo deles, o que fez com que o ato de ler se tornasse um possibilitador de descobertas, de novas experiências. Conforme coloca Paulo Freire (1992) o ato de ler não deve ser uma ação mecânica:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o seu contexto (FREIRE, 1992, p. 11-12).

Assim, é necessário que a leitura seja significativa e que tenha relação com o cotidiano do aluno, para que ele possa adquirir experiências com ela, como afirma Kramer (2000):

O leitor leva rastros do vivido no momento de leitura para depois ou para fora do momento imediato – isso torna a leitura uma experiência. Sendo mediata ou mediadora, a leitura levada pelo sujeito para além do dado imediato, permite pensar, ser crítico da situação, relacionar o antes e o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la, modificá-la (KRAMER, 2000, p. 20).

Refletindo a respeito da minha experiência como professora, percebi que a leitura e a vida estão relacionadas e o profissional da educação que introduz os alunos no meio letrado tem que perceber isso, para que assim a leitura se torne um elemento fundamental de um trabalho pedagógico que forme um aluno que não apenas conheça as obras literárias, mas que escute, leia, debata e consiga ser crítico e reflexivo. Desta forma, a leitura poderia ser usada para além da funcionalidade da alfabetização mecânica, tornando-se um processo pedagógico vivo no cotidiano, que possa contribuir com a formação de leitores ativos e autônomos.

A partir desta compreensão da leitura e de sua importância, entendi que eu, como professora, posso contribuir ao possibilitar “[...] uma alfabetização que tenha a ver com formar leitores abertos à experiência, a que algo lhes passe ao ler [...]” (LARROSA, 2011, p. 9). Assim, várias ideias surgiram (e continuam surgindo) em minha prática docente. Desde então, tenho feito diversos projetos em sala de aula contemplando a literatura infantil; entre diversos textos trabalhados, percebi em especial o encanto dos alunos ao contatarem as fábulas de Monteiro Lobato, o que despertou meu interesse em aprofundar mais sobre o gênero e sobre este escritor levando-me, inclusive, a pesquisar tal temática como aluna na pós-graduação.

Lobato se diferenciava por seus pensamentos e, ao escrever para adultos e crianças, conseguiu, em seu percurso como escritor, despertar em um grande público o interesse pela leitura. O autor, a partir da constatação de que as crianças de seu tempo tinham poucas possibilidades de iniciação à leitura, questiona: “Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada” (LOBATO, 1956, p. 104). E com tal confirmação, o autor inicia a escrita para o pequeno leitor, que possibilitou ao Brasil um novo olhar aos textos produzidos para seu público infantil. Entre as obras por ele escritas que contribuíram para a literatura brasileira, a obra *Fábulas*, objeto desta pesquisa, foi uma das precursoras de Lobato em relação ao que ele considerava como ideal para a literatura infantil brasileira de seu tempo, apresentando diversas edições até chegar a que conhecemos hoje.

O livro de Lobato que li para meus alunos e que me impulsionou a esta pesquisa foi encontrado em uma de minhas buscas literárias como professora na biblioteca da escola em que trabalho; tal livro circula em muitas escolas públicas por ser uma obra que faz parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), disponibilizada pelo Ministério da Educação (MEC).

Esse programa desenvolve-se desde 1997 e tem como objetivo promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura dos alunos e professores por meio da distribuição de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma universal e gratuita a todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.

O MEC define que “a apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os educandos e educadores possam transitar com autonomia pela cultura letrada.”<sup>2</sup> (MEC, 2015, s/p); por isso a instituição faz o investimento contínuo na avaliação e distribuição de obras de literatura.

Ao observar o acervo disponibilizado pelo MEC às escolas, pode-se perceber que não são muitos os livros que contemplam o gênero da fábula, sendo disponibilizado em 2008 o livro *Dr. urubu e outras fábulas*, escrito por José Ribamar Ferreira; em 2009 os livros *Contos e fábulas*, de autoria de Mário Laranjeira; *50 fábulas da China fabulosa*, escrito por Márcia Schmaltz e Sérgio Capparelli; *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos*, de Celso Sisto; *O imperador amarelo: fábulas, lendas e ensinamentos dos antigos mestres chineses*, escrito por Janaina Muhriker Tokitaka e Heloisa Braz de Oliveira Prieto e *O papagaio que não gostava de mentiras e outras fábulas africanas*, escrito por Luciana Justiniani Hees e Adilson Martins. No ano de 2010 novamente o livro *50 fábulas da China fabulosa*, de Márcia Schmaltz e Sérgio Capparelli e, em 2011 e 2012, *Fábulas*, de Monteiro Lobato.<sup>3</sup>

O livro de Lobato está localizado no “acervo 2” e é indicado para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Por ser parte do acervo disponibilizado pelo MEC, é considerado pelo governo federal com respaldo para promover aos estudantes e professores “tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores” (MEC, 2015, s/p). Interessante apontar que o desejo de Lobato em indicar o gênero da fábula aos pequenos leitores de sua época como a literatura que lhes faltava, hoje se concretiza nas escolas públicas do país.

---

<sup>2</sup> Ministério da Educação - MEC. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574)> Acesso em: 11 jun. 2015.

<sup>3</sup> Todo o acervo pode ser consultado no sítio eletrônico:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13698&Itemid=986](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13698&Itemid=986)> Acesso em: 11 jun. 2015.

Durante a leitura das *Fábulas* encontrei várias críticas realizadas pelo autor que nos permitem compreender a preocupação de Lobato com a maneira de compor a língua nos livros. Além do excerto que indiquei no início desta introdução, o qual mostra a distinção entre a “literatura” e a literatura, outro exemplo pode ser observado no trecho do comentário expressado na fábula *A coruja e a águia*, realizado pelas personagens Pedrinho e Dona Benta:

- Mostrengo ou monstrengo, vovó? – quis saber Pedrinho. – Vejo essa palavra escrita de dois jeitos.
- Os gramáticos querem que seja mostrengo – coisa de mostrar: mas o povo acha melhor monstrengo – coisa monstruosa, e vai mudando. Por mais que os gramáticos insistam na forma “mostrengo”, o povo diz “monstrengo”.
- E quem vai ganhar essa corrida, vovó?
- Está claro que o povo, meu filho. Os gramáticos acabarão se cansando de insistir no “mostrengo” e se resignarão ao “monstrengo”.
- Pois eu vou adotar o “monstrengo” – resolveu Pedrinho. Acho mais expressivo (LOBATO, 2010, p. 15).

Percebi então que Lobato indicou questionamentos sobre a linguagem e a literatura, que revelam seu descontentamento com o repertório literário infantil brasileiro de seu tempo e a falta de proximidade entre a palavra falada e a palavra escrita e a compôs com uma linguagem diferenciada escrita com recursos linguísticos que contribuíram com os efeitos de sentidos das palavras para compor textos deslitteraturizados. Pensando nisso, o estudo aqui apresentado tem como expectativa apresentar contribuições para a formação de professores que trabalham com o gênero fábulas em sala de aula e em especial a obra de Lobato, possibilitando explorá-lo melhor como um possibilitador de leitura como fruição. Tal expectativa norteou a iniciar o caminho que, depois de várias releituras de *Fábulas* e muitas pesquisas, resultou nesta dissertação, que tem os objetivos de identificar o projeto de literatura infantil de Monteiro Lobato a partir da obra *Fábulas* e identificar e analisar os recursos linguísticos na obra, verificando as relações entre texto e contexto. A dissertação dispõe a seguinte estrutura:

1. ENGANA-SE QUEM PENSA QUE O CÉU É PERTO: O PERCURSO DA PESQUISA: capítulo em que apresento o caminho por mim percorrido nesta pesquisa.
2. ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA: O PROCESSO DE DESLITERATURIZAÇÃO EM FÁBULAS: no capítulo, apresento o autor, sua dedicação à arte das palavras, à literatura infantil e em especial ao livro *Fábulas*.
3. DIZE-ME COM QUEM ANDAS E TE DIREI QUEM ÉS: AS LEITURAS E OS AUTORES: capítulo em que dialogo com outros pesquisadores a fim de buscar embasamento teórico e fazer um levantamento de definições e conceitos já existentes em relação à maneira como Lobato compôs a linguagem nas suas obras infantis, sendo depois realizada uma reflexão mais específica do que já foi produzido em relação às *Fábulas*.
4. PARA BOM ENTENDEDOR MEIA PALAVRA BASTA: OS RECURSOS LINGÜÍSTICOS NA OBRA *FÁBULAS*: neste capítulo busquei, após a releitura da obra, elencar os recursos linguísticos e indicar as possibilidades de eles serem lidos como a deslitteraturização proposta por Monteiro Lobato. Como resultados, foram encontrados os seguintes recursos: neologismos, fraseologismos com expressões idiomáticas e ditados populares, grau diminutivo e grau aumentativo, grau superlativo, onomatopeias e sinédoque.
5. O PROMETIDO É DEVIDO: CONSIDERAÇÕES FINAIS: apresento minhas considerações sobre a pesquisa realizada.

## Capítulo 1

17

### ENGANA-SE QUEM PENSA QUE O CÉU É PERTO: O PERCURSO DA PESQUISA

A palavra método é derivada do grego *meta* - através de - e *hodós*, que etimologicamente significam “um caminho para um depois”; assim, ao descrever as etapas do caminho que percorri para realizar a pesquisa, vou elucidando ao leitor o “depois” ao qual cheguei.

O caminho por mim escolhido a percorrer com esta pesquisa foi o da literatura, uma vez que sou professora nos anos iniciais da Educação Básica no município de Rio Claro-SP, onde contemplo diferentes situações de leitura com meus alunos e compreendo a importância que a literatura pode representar em suas vidas.

A literatura me tocou desde a infância, o que me levou a percorrer durante a vida caminhos que perpassem por ela. Em especial, as trilhas para a literatura de Monteiro Lobato foram se intensificando a cada leitura, sendo que cada uma é composta por um pedaço do meu eu: criança, aluna, professora, leitora, pesquisadora, brasileira...

Interessante notar que, como indica Penteado (1996), o escritor Monteiro Lobato influenciou e ainda influenciará os leitores, os chamados “Filhos de Lobato”, que têm marcas importantes em suas vidas vindas das leituras de seus textos, o que indica que as obras do escritor podem ser consideradas como o que Calvino (2007) aponta como clássico, e que corrobora com a importância desta escolha para o meu caminho acadêmico.

Neste percurso como leitora lobatiana, diversos foram os olhares que despertaram meu desejo por estudar o escritor e, como professora, este desejo se intensificou com a leitura das *Fábulas*, ao encontrá-las na biblioteca da escola onde leciono. Como já referido na introdução, a instituição tem este livro em seu acervo literário devido ao Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), disponibilizado pelo Ministério da Educação - MEC. Ao lê-lo com meus alunos, percebi o quanto o livro despertou-lhes o interesse pela leitura, o

que me impulsionou a entrar no curso de pós-graduação para compreender melhor esse fenômeno, chegando então a esta dissertação.

A primeira etapa a ser explicada nestas reflexões diz respeito à edição da obra que escolhi para a pesquisa; essa escolha mostra-se importante porque a obra conta com diversas edições, por isso, busquei critérios que me ajudassem a optar pela mais adequada ao propósito investigativo. Assim, optei por estudar a segunda edição, publicada em 2010 pela editora Globo Livros, obra que já havia contatado como professora; tal escolha ocorreu por ser essa a edição que circula em muitas escolas públicas por conta do PNBE.

Depois de escolhida a edição, fiz várias releituras que me ajudaram a descobrir cada vez mais a grandeza literária da obra, o que possibilitou que meu olhar se expandisse em uma crescente de indagações e possibilidades sobre o que eu poderia contemplar ao estudá-la. Em uma das releituras, percebi que Lobato, pela personagem de Dona Benta, recontou as velhas fábulas de Esopo e de La Fontaine, mas avaliou desfavoravelmente a linguagem e a literatura disponível à época de sua tradução. Sendo esta crítica também apontada por outras personagens do Sítio no decorrer do livro, despertou-me o interesse em compreender o que motivou Lobato a fazer essa avaliação sobre a literatura e a linguagem de sua época e o que ele fez para diferenciar suas fábulas das críticas que teceu, ou seja, como ele compôs seu estilo literário nas *Fábulas*.

Com essas observações, percebi a importância de dialogar com pesquisadores que contemplassem em seus estudos o universo dos clássicos na literatura e em específico o estilo característico de Lobato ao escrever suas obras infantis, buscando por uma literatura diferente da disponível naquele momento para o leitor brasileiro. Por isso, optei por realizar uma pesquisa de caráter qualitativo, na qual se contempla a pesquisa bibliográfica que, segundo Antonio Joaquim Severino (2007):

[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. e utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das

contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes do texto (SEVERINO, 2007, p. 122).

Deste modo, realizei uma busca em meio eletrônico nos meses de novembro e dezembro de 2014 e janeiro de 2015 para compor a “revisão bibliográfica” e escolhi como fontes os bancos de dados de três universidades paulistas (UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas e USP - Universidade de São Paulo), o portal eletrônico SciELO (Scientific Electronic Library Online), o banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o GOOGLE ACADÊMICO.

Optei por fazer pesquisas em dois momentos específicos em todos os bancos de dados escolhidos. Delimitei na busca as palavras-chave *literatura infantil*, *Lobato* e *linguagem*, no primeiro momento e, no segundo, visando mais especificamente a obra de minha pesquisa, as palavras *Lobato* e *Fábulas*.

Os resultados escolhidos como pertinentes em minhas buscas foram apenas os estudos que tinham o título relacionado com o assunto ou estudos que tinham as palavras escolhidas na pesquisa como palavras-chave; não considerei os que apenas citavam a temática. Na primeira busca, encontrei um total de onze trabalhos e na segunda, treze trabalhos.

Em relação à primeira busca, a pesquisa contribuiu para minha compreensão de que a crítica que Monteiro Lobato fez à literatura e a linguagem referia-se ao estilo parnasiano com traços europeus que o Brasil herdara quando colônia, não conseguindo produzir uma literatura infantil que realmente contemplasse o leitor brasileiro, como indicaram Vieira (1998) e Souza (2012). Lobato, a partir de sua reflexão crítica, escreveu livros combatendo a linguagem de difícil compreensão, como é apresentado nas pesquisas de Vieira (1998), Lajolo (2010) e Pereira (2010), preocupando-se em aproximar a literatura ao leitor pela oralidade, com uma linguagem simples, coloquial e afetiva, como afirmam Gava (2005), Oliveira (2006) e Souza (2012). Valeu-se, para isso, de muita criatividade e de recursos como diminutivos, neologismos e onomatopeias, como indicaram Lajolo (2008) e Parente (2012).

A segunda busca contemplou estudos específicos sobre a obra *Fábulas* e também quais eram os diferenciais em relação ao gênero da fábula que o leitor brasileiro dispunha antes desta obra. Pallotta (1996, 2008), Martha (1999), Santos (2001), Perrone (2002), Souza (2004, 2008, 2010, 2013), Lopes (2006), Silva (2008), Vale (2010) e Colamarco (2012) indicaram que Lobato atualizou e reformulou a estrutura do gênero disponível naquele momento. O autor adequou as fábulas usando como um dos elementos principais a linguagem, de forma que esta deixasse de ser composta por “rebuscamentos literários” e passasse a ser atualizada, próxima do leitor brasileiro, prazerosa, clara, simples e coloquial, como nos afirmam Martha (1999), Santos (2001), Pallotta (2008) e Silva (2008) e, por isso, deslitteraturizada, como indica Lopes (2006).

Diante do que me apresentou a revisão bibliográfica, percebi que Lobato reconheceu a importância das fábulas como produção literária específica para as crianças, mas avaliou que elas deveriam ser diferentes das disponíveis no país naquele momento. Constatando isso, o autor buscou fazer um trabalho artesanal com a linguagem para compor seu estilo diferenciado, o que me fez refletir e definir o problema desta pesquisa: *Lobato defendia uma literatura sem aspás, sem excessos, mas que nem por isso fosse empobrecida ou desvalorizada. Desta maneira, que tipo de linguagem faria parte do projeto de literatura do escritor?*

Após pensar no problema de pesquisa elenquei os seguintes objetivos:

- Identificar o projeto de literatura infantil de Monteiro Lobato a partir da obra *Fábulas*;
- Identificar e analisar os recursos linguísticos na obra, verificando as relações entre texto e contexto.

Para contemplar o objetivo de identificar o projeto de literatura infantil nas *Fábulas*, foi necessário um estudo da vida de Monteiro Lobato e de sua trajetória na construção da literatura infantil que ele inaugurou. Para isso, busquei textos que apresentassem a biografia do autor, tais como: *Lobato: vida e obra*, escrito por Edgar Cavalheiro, em 1956; *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, escrito por Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia

Camargos e Vladimir Sacchetta (2000); e *Monteiro Lobato: o homem e a obra*, de Alberto Conte, 1948.

Busquei também estudos que indicam como figurava a literatura destinada naquele momento histórico do início do século XX, com Antônio Candido e os livros *A educação pela noite & outros ensaios*, 1989 e *Literatura e sociedade*, de 1965; com Nelly Novaes Coelho no livro *Panorama histórico da literatura infantil*, de 2010; Marisa Lajolo e Regina Zilberman, com o livro *Literatura infantil brasileira*, 2007; e Eliana Yunes, com o livro *Presença de Lobato*, de 1982.

Por fim, percebi a importância de observar a relação de Lobato com o gênero fábula e verifiquei que a escrita delas foi um trabalho contínuo, realizado no decorrer de suas edições. Fui em busca então de verificar as diversas edições, o que me levou a pesquisar onde poderiam ser encontradas. Ao pesquisar em quais bibliotecas poderia encontrar estas edições, obtive como resultado algumas edições iniciais da obra poderiam ser consultadas no acervo da Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo. A visita a essa biblioteca foi muito produtiva, pois além poder ver e fotografar os livros de Lobato e algumas de suas cartas destinadas a amigos, o profissional da instituição apresentou-me três outros livros de fábulas: *Fabulas de La Fontaine* (1886), *Fabulas: para uso das classes de língua materna* (1911) e *Collecção de Fabulas imitadas de Esopo e La Fontaine* (1913), que foram escritos na época em que o autor fizera sua crítica sobre a pobreza de leituras para as crianças brasileiras. Lê-los possibilitou-me dialogar com o descontentamento do autor.

Tendo melhor compreendido o diferencial da literatura de Lobato, parti para o segundo objetivo deste trabalho, em que busquei identificar e analisar os recursos linguísticos presentes nas *Fábulas* e a relação entre texto e contexto feita por Lobato, o que originou o quarto capítulo desta dissertação. Nesta etapa, as releituras foram fundamentais para atingir o objetivo proposto; fui pesquisando, ao ler e reler o livro, o que a revisão bibliográfica me indicou como diferenciais em Lobato e investigando quais deles foram utilizados na obra.

Ao escrever esse capítulo comecei pela observação que fiz ao ler o livro de fábulas de Esopo e de La Fontaine que Dona Benta contou à turma do Sítio, substituindo e inventando palavras, o que me indicou que o escritor, pela narrativa da senhora, mostrou sua preocupação com a deslitteraturização, aproximando a linguagem escrita da oralidade.

Para exemplificar o primeiro apontamento de minha pesquisa, no quarto capítulo, tomei como exemplo a fábula *A raposa e as uvas*, a partir de três escritas; a primeira foi a tradução das *Fábulas de La Fontaine* feita por Bocage em 1886 para mostrar como eram as fábulas disponíveis no momento em que Lobato fez sua crítica, afirmando que as crianças não tinham uma produção adequada a elas; já a segunda e a terceira escritas são fábulas realizadas por Lobato, sendo que a segunda trata-se da primeira narrativa que Lobato nos apresenta em 1921 e a terceira escrita a narrativa que podemos contemplar atualmente no livro *Fábulas* (2010).

Ao observar essas três versões da mesma fábula percebi, da tradução do texto de La Fontaine, que a crítica de Lobato ao apontar o distanciamento das antigas fábulas do leitor brasileiro é verdadeira, pois nestas há uma linguagem com palavras de difícil compreensão e com uma expressão idiomática que não é utilizada no contexto nacional. Observando então as fábulas de Lobato foi possível perceber que ele, embora mantenha o mesmo enredo, retira as palavras empoladas e a expressão idiomática e passa a respaldar a fábula pela oralidade brasileira, incluindo expressões comuns à realidade do país de seu tempo e incluindo um ditado popular nacional, desta forma deslitteraturizando o texto. O motivo que me levou a apresentar as duas narrativas do escritor brasileiro foi o de indicar que Lobato repensou a sua obra, com o objetivo de aproximar a linguagem da fábula ao máximo possível de seu pequeno leitor, pois o seu texto escrito em 1921 ainda continha requisitos de uma linguagem que dificultava a leitura, mas ele a reescreveu retirando os vestígios da herança da colonização.

Percebendo então que Lobato manteve a essência da fábula, mas que modificou a linguagem para aproximar a narrativa do pequeno leitor, fiz a releitura da obra a procura dessa diferenciação e notei que a ação de Lobato foi possível devido aos recursos

linguísticos por ele utilizados, o que me possibilitou compreender e valorizar a relevância desse diferencial, constatando que eles são artifícios utilizados pelo autor para compor o estilo diferencial na literatura, integrando o projeto de deslitteraturização por ele pretendido. Essa constatação me conduziu a reler várias vezes a obra à procura de recursos linguísticos, destacando cada um deles e como foram utilizados por Lobato.

O primeiro recurso que contemplei foi o que mais encontrei em minhas releituras: em todas as fábulas em algum momento aparecem as expressões idiomáticas e também na maioria das narrativas aparecem os ditados populares. Percebendo isso, busquei compreender o que seriam essas expressões e cheguei ao termo *fraseologismo* e a sua definição; depois de identificá-lo, fiz novamente releituras buscando compreender como o recurso esteve presente na obra. Para exemplificar a contextualização dada por Lobato ao utilizar as expressões idiomáticas, escolhi a fábula *O rato do campo e o rato da cidade*, que contém em seu corpo quatro expressões: **boca aberta**, **orelha em pé**, **franziu o nariz** e **corações aos pinotes**, expressões pronunciadas com naturalidade diante dos fatos da vida e que dependem de contexto frásico para compreendermos o sentido global que representam.

Em relação aos ditados populares, constatei que Lobato os utilizou com a moral das fábulas, indicando os ensinamentos que ela poderia representar em situações do cotidiano. Como exemplos, reportei a três fábulas para indicá-los. Primeiro, indiquei o ditado “Quem vê cara não vê coração”, expressado na fábula *O rato, o gato e o galo*, depois, indiquei o ditado “Fazei o bem e olhai a quem” indicado na fábula *O homem e a cobra* e também a modificar o ditado “Fazei o bem sem olhar a quem”; por fim, o ditado “Amigos: lé com lé, cré com cré” escrito na fábula *A gralha enfeitada com penas de pavão*.

O segundo recurso que busquei compreender na obra foi a importância da invenção de algumas palavras feita por Lobato e identifiquei que se trata do recurso linguístico denominado neologismo. Após a releitura da obra, à procura desse recurso, destaquei como exemplos dois neologismos escritos na fábula *Os dois viajantes na Macacolândia*: a palavra **Macacolândia** e a palavra **macacalha**.

O terceiro recurso que contemplei foi a gradação. Constatei em minhas releituras que esse recurso foi utilizado em todas as fábulas do escritor ao apresentar palavras no diminutivo e no aumentativo, de maneira apropriada para o contexto. Percebi que o grau diminutivo foi utilizado de diferentes maneiras dependendo do que Lobato quis representar; como exemplos deste grau, indiquei palavras que denotam tamanho, afetividade e expressão pejorativa. Em minhas releituras também constatei que Lobato utilizou aumentativos em diferentes possibilidades que o grau pode representar, como ocorre na oralidade; encontrei palavras que denotam depreciação, intensificação de uma qualidade negativa e algo positivo.

O quarto recurso que observei foi que o autor utilizou o grau superlativo, ao empregar o sufixo *-íssimo(a)*, recurso este empregado com naturalidade na linguagem oral para demonstrar a intensidade de algo.

O quinto recurso que busquei analisar foi a onomatopeia, utilizada para representar alguns sons na fala. Este recurso foi utilizado pelo autor de maneira a contribuir com a expressividade da narrativa, possibilitando um tom dramático ao texto e despertando sentimentos.

O sexto e último recurso que contemplei em meu estudo foi a sinédoque, sendo este um artifício da linguagem em que se troca a parte pelo todo. Com esse recurso, Lobato demonstra a importância do estilo na escrita para realçar a fábula, mas como ele mesmo advertiu, sem excessos.

Para ilustrar que Lobato utilizou mais de um recurso em uma única fábula, esforçando-se em escrever as narrativas com uma linguagem que se apresentasse tal como no cotidiano, dedicando-se ao seu projeto de deslitteraturização, optei por exemplificar com a fábula *O lobo e o cordeiro*; a escolha desta fábula justifica-se pelas palavras de Dona Benta de que se trata da fábula “mais famosa, bela e profunda”. Como resultados, encontrei três recursos utilizados pelo autor; o primeiro foi o fraseologismo ao escrever a expressão idiomática “**não deu o rabo a torcer**” e o ditado popular “**Contra forças não há**

**argumentos**". O segundo recurso linguístico que Lobato usou foi o diminutivo ao escrever a palavra **cordeirinho**. E o terceiro recurso foi a onomatopeia **nhoque**!

Como suporte teórico para a reflexão sobre os recursos utilizados pelo autor, além dos textos elencados na revisão de literatura, respaldei-me no livro *Estilística da língua portuguesa*, do professor Rodrigues Lapa, de 1979, no *Dicionário de lingüística e gramática*, escrito por Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1977), no livro *Gramática histórica da língua portuguesa*, escrito pelo filólogo Manuel Said Ali (2001) e no livro *Emília no país da gramática*, de Monteiro Lobato (1950).

A opção pela metodologia escolhida contribuiu para o reconhecimento dos recursos linguísticos que Lobato utilizou na obra *Fábulas* como integrante de seu projeto de deslitteraturização, sendo possível, com os apontamentos por mim indicados durante o percurso desta dissertação, reconhecer o estilo peculiar lobatiano, que conferiu originalidade às fábulas, valorizando-as como clássicas e indo ao encontro da indicação de Antonio Candido sobre a importância da literatura para a sociedade.

A comprovação de que o autor compôs artesanalmente o seu estilo literário ao utilizar a linguagem de maneira mais expressiva, como ocorre na oralidade, fazendo relações entre o texto e o contexto, integraliza a preocupação que temos hoje com a leitura e nos aponta a validação da proposta do MEC ao indicar o livro como integrador do acervo para as escolas públicas.

O caminho para concretizar esta pesquisa foi percorrido continuamente de uma forma reflexiva. A cada restauração, busquei o conversar com os autores para responder ao problema levantado; muitas vezes minha escrita foi reescrita, aumentada, apagada, até chegar ao final deste caminho, que será o início de outros.

## Capítulo 2

**ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA: O  
PROCESSO DE DESLITERATURIZAÇÃO EM FÁBULAS**

A história de Monteiro Lobato se entrelaça a importantes acontecimentos históricos no Brasil; sua trajetória de vida acompanhou grandes transformações que ocorriam no país e, mais que isso, o autor foi protagonista e contribuiu com muitas delas.

O menino Juca, como era carinhosamente chamado por seus familiares, nasceu em 18 de abril de 1892 (AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 2001) e vivenciou nos primeiros anos de sua vida o contexto do país que já tinha sua emancipação política de Portugal consolidada com a independência realizada em 1822, mas que ainda vivia sob o regime monárquico comandado pelo imperador Dom Pedro II.

Lobato pôde acompanhar em sua infância a falta de prestígio que se instaurou à monarquia, que já não correspondia aos anseios da população, que vislumbrava mais liberdades econômicas e menos autoritarismo. O menino, aos sete anos de idade, presenciou quando a coroa portuguesa já não conseguiu sustentar tal situação, levando à queda da monarquia e a instauração do regime político realizadas pelo Marechal Deodoro da Fonseca, que originou a República Federativa e Presidencialista do Brasil.

O país, neste período, passou por grandes transformações que exigiram um olhar crítico da população, mas não podia simplesmente esquecer tudo que já havia se instaurado até o momento, como afirma Coelho:

[...] na virada do século, dentre os problemas mais urgentes estava o da *consciência nacionalista* a ser conquistada ou aprofundada. Obviamente, essa conquista dependia de um processo de maturação que vai durar anos... Não é nada fácil, para um povo colonizado culturalmente e dependente economicamente de nações poderosas, encontrar a *sua* medida ou a *sua* verdade (COELHO, 1991, p. 226, grifos da autora).

Neste contexto cresceu Lobato, alternando seus passos entre a cidade de Taubaté e a fazenda de seu avô Visconde de Tremembé, ambas localizadas no interior paulista. Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusto Lobato, o menino que tinha como nome de batismo José Renato Monteiro Lobato, já mostrava forte personalidade desde criança, como pode-se perceber, por exemplo, com o fato de resolver mudar seu nome. Essa situação foi revelada por Lobato na entrevista que o autor concedeu a Silveira Peixoto da “Gazeta-Magazine”:

– Devia ter uns cinco ou seis anos. Meu pai chamava-se José Bento Marcondes Lobato, e tinha uma bengala que era meu encanto: um unicornio côm de âmbar, com um castão de ouro granulado. Bem em cima, no topo do castão, numa parte lisa do metal, estavam as iniciais J. B. M. L. Essas iniciais estragavam-me tudo. Afinal, pensava eu, quando meu pai morrer não poderei usar essa bengala: eu me chamo José Renato; as iniciais são J. B.; esse diabo do B...

– Então?...

– Por causa da bengala resolvi mudar meu nome, e passei a chamar-me, para todos os efeitos, José Bento (LOBATO, 1964, p. 170).

O autor sempre teve um olhar diferenciado sobre as coisas e os fatos; como afirma Alberto Conte no livro *Monteiro Lobato: o homem e a obra* (1948) “seu cérebro é uma caldeira em que fervem pensamentos a disputarem entre si o foco da consciencia por não poder coexistir nela todos ao mesmo tempo” [sic] (CONTE, 1948, p. 23).

Com essa essência crítica Lobato cresceu e em meio a brincadeiras, leituras e reflexões, pensando e repensando por toda uma vida os acontecimentos que ocorriam em diferentes esferas, que variavam desde coisas simples do cotidiano até as mais profundas transformações da sociedade.

Criado junto com suas irmãs Judite e Ester, Lobato brincava com bonecos feitos por eles com materiais encontrados no sítio como chuchu e sabugos de milho; essa infância contribuiu mais tarde para escrever suas personagens, como ele mesmo afirma em sua autobiografia: “por isso, cada um de meus personagens - Pedrinho, Narizinho, Emília e

Visconde - representa um pouco do que fui e um pouco do que não pude ser"<sup>4</sup> (COC, 2015, s/p).

O avô de Lobato foi um nobre proprietário rural que tinha muitos recursos; em sua casa havia uma biblioteca muito rica que proporcionou ao escritor, desde pequeno, conhecer diferentes autores como é indicado por ele: “sempre amei a leitura. Li Carlos Magno e os 12 pares de França, o Robinson Crusoé e todo o Júlio Verne” (LOBATO, 1964, s/p).

Como afirma Yunes (1948), desde cedo ele recebeu os benefícios de uma educação clássica, sendo muito incentivado a estudar. O menino que já havia sido alfabetizado em casa antes mesmo de ir para a escola, aos sete anos ingressou no Colégio Kennedy de Taubaté e aos 13 foi estudar na cidade de São Paulo, no Instituto de Ciências e Letras para se preparar para entrar mais tarde na faculdade de Direito (AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA 2001).

Seu gosto pela leitura incitou o gosto pela escrita, que começou cedo, como é indicado na entrevista cedida à “Gazeta-Magazine”: “foi num jornalzinho do ‘Colégio Paulista’, de Taubaté [...]. Mas foi no tal jornalzinho – ‘O Guarani’ – que publiquei minha primeira coisa. Apareceu sob o pseudônimo de Jos-ben” (LOBATO, 1964, p. 170).

O entrevistador Peixoto, insistiu no assunto e perguntou do que se tratava o escrito, e Lobato respondera: “- Era uma anedota de meia coluna. Eu tinha quatorze anos. Aos dezesseis anos meu jornal foi um periódico que se editava naquela mesma cidade. Não me lembro o nome, mas ainda conservo os recortes” (LOBATO, 1964, p. 170-171).

Lembrando-se dos escritos que guardava, Lobato levantou-se e foi buscar um livro enorme, em que Purezinha colara diversos artigos, e afirma:

– Aqui estão as primeiras coisas: “Poemas da juventude”, “Tilcara”, “Guaxará”... Tudo fantasias rescendentes às primeiras leituras: José de Alencar, Coelho Neto, Catulle Mendès ... E tudo assinado por pseudônimo. Eu usei um bando de pseudônimos[...] ... Escrevi, depois, em varias folhas

---

<sup>4</sup> Monteiro Lobato biografia. Disponível em: <<http://www.cocfranca.com.br/biografia.htm>> Acesso em: 10 jun. 2015.

colegias: numa “Patria” do instituto de Ciencias e Letras, aqui em S. Paulo, no “H<sup>2</sup> S”... (LOBATO, 1964, p. 171).

O despertar pela leitura e escrita lhe inspirou a tomar a decisão de seguir um ofício em que fosse possível desenvolver sua criatividade; porém, já prestes a tomar essa decisão, seu pai morre em 13 de junho de 1898 e depois de aproximadamente um ano, em 22 de junho de 1899, morre também sua mãe e quem fica com a sua guarda e a de suas irmãs foi o avô, que determinou que Lobato optasse por Direito, contrariando sua vontade, como ele afirma em sua autobiografia: “Formei-me em Direito em 1904, pela Universidade de São Paulo. Queria ter cursado Belas Artes ou até Engenharia, mas meu avô, Visconde de Tremembé, amigo de Dom Pedro II, queria ter na família um bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais” (LOBATO, 1964, s/p).

Formou-se em 1904 e em 1907 foi nomeado promotor de Areias, cidade próxima de Taubaté. Nesse mesmo período, como afirmam Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001) Lobato conheceu Maria da Pureza de Castro Natividade, moça pela qual se casou e tiveram juntos quatro filhos: Edgard, Guilherme, Marta e Rute.

Sua carreira profissional tomou novos rumos quando seu avô morreu, em 1911, e lhe deixou como herança a fazenda Buquira (AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 2001). Lobato começou então a se dedicar a assuntos do campo, como agricultura e pecuária, áreas pouco conhecidas por ele. É interessante notar que mesmo mudando de promotor para fazendeiro, seu encanto pela arte da palavra continuou presente:

Já não volto para Areias — abandono a carreira. E com pesar. Aqueles dias lá passados, sem serviço como promotor, todo entregue ao mais absoluto borboleteio mental, ora em caça de coisas no Camilo, ora a ler e anotar o Aulete ou a traduzir artigos do *Weekly Times*, ou a tentar um conto, ou a ler um livro novo — tudo isso, dentro da nossa eterna troca de conversa escrita, é coisa de deixar saudades, pois não. Minha vida agora vai ser de “proprietário”. [...] E agora vou ser proprietário de coisas — casas, terras, fazendas. Mas a “nossa agulha” será conservada e continuaremos *quand même* a costurar as nossas secretas literatices (LOBATO, 1972, p. 160).

A vida como agricultor, segundo Souza (2004) apresentou dificuldades, como as frequentes geadas, o preço do café e as doenças, o que desanimou Lobato e o levou a vender a fazenda em 1917; assim, “à medida que o projeto agrícola fracassava, o projeto literário tornava-se mais pujante” (SOUZA, 2004, p. 131).

A literatura, companheira de toda sua vida, foi ganhando cada vez mais espaço no seu pensar e, se antes era prestigiada apenas como um deleite, passou a ser sua carreira profissional. O autor que estava sem direção de ofício, resolveu investir no campo literário:

Acaba de fazer um ano que comprei a *Revista do Brasil*. Fiz isso por esporte, por falta de ocupação depois que vendi a fazenda, e consumi um ano em apalpadelas e experiência do negócio. Saiu melhor do que esperei. Para o comprovar, basta uma olhadela no balanço. Quando fiz a compra, o ativo era 3 contos e o passivo de 16; custou-me portanto 13 contos. Hoje, um ano depois, estamos com um ativo de 70 contos e um passivo de zero (LOBATO, 1972, p. 294-295).

O investimento o fez ter uma expectativa otimista no ramo, o que possibilitou uma inclinação favorável para em seguida criar a primeira editora brasileira de propriedade particular, a Monteiro Lobato & Cia. que, depois, passou a se chamar Companhia Editora Nacional.

A edição de livros feita pelo autor foi um grande marco para o país, pois segundo Lajolo e Zilberman “até a chegada de D. João ao Brasil, em 1808, o suporte editorial (e tipográfico) necessário para um assentamento de um sistema literário era, mais do que precário, inexistente” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991, p. 26).

Com as mudanças ocorridas no Brasil a preocupação com a leitura começou a ganhar impulso, mas mesmo assim os livros ainda não tinham conquistado o brasileiro, como podemos constatar em uma crônica escrita em 1895, pelo escritor Machado de Assis:

Que pouco se leia nesta terra é o que muita gente afirma, há longos anos; é o que acaba de dizer um bibliômano na Revista Brasileira. Este, porém, confirmando a observação, dá como uma das causas do desamor à leitura o ruim aspecto dos livros, a forma desigual das edições, o mau gosto, em

suma. Creio que assim seja, contanto que essa causa entre com outras de igual força [...] (ASSIS, 2004, p. 665).

Lobato, vivenciando essa situação e com seu tino crítico diante do que estava a ocorrer, percebeu a importância de livros que conquistassem o leitor, como ele próprio afirmara: "livro é sobremesa: tem que ser posto debaixo do nariz do freguês para provocar-lhe gulodice" (KOSHIYAMA, 1982, p. 72); por isso, passou a preocupar-se em realizar uma produção gráfica atraente.

O empreendimento respondeu com resultados positivos e além de publicar livros de diversos autores, Lobato retoma finalmente seu projeto que havia sido apagado com o pedido do avô de tornar-se advogado; e a carreira de escritor que tinha começado a se despontar com alguns escritos em jornais e revistas é, enfim, consolidada quando o autor lançou obras com temáticas para adultos.

Entrelaçada a essas mudanças editoriais também estava a preocupação de Lobato junto a uma grande parcela da população brasileira, que desejava um país que pudesse ser chamado de seu, sendo para isso importante o valorizar de seu território e de sua cultura. O desejo de mudança se solidificou e começaram a surgir movimentos que contribuíram com a instauração do ideário que valorizasse a nação e a identidade nacional, entre os quais estava o literário e a maneira como era escrita, como afirma Antonio Candido:

Os portugueses do século XVI trouxeram formas literárias refinadas, devidas geralmente à influência italiana do Renascimento, que em Portugal superou a maioria das formas de origem medieval, talvez melhor adequadas ao gênio nacional e sem dúvida mais arraigadas na cultura popular. Esta linguagem culta e elevada, nutrida de humanismo e tradição greco-latina, foi o instrumento usado para exprimir a realidade de um mundo desconhecido, selvagem em comparação ao do colonizador. A literatura brasileira, como as de outros países do Novo Mundo, resulta desse processo de imposição, ao longo do qual a expressão literária foi se tornando cada vez mais ajustada a uma realidade social e cultural que aos poucos definia a sua particularidade [...] (CANDIDO, 1999, p. 12).

O nacionalismo então começou a ganhar formas e o Brasil paulatinamente tem a “tomada de consciência”, de acordo ainda com Candido:

[...] Na lenta maturação da nossa personalidade nacional, a princípio não nos destacávamos espiritualmente dos nossos pais portugueses. Mas, à medida que fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles nos opusemos, num esforço de auto-afirmação, enquanto, do seu lado, eles nos opunham certos excessos de autoridade ou desprezo, como quem sofre ressentimento ao ver afirmar-se com autonomia um fruto seu. A fase culminante da nossa afirmação — a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo — se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses, até que a autoconfiança do amadurecimento nos levasse a superar, no velho diálogo, esta fase de rebeldia (CANDIDO, 2006, p. 118).

Lobato, consciente de toda essa fermentação e sabendo da importância que a literatura poderia corroborar, investe em obras que fossem ao encontro de uma identidade nacional genuinamente brasileira. No entanto, sua criticidade o levou a perceber que para o país alcançar seu diferencial seria necessário mudar o foco de seus escritos para o público infantil:

A criança é a humanidade amanhã. No dia em que isto se transformar em axioma – não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos, no fundo da alma – a arte de educar as crianças passará a ser a mais intensa preocupação do homem.

Estamos ainda, infelizmente, num período, em que a criança, em vez de ser considerada como o dia de amanhã, não passa de *nuisance*. Animalzinho incômodo, para os pais e professores. Daí toda a monstruosa negligência a seu respeito (LOBATO, 1964, p. 249, grifo do autor).

A literatura infantil até Lobato teve publicações que foram impulsionadas por intenções didáticas realizadas para fins da literatura escolar. (PERROTTI, 1986). Desta maneira, a produção para as crianças perpassava pelo âmbito escolar “sendo muito natural, portanto, que nessa época de valorização do saber, de efervescência nacionalista e de

reinvidicações liberais, se multipliquem as manifestações de reforma de reforma e literária, visando à formação das novas gerações brasileiras” (COELHO, 1991, p. 204).

Esse caráter utilitarista não poderia proporcionar às crianças o que Lobato almejava como uma literatura para crianças:

O menino aprende a ler na escola e lê em aula, á força, os horrorosos livros de leituras didactica que os industriaes do genero impingem nos governos. Coisas soporíferas, leituras civicas, fastidiosas patriotices.[...]. Aprende a odiar a patria, synonymo de séca, e a considerar a leitura como um instrumento de supplicio.

A patria pedagogica, as coisas da patria pedagogicada, a ininterrupta amolação d’uma pátria de encomenda, empedagogada em estylo melodramatico, e embutida a martello num cerebro pueril que sonha acordado e, fundamente imaginativo, só pede ficção, contos de fada, historia de anõezinhos maravilhosos, “mil e uma noites” em summa, apenas consegue uma coisa: fazer considerar a abstracção “patria” como um castigo da peor especie (LOBATO , 1922a, p. 156-157).

Constatando isso, o autor percebeu a necessidade de uma literatura para crianças diferente da que existia naquele momento, como afirma Regina Zilberman: “diante de um modelo autoritário de literatura infantil, Lobato produzirá, mais tarde, uma literatura profundamente emancipadora” (ZILBERMAN, 1993, p. 230).

Entre os muitos livros escritos para as crianças está o livro *Fábulas* (1922), um dos percussores de seu projeto de literatura infantil. Anteriormente à escrita do livro, seis anos antes de sua publicação, em 1916, Monteiro Lobato escreveu uma carta a seu amigo Godofredo Rangel, afirmando seu desejo de compor fábulas de uma forma diferenciada da existente à época. Segue um trecho da referida correspondência:

[...] Ando com várias ideias. Uma vestir à nacional as velhas fabulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fabulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memoria e vão reconta-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção á moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, á medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulario nosso, com bichos daqui em vez de exóticos, se for feito com

arte e talento dará coisa preciosa. As fabulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fabulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. [...] (LOBATO, 1956, p. 104).

Na carta, percebemos que Monteiro Lobato estava descontente com a literatura destinada às crianças brasileiras e que pretendia escrever fábulas como “o começo da literatura que nos falta” (LOBATO, 1956, p. 104). Nessa época, o Brasil passava por um período de adaptação ao regime republicano e possuía muito mais livros importados e, em relação às fábulas, essas possuíam características de seus países de origem ou eram escritas e/ou traduzidas na língua portuguesa com peculiaridades de Portugal, não sendo favoráveis ao público brasileiro, como afirma o próprio escritor: “as fabulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis [...]” (LOBATO, 1956, p. 104).

Para ilustrar o que constatou o autor, trago na sequência a fábula *O gallo e a raposa*, retirada do livro *Fábulas de La Fontaine*, traduzido por poetas de Portugal e do Brasil e publicado em 1886. Nele se pode observar uma linguagem de difícil compreensão para o público infantil:

#### O gallo e a raposa

Empoleirado n’um sobreiro antigo,  
Fazia um velho gallo sentinela.  
Uma raposa diz-lhe: “Irmão e amigo,  
Venho trazer-te uma noticia bela.

Nas nossas dissensões lançou-se um traço  
E acaba de assingnar-se a paz geral;  
Desce, que quero dar-te estreito abraço  
E juntamente o beijo fraternal!

– Amiga, diz-lhe o gallo, folgo imenso  
 Não podia esperar maior delicia!...  
 Vejo dois galgos a correr, e penso  
 Que são correios da feliz noticia.”

Foge a raposa sem dar mais cavaco:  
 E o gallo sentiu intimo consolo,  
 Pois é grande prazer ver a um velhaco  
 Entrar espertalhão e sair tolo!

Tradução: José Ignacio D’Araujo (LA FONTAINE, 1886).

À época das *Fábulas* havia também alguns livros já escritos no Brasil, mas que continham características trazidas de outros países, o que Candido (1989) chama de “imitação servil” em relação ao estilo da literatura que fora feita por alguns autores brasileiros. Como exemplo, podemos citar o livro *Fabulas – para uso das classes de língua materna (arranjadas pelo Director)*, do Instituto Henrique Köpke, escrito por João Köpke em 1911. Apesar de o livro indicar no título que o mesmo seria para uso escolar, é possível perceber que a linguagem presente não era próxima da criança, apresentando uma difícil compreensão, como é possível constatar ao ler, por exemplo, a fábula transcrita na sequência:

O gallo e a raposa

Um gallo, trepado  
 N’um alto poleiro  
 Cu... cucuritava  
 Inchado e lampeiro

E Mestre Raposo  
 No topo o bispando,  
 Sentiu ir-lhe a agua  
 A boca inundando.

<<Palavra>> entre-disse,  
 <<Que eu bem almoçára,  
 <<Se aquelle patife  
 <<De geito pilhára.

<<Vou ver se lhe prego  
<<Algumas das minhas;  
<<Se metto no bucho  
<<O rei das galinhas.>>

Em isto pensando,  
Buscou Mestre Gallo  
E disse, sizudo,  
Depois de saudal-o:

<<Já sabe, meu caro,  
<<Da nova importante?>>  
<<Não sei,>> lhe respondeu  
O gallo no instante.

<<Pois olhe que é pena!  
<<É cousa de monta.  
<<As folhas do dia  
<<A trazem na ponta

<<'Stá finda a contenda  
<<Que nos dividia;  
<<Vivemos agora  
<<Em santa harmonia.

<<Os ratos - do gato  
<<Estão livres. Carneiros  
<<Não temes os lobos.  
<<Aos seus galinheiros

<<Não póde o milhafre  
<<Ir pelos pintinhos.  
<<Em summa, seremos  
<<Uns bons amiguinhos>

Ouvindo a noticia,  
O gallo esticou-se  
E, sobre o poleiro,  
Em pé levantou-se,

Tal como se ao longe  
Qualquer cousa visse.  
Ao que a raposa:  
<<Que é isso?>> lhe disse.

<<'Stou vendo no campo,

<<Correndo ligeiros,  
<<A todo o galope,  
<<Uns cães perdigueiros.

<<Socegue. Parece.  
<<Que são portadores  
<<Da grata notícia  
<<Aqueles senhores.>>

<<Cautela,>> replica  
A astuta raposa  
<<Não mata doente;  
<<Não cheira-me a cousa.>>

<<Não vás, torna o gallo;  
<<Se a paz foi firmada  
<<De que é que te temes?>>  
<<De nada, de nada;

<<Mas como o Seguro  
<<Morreu de velhice,  
<< A pelle arriscar-se  
<<De certo é tolice.

<<Talvez que os amigos  
<<Não estejam ao facto  
<<De tudo; - não saibam  
<<Do novo contracto.

<<Adeus, Mestre Gallo;  
<<Saúde e gordura!>>  
E mestre Raposo  
Os passos apura.

*Os pobres suspeitam,  
Com muita razão,  
Se esmola excessiva  
Lhes deitam na mão (KÖPKE, 1911, p. 11-15, grifos do autor).*

Como se pode observar na fábula traduzida e na fábula escrita por Köpke, a constatação de Monteiro Lobato de que as crianças tinham poucas possibilidades de iniciação à leitura é legítima.

O gênero literário que encantou Lobato trata de histórias imaginárias contadas em verso ou em prosa, com uma narração breve de caráter alegórico que tenta explicar o comportamento humano em situações descompassadas entre o que é falado e o que realmente é feito para ilustrar preceitos aos que as interpretam. Sua textualização, segundo Alceu Lima (1984), é elaborada pela composição do discurso figurativo, que é a história, e do discurso não-figurativo, que é a moral.

Elas são muito antigas e suas origens se perdem na antiguidade mais recuada, nas tradições populares extraordinárias, sendo encontrados resquícios de longa data. Segundo Maria Celeste Dezotti (2003) muitos estudos foram feitos para descobrir a pátria das fábulas, sendo que as opiniões encontravam-se divididas entre origens grega ou indiana; porém, a decifração de textos sumerianos possibilitou novas reflexões:

[...] No começo deste século, porém, a decifração da escrita cuneiforme possibilitou o conhecimento de textos sumérios datados, no mínimo, do século XVIII a.C., que veiculavam narrativas com personagens animais antropomorfizados muito parecidas com as fábulas gregas e indianas (DEZOTTI, 2003, p. 21).

Mesmo advindas de diferentes tradições, as fábulas apresentam características parecidas, sendo “um modo universal de construção discursiva” (DEZOTTI, 2003, p. 21) e que discorrem sobre assuntos como poder, força, maldade, estupidez, ingenuidade, esperteza, inteligência, agilidade, paciência e bondade.

Como herança, temos como maiores influências as fábulas de tradição indiana e as fábulas de tradição greco-latina, sendo que Lobato, na carta a Rangel, indica que sua ideia era “vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine” o que indica que sua referência para reescrever o gênero foi a greco-latina.

Em outra carta a Rangel, datada de 13 de abril de 1919, Lobato também indicou sua vontade de realizar uma literatura infantil utilizando o gênero fábula. A escrita de quase três anos após exprimir sua intenção a Rangel revela que o escritor começa a pôr em prática

sua ideia e escreve algumas fábulas, enviadas ao amigo com o pedido de que as analisassem:

39

Tive ideia do livrinho que vai para experiência do publico infantil escolar, que em matéria fabulistica anda a nenhum. Há umas fabulas de João Kopke, mas em verso – e diz o Correia que os versos de Kopke são versos do Kopke, isto é, insultos e de não fácil compreensão por cerebros ainda ternos. Fiz então o que vai. [...] A mim me parecem boas e bem ajustadas ao fim – mas a coruja sempre acha lindo seus filhotes. Quero de ti duas coisas: juizo sobre a adaptabilidade á mente infantil e a anotação dos defeitos de forma [*sic.*] (LOBATO, 1956, p. 193).

Na verdade, mesmo com essa ideia e com algumas fábulas enviadas para o amigo, Lobato teve sua primeira produção literária infantil publicada em 1920, quando lançou primeiramente uns fragmentos da história *Lúcia ou a Menina do Narizinho Arrebitado* e, no natal do mesmo ano, pela sua editora, lançou *A Menina do Narizinho Arrebitado* (PARENTE, 2012).

No entanto, o gênero literário perpassou com intensidade os objetivos de Lobato com a literatura infantil, e ano seguinte, em 1921, dedica-se a publicar fábulas, começando um incessante empenho para aproximar o leitor ao gênero tão antigo. O percurso de suas escritas contendo fábulas é longo, mas vale conhecê-lo para poder compreender a dedicação do autor ao gênero; por não ser este o foco de minha pesquisa irei, na sequência, indicá-lo sem entrar em específico no cortejo de cada escrita.

Em 1921 Lobato apresenta as fábulas de duas maneiras diferentes para o público leitor: na Revista do Brasil, nos volumes XVII (maio - agosto) e XVIII (setembro - dezembro), e também lançando o livro *Fábulas de Narizinho*.

A Revista do Brasil, segundo De Luca (1999), foi criada para contribuir com o despertar da consciência nacional, sendo fundada por Júlio de Mesquita, em 1916 e, mais tarde, em 1918, comprada por Lobato, que começou a divulgar suas obras e de outros autores. Certamente esse foi um golpe de mestre do autor, que conseguiu difundir os

escritos de seus livros; entre esses escritos estão os capítulos que foram nomeados como *Fábulas em prosa*, redigidos nos volumes XVII e XVIII.



Figura 1 – Volume XVII da Revista do Brasil, maio-agosto de 1921.  
Organização: Michele Lopes de Lima Rocha, 2015.

Lobato inicia o capítulo *Fábulas em prosa* com uma nota explicativa sobre o gênero, no qual faz a sua definição do que sejam as fábulas e apresenta as estratégias que usou para formular as narrativas. Neste capítulo estão contidas as seguintes fábulas: *A cigarra e as formigas*; *O lobo e o cão*; *A cabra, o cabritinho e o lobo*; *Os dois burrinhos*; *O leão e o ratinho*; *O jequitibá e a tabúia*; *O pavão e o corvo*; *A piúva e o jabuti*; *O cavalo e as mutucas*; *A onça e as companheiras de caça*; *O lobo e o cordeiro*; *Os dois pombinhos*; *A galinha dos ovos de ouro* e *Os animaes e a peste*.

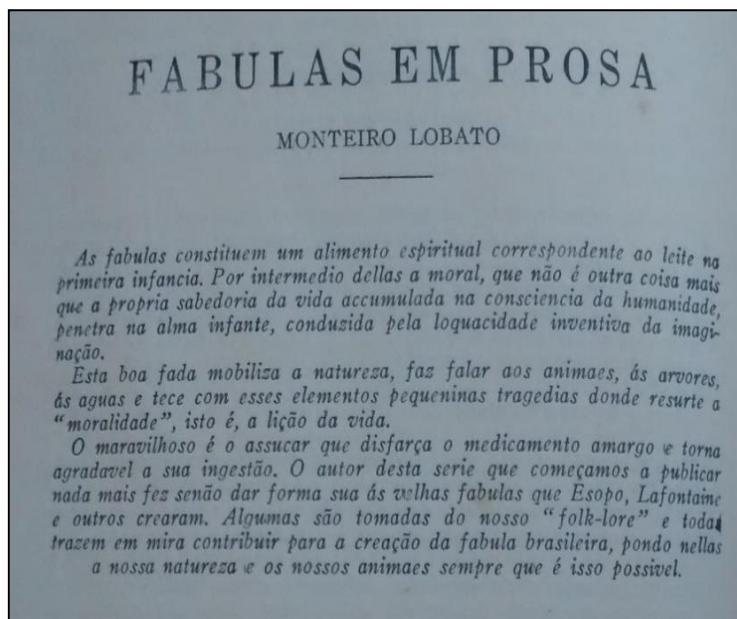


Figura 2 – Fábulas em prosa, de Monteiro Lobato – Explicação sobre o gênero.  
Organização: Michele Lopes de Lima Rocha, 2015.

Já no volume XVIII, o autor inicia com a fábula *O macaco e o gato* e, em seguida continua com as fábulas *O asno pedante e o burro humilhante*; *O gato e a raposa*; *O reformador do mundo*; *Assemblea dos ratos*; *O sabiá na gaiola*; *O lobo, a raposa e a ovelha* e *As abelhas e os zangãos*.

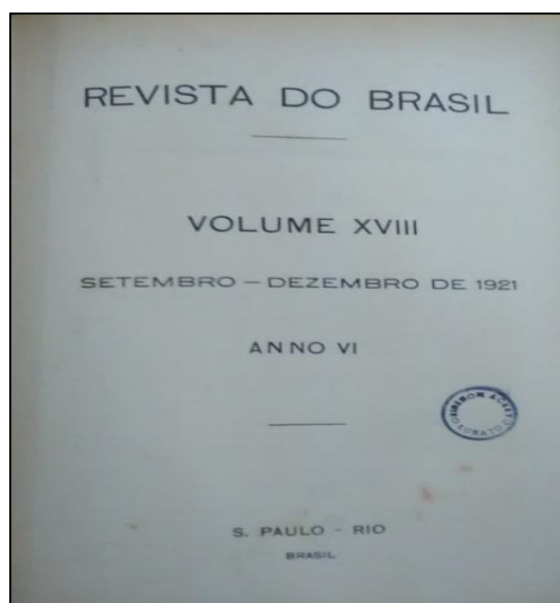


Figura 3 – Volume XVIII da Revista do Brasil, setembro-dezembro de 1921.  
Organização: Michele Lopes de Lima Rocha, 2015.

Ao observar esses volumes da Revista Brasil é possível verificar que Lobato apresentou 22 fábulas, as quais integraram o livro *Fábulas de Narizinho*, junto a mais sete fábulas. O livro, publicado pela Monteiro Lobato & Cia. Editores tem como nota introdutória uma escrita bem parecida com a que Lobato apresentou na Revista do Brasil:

As fabulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite da primeira infancia. Por intermedio dellas a moral, que não é outra coisa mais que a propria sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação.

Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animaes, ás árvores, ás águas e tece com esses elementos pequeninas tragedias donde resurte a “moralidade”, isto é, a lição da vida.

O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão.

O autor nada mais fez senão dar forma ás velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas de nosso “folk-lore” e todas trazem em mira contribuir para a criação da fábula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes sempre que isso é possível [*sic.*] (LOBATO, 1921, s/p.).

No livro as páginas não numeradas e há ilustrações de Voltolino, habilidoso desenhista do Brasil que à época ilustrou muitos livros. Nele, estão contidas 29 fábulas: *A cigarra e a formiga; Os dois burrinhos; O macaco e o gato; Os dois pombinhos; A mosca e o automóvel; O corvo e o pavão; As abelhas e os zangões; O leão e o ratinho; O veado e a moita; O gato e o sabiá; Os animaes e a peste; O elephante e o burro; O lobo e o cordeiro; O gato e a raposa; O cão e o lobo; A raposa e as uvas; O sabiá na gaiola; O cavallo e as mutucas; O lobo, a raposa e a ovelha; A piúva e o jaboti; A cabra, o cabritinho e o lobo; O asno pedante e o burro humilde; A galinha dos ovos de ouro; A onça, a anta e o macaco; O charlatão; O pastor e o leão; O reformador do mundo; Qualidade e quantidade e A coruja e a águia.*



Figura 4 – Capa de *Fábulas de Narizinho*, de Monteiro Lobato.  
Organização: Michele Lopes de Lima Rocha, 2015.

O livro escrito em 1921 finalmente solidificou a ideia referida na carta a Rangel cinco anos antes em que apresentou a vontade de escrever para as crianças, no entanto, ele ainda não estava como Lobato pretendia. Essa afirmativa pode ser comprovada ao observarmos o percurso da obra, pois ele não parou nas *Fábulas de Narizinho*, fazendo modificações em diferentes edições. Desta forma, notamos que a busca do autor por um texto ideal para as crianças brasileiras, vestido à nacional, motivou-o a escrever e reescrever por mais de vinte anos várias edições até chegar ao livro almejado, que hoje circula nas escolas públicas como componente do acervo do programa do MEC, o Ministério da Educação.

Após as *Fábulas de Narizinho*, no ano seguinte, em 1922, Lobato amplia a obra com novas fábulas e publica pela editora Monteiro Lobato & Cia. Editores, o livro *Fábulas*.

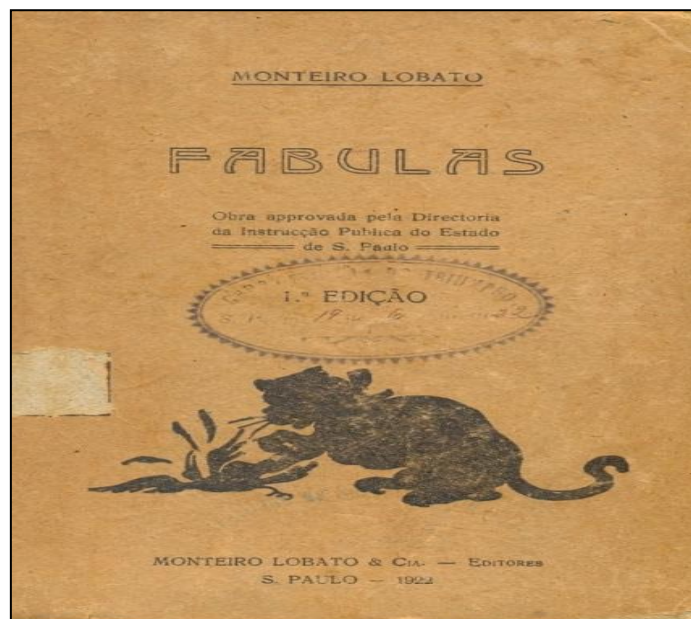


Figura 5 – *Fábulas*, 1922.  
Organização: Michele Lopes de Lima Rocha, 2015.

Esta obra apresenta o diferencial de não mais conter a nota introdutória, mas uma nota de advertência ao final que apresenta uma escrita semelhante a que havia na nota introdutória, distinguindo-se por não apresentar o último parágrafo, além também de conter a nota: “Obra aprovada pela Directoria da Instrucção Publica do Estado de S. Paulo” (LOBATO, 1922b, s/p).

O título *Fabulas de Narizinho* é alterado para *Fabulas* e, em relação a esta modificação, segundo minha leitura, pode indicar que Lobato usou inicialmente a estratégia de colocar Narizinho no título do livro para chamar a atenção do leitor infantil que já deveria conhecer a personagem de *A menina do narizinho arrebitado*, que teve um sucesso enorme à época de sua publicação. Compreendo que a mudança do título, na realidade, indica que Lobato reconheceu que esse jogo para propaganda não estava correto, pois as fábulas não foram escritas por Narizinho e também não há a presença da personagem, que aparecerá somente mais tarde.

A primeira edição da obra *Fabulas*, de 1922, tem em sua composição 77 fábulas. Podemos observar, ao compará-la com o livro escrito anteriormente em 1921 que, além das

fábulas já presentes anteriormente, a quantidade aumenta, sendo inseridas mais 48, como podemos observar no quadro 1, que segue:

Quadro 1 – Comparativo de títulos entre *Fabulas de Narizinho* (1921) e *Fabulas* (1922)

| <i>Fabulas de Narizinho</i>      | <i>Fabulas</i> - 1ª Edição |
|----------------------------------|----------------------------|
| A cigarra e as formigas          |                            |
| Os dois burrinhos                |                            |
| O macaco e o gato                |                            |
| Os dois pombinhos                |                            |
| A mosca e o automóvel            |                            |
| O corvo e o pavão                |                            |
| As abelhas e os zangões          |                            |
| O leão e o ratinho               |                            |
| O veado e a moita                |                            |
| O gato e o sabiá                 |                            |
| Os animaes e a peste             |                            |
| O elephante e o burro            |                            |
| O lobo e o cordeiro              |                            |
| O gato e a raposa                |                            |
| O cão e o lobo                   |                            |
| A raposa e as uvas               |                            |
| O sabiá na gaiola                |                            |
| O cavallo e as mutucas           |                            |
| O lobo, a raposa e a ovelha      |                            |
| A piúva e o jaboti               |                            |
| A cabra, o cabritinho e o lobo   |                            |
| O asno pedante e o burro humilde |                            |

|                            |                                        |
|----------------------------|----------------------------------------|
| A galinha dos ovos de ouro |                                        |
| A onça, a anta e o macaco  |                                        |
| O charlatão                |                                        |
| O pastor e o leão          |                                        |
| O reformador do mundo      |                                        |
| Qualidade e quantidade     |                                        |
| A coruja e a águia         |                                        |
| -                          | A rã e o boi                           |
|                            | A gralha enfeitada com pennas de pavão |
|                            | O rato da cidade e o rato do campo     |
|                            | O velho, o pastor e a mulinha          |
|                            | Burrice                                |
|                            | O julgamento da ovelha                 |
|                            | O burro Juiz                           |
|                            | Os carneiros jurados                   |
|                            | O touro e as rãs                       |
|                            | A assembléia dos ratos                 |
|                            | O gallo que logrou a raposa            |
|                            | Os dois viajantes na macacolândia      |
|                            | A menina do leite                      |
|                            | A rã sábia                             |
|                            | O sabiá e o urubu                      |
|                            | A morte e o lenhador                   |
|                            | O útil e o bello                       |
|                            | As aves de rapinas e os pombos         |
|                            | O burro na pele do leão                |

|  |                                     |
|--|-------------------------------------|
|  | A raposa sem rabo                   |
|  | O peru medroso                      |
|  | O leão, o lobo e a raposa           |
|  | O carreiro e o papagaio             |
|  | A mosca e a formiguinha             |
|  | O ratinho, o gato e o gallo         |
|  | A boa cachorra e a má               |
|  | Os ladrões e o burro                |
|  | O leão e a mutuca                   |
|  | O olho do dono                      |
|  | Os demandistas                      |
|  | O avarento e o tesouro              |
|  | A rã e o ratinho                    |
|  | O cavallo e o burro                 |
|  | O homem e a cobra                   |
|  | O leão, o urso, o macaco e a raposa |
|  | A cabra, o carneiro e o leitão      |
|  | Segredo de mulher                   |
|  | A onça enferma                      |
|  | O burro, o cachorro e a onça        |
|  | Os dois gatos                       |
|  | Pau de dois bicos                   |
|  | A garça e os peixes                 |
|  | O jequitibá e a tábua               |
|  | O imitador dos animais              |
|  | O sol e as rãs                      |
|  | As duas panellas                    |

|  |                                  |
|--|----------------------------------|
|  | A pelle de urso                  |
|  | A onça e os companheiros de caça |

Organização: Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima Rocha, 2015.

Mesmo depois de já ter feito algumas alterações na reescrita do livro é possível perceber que o autor continuou sua busca pelo livro ideal, fazendo também modificações na terceira edição, publicada em 1925. As mudanças nos títulos ocorrem quando o autor inseriu adjetivos, trocou elementos de posição e, também, quando modificou totalmente o título.<sup>5</sup> Ao fazer isso, o autor evidenciou sua preocupação em escrever com uma linguagem clara para o leitor ressaltando o que considerava como mais importante na obra como podemos verificar no quadro 2, na sequência:

Quadro 2 – Comparativo entre títulos alterados nas *Fabulas* (primeira e terceira edições)

| 1ª Edição                           | 3ª Edição              |
|-------------------------------------|------------------------|
| O gato e o sabiá                    | A fome não tem ouvidos |
| O lobo, a raposa e a ovelha         | O lobo velho           |
| O leão, o urso, o macaco e a raposa | A malícia da raposa    |
| A cabra, o carneiro e o leitão      | As razões do porco     |
| Os dois gatos                       | O gato vaidoso         |
| A garça e os peixes                 | A garça velha          |
| O jequitibá e a tabúa               | O orgulhoso            |
| A onça, a anta e o macaco           | O egoísmo da onça      |
| O elefante e o burro                | O burro sábio          |
| O Sol e as rãs                      | Mal maior              |
| O asno pedante e o burro humilde    | Tolice de asno         |

<sup>5</sup> No capítulo: *Os recursos linguísticos na obra Fábulas: revestir o escrito como falado* farei um estudo mais detalhado da fábula *O gato e o sabiá*, que tem o título alterado para *A fome não tem ouvidos*.

|                                  |                 |
|----------------------------------|-----------------|
| A onça e os companheiros de caça | Liga das nações |
|----------------------------------|-----------------|

Organização: Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima Rocha, 2015.

É possível perceber, com estas modificações, que Lobato estava preocupado em tornar cada vez mais a obra em um respaldo para o leitor, proporcionando um diálogo com as fábulas de maneira ainda mais compreensível.

Na terceira edição também é possível verificar que a nota de advertência volta ao início do livro e apresenta o seguinte texto: “Obra aprovada pela Directoria da Instrucção Publica dos Estados de S. Paulo, Paraná e Ceara” (LOBATO, 1925, s/p) o que indica que o sucesso do livro ganhara outros estados.

Sem dúvidas a inquietação de Lobato em proporcionar ao público leitor fábulas “sem espinhos”, ou seja, uma literatura sem aspas e sem uma linguagem que o repelisse por ser de difícil compreensão é algo ao qual o autor dedicou-se intensamente. Ao analisar as primeiras edições do livro foi possível verificar a preocupação do escritor em continuar melhorando as fábulas, pois muitos detalhes foram ponderados nas reedições, sempre na busca por uma melhor compreensão das leituras pelo público infantil,<sup>6</sup> uma vez que Lobato fazia reflexões sobre sua escrita, lapidando seus textos e tornando-os uma “joia preciosa”. Esse exercício de Lobato é, inclusive, constatado por ele próprio em uma carta escrita a seu amigo Godofredo Rangel:

[...] De tanto escrever para elas [as crianças], simplifiquei-me, apaixonei-me do certo [...] estou tirando tudo quanto é empaste.  
O ultimo submetido a tratamento foram as *Fabulas*. Como o achei pedante e requintado! Dele raspei quase um quilo de “literatura” e mesmo assim ficou alguma. O processo da raspagem não é melhor, porque deixa sinais – ou “esquirolas”, como eu diria se ainda tivesse coragem de escrever como antigamente (LOBATO, 1956, p. 340, adaptado).

<sup>6</sup> Como será possível observar no capítulo: *Os recursos lingüísticos na obra Fábulas: revestir o escrito como falado e, em especial, no subcapítulo: O lobo e o cordeiro: uma obra-prima.*

Outra modificação muito importante, que caracterizou a obra e a deixou sem igual, foi a inserção de comentários das personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, que ocorre na oitava edição em 1943, 22 anos após a publicação do primeiro livro, o que nos faz perceber a inquietação de Lobato. Segundo Parente:

Esses personagens receberam um enfoque diferente para a época em que foram escritos, anos 20 de 1900, pois constituem uma família diferente da que estávamos acostumados a ler nos livros, formada por pai, mãe e filhos. Lobato historia uma avó mais permissiva do que as outras, que cuida de dois netos muito espertos e com grande imaginação, além de dar vida a bonecos e animais, transformou-os em personagens com falas, desejos, tomadas de decisões, enfim, humanizou-os (PARENTE, 2012, p. 76).

Com essa inovação o livro, após a primeira fábula *A cigarra e a formigas*, apresenta a inserção do seguinte comentário:

– Esta fábula está errada! – gritou Narizinho. – Vovó nos leu aquele livro do Maeterlinck sobre a vida das formigas – e lá agente vê que as formigas são os únicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fábulas não eram lições de História Natural, mas de Moral.

– E tanto é assim – disse ela – que nas fábulas os animais falam e na realidade eles não falam.

– Isso não! – protestou Emília. – Não há animalzinho, bicho, formiga ou pulga que não fale. Nós é que não entendemos as linguinhas deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

– Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as linguinhas deles. Está satisfeita?

– Agora sim! – disse Emília muito ganjenta com o triunfo. – Conte outra (LOBATO, 2010, p. 13-14).

Podemos perceber com esse comentário que existe um narrador que nos conta como ocorria o diálogo entre Narizinho, Dona Benta e Emília, sendo essas três as primeiras personagens do Sítio a aparecerem para o leitor. As outras personagens só aparecerão mais tarde, sendo Pedrinho mencionado a partir da segunda fábula *A coruja e a águia*, Tia Nastácia a partir da sexta fábula *O rato da cidade e o rato do campo* e Visconde somente a

partir da trigésima terceira fábula *O carreiro e o papagaio*, sendo que as seis personagens já eram conhecidas do público leitor de outros livros.

É interessante notar que com a reelaboração do livro o autor, ao inserir Dona Benta como a narradora das fábulas e Narizinho, Emília, Pedrinho, Visconde e Tia Nastácia como ouvintes, faz o prolongamento do texto, característica parecida com a que podemos observar das fábulas indianas, como afirma Vargas em seu artigo intitulado *Reflexos da fábula indiana nos textos de Monteiro Lobato* (1995):

Um dos reflexos mais evidentes da fábula indiana no texto de Lobato é que a narrativa extrapola para o domínio do ouvinte/leitor. A fábula propriamente dita passa a ser um intertexto no discurso dos personagens do sítio. A fábula em si vai compor sua verdadeira instância crítica, no ambiente do sítio [...] (VARGAS, 1995, p. 85).

No livro de fábulas indianas *Pañcatantra*<sup>7</sup> é contada a história do rei Amaraçakti que, ao perceber que seus três filhos Vasuçakti, Ugraçakti e Anekaçakti não se interessam pela ciência, convoca seus ministros para resolver tal questão; eles o alertam que a aprendizagem e o despertar da consciência exigem tempo. O ministro Sumati, no entanto, afirma que um brâmane chamado Visnuçarman pode tornar os filhos do soberano esclarecidos em pouco tempo. O rei então convoca o brâmane e esse lhe promete que tornará seus filhos conhecedores da ciência em seis meses. Para que tal façanha seja realizada, Visnuçarman recolhe os príncipes e lhes faz o ensinamento a partir de cinco livros por ele contados: Desunião dos amigos, Aquisição de amigos, A História dos corvos e das Corujas, Pedra do Bem conquistado e Ação Impensada, conseguindo cumprir sua promessa.

Essas fábulas são contadas pelo narrador Visnuçarman, que contribui para que os príncipes façam reflexões a seu respeito, assim como também ocorre em Lobato, quando Dona Benta exerce o papel de narradora e a turma do Sítio o de ouvinte. Interessante notar

---

<sup>7</sup> Tradução de Tesheiner e Fleming, 1995. Disponível em:  
<<http://www.revistas.usp.br/magma/article/view/80737/84385>> Acesso em: 12 fev. 2015.

que a arte milenar de contar histórias é uma ação que se perpetua nas gerações, como afirma Walter Benjamin:

[...] ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos (BENJAMIN, 1987, p. 114).

Na leitura da obra é possível perceber que Lobato, ao inserir as suas personagens, consegue contextualizar as discussões das fábulas para o momento em que elas foram escritas, proporcionando ao leitor reflexões sobre sua realidade, assim como também era o propósito do livro indiano. No entanto, o diferencial de Lobato é o fato de cada personagem poder concordar ou não com a fábula e sua moral, porque cada uma delas tem características próprias e fala a partir do seu ponto de vista e de suas experiências cotidianas.

Ao analisar as personagens do Sítio no livro *Fábulas*, verificamos que elas fazem comentários apresentados explicações sobre o gênero fabulístico, reflexões sobre a língua e a literatura, além de críticas sobre as atitudes de algumas personagens das fábulas, expondo seus pontos de vistas em relação à moralidade.

Lobato, com os comentários das personagens do Sítio, proporciona diferentes caminhos possíveis para o entendimento das fábulas, contribuindo para que o leitor possa refletir e produzir seu próprio parecer a partir também de suas leituras, mostrando assim que não há um absolutismo na maneira de pensar o texto, sendo essa reflexão o que conhecemos hoje como experiência de leitura apresentada por Jorge Larrosa, que consiste em ser o que “nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca” (LARROSA, 2002b, p. 21). Embora Lobato não nomeasse de experiência, ao inserir os comentários em sua obra o autor apresenta sua preocupação com o possibilitar do diálogo com o texto e, mesmo que as fábulas tenham uma moral, ela pode ser questionável, de acordo com a experiência de leitura individual.

Essa nova característica na obra foi uma mudança que revolucionou o olhar para as crianças, que poderiam ser livres para pensar e expor suas opiniões. No entanto, essa possibilidade permitida pelo texto de Lobato não foi aceita por alguns, como por exemplo, pelo padre Sales Brasil, que lança em 1959 o livro *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças*, no qual se dedica a comprovar que Lobato articulou em seus textos, tanto de modo aberto ou disfarçado, ideias de dosagens psicológicas assombrosas para realizar o programa teórico e prático da revolução comunista, indo desde a negação da existência de Deus, até questões de convívio social e doméstico.

Sales Brasil (1959) tece reflexões e aponta que, pelas personagens na obra *Fábulas*, Lobato indicou uma liberdade que consiste em desobedecer ou desrespeitar todos os graus e espécies de hierarquia; também, por meio de outras críticas de caráter político e religioso, o padre condena Lobato por negação da verdade lógica, ontológica e da certeza absoluta.

Com essas alterações, Lobato resgatou a maneira de narrar e a visão criadora da fábula clássica, mas o fez com a preocupação de escrever algo que nossas crianças conseguissem ler, com uma narrativa livre de espinhos impeditivos do diálogo com o texto, tornando-se o representante da fábula moderna no Brasil.

Seu projeto de literatura sem aspas busca por encontrar uma possibilidade para o diálogo com o texto, como “um alimento espiritual correspondente ao leite materno na primeira infância” (LOBATO, 1921, s/p), como uma necessidade universal para o ser humano (CANDIDO, 1989). Lobato, da sabedoria acumulada pela humanidade, resgata a importância da narrativa e combate a pobreza da experiência leitora.

### DIZE-ME COM QUEM ANDAS E TE DIREI QUEM ÉS: AS LEITURAS E OS AUTORES

Monteiro Lobato dedicou-se intensamente a compor livros destinados às crianças brasileiras e que fossem apropriados a elas; o autor plantou com cuidado todas as sementes, adubou, agudou... viu os pequenos brotos transformarem-se em árvores. Seu plantio rendeu frutos que continuam a ser colhidos até a atualidade.

Esses frutos são indicados, por exemplo, pelo pesquisador Penteado em sua tese de 1996 intitulada *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, ao avaliar a possível influência da obra infantil de Lobato sobre seus leitores quando adultos, por meio de questionários e entrevistas feitas a um número expressivo de leitores que entre 1930 e 1950 tiveram a obra de Lobato como principal referência de leitura infantil e juvenil. O autor, em um artigo que resume seu estudo, afirma que Lobato “deixou marcas importantes nos homens e nas mulheres que, em sua maioria, ocupam posições de liderança na sociedade brasileira. Em que isso influenciou e influenciará ainda, continua difícil vislumbrar ou prever” (PENTEADO, 1996, p. 81).

Essa geração de leitores que revela vestígios da obra lobatiana é denominada por Penteado de “os filhos de Lobato”; este autor indica que é possível perceber as marcas deixadas em muitos destes leitores e as influências por eles sofridas na construção de suas opiniões, escolhas e ações.

Respaldando-me em Penteado, afirmo que sou também uma “filha de Lobato”, pois a leitura de livros lobatianos despertou e desperta em mim reflexões que vêm marcando todo um caminho. Primeiro, na minha infância, mesmo que de maneira singela, divertindo-me com a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo; mais tarde, como professora, reconhecendo por meio das atitudes dos meus pequenos alunos o deleite de uma leitura literária e

também como aplicação de conhecimentos; e, no presente, relendo a obra *Fábulas* para produzir esta dissertação de mestrado.

Essas marcas da influência de Lobato comprovadas por Penteado são também constatadas por mim e me possibilitam entender seus livros como clássicos, porque, como afirma Ítalo Calvino “clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 2007, p. 10).

Lobato demonstrou, em alguns de seus escritos, admiração pelos clássicos; o autor, que teve a oportunidade de lê-los, fez apontamentos mostrando a relevância que eles poderiam proporcionar. Ele se dedicou com afinco a escrever livros que proporcionassem o que ele sentiu ao ler os clássicos, isto porque compreendia a importância da literatura para a sociedade. Como afirma Antonio Candido, a literatura é uma necessidade universal do ser humano, não existindo homem e povo que possam viver sem ela e, por isso, a sua necessidade tem que ser satisfeita, como uma “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 1989, p. 112). Para este pensador, a literatura é...

[...] da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1989, p. 112).

Mas a literatura, para contemplar as necessidades específicas de cada sociedade, exige peculiaridades que corroborem para aproximar-lhe o leitor; Lobato, por meio de observações e reflexões em relação à literatura de seu período, percebe o descompasso da linguagem presente nos textos disponíveis para o leitor brasileiro.

Para compreender esse descompasso constatado por Lobato, busquei como auxílio o que aponta Maria Tereza Pereira em sua dissertação de mestrado de 1980 intitulada *Processos expressivos da literatura infantil de Monteiro Lobato*, ao afirmar que o período literário infantil anterior a Lobato não é fecundo e, mesmo com o despontamento de alguns livros,

as crianças não se reconheciam no que liam, pois as publicações eram escritas numa linguagem artificial, sem magia e criatividade, que não correspondia às suas aspirações, sendo também os temas pouco significantes para elas.

O acervo de livros escritos para crianças no Brasil no período referido por Lobato era pequeno; como indicam Lajolo e Zilberman, antes de 1880 ele era composto apenas de traduções, como por exemplo, “os textos escritos por Cônego (Christoph) von Schmid: *O canário* (1856), *A cestinha de flores* (1858) e *Os ovos de Páscoa* (1860)” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991, p. 29), passando a ter um aumento no final do século XVIII, sendo em sua maioria escritos por autores franceses e traduzidos e adaptados para o português de Portugal:

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen* (1891), *Contos de filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de La Mancha* (1891), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos *Contos da Carochinha* (1894), nas *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991, p. 29).

Neste bojo de livros também estavam as fábulas, que tiveram inicialmente a transposição no Brasil feita por Figueiredo Pimentel (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991). O primeiro livro deste autor, *Contos da carochinha* (1896), foi editado em Portugal, pois ainda não havia editoras no país; no prefácio desse livro, Pimentel indicou do que se trata a obra: “é pura e simplesmente um livro para crianças. Escrevi-o obedecendo a um único fito – divertir, deleitar a infância. Sendo, porém, uma obra infantil, moral, como convém e não deixa de ser didática [...]” (PIMENTEL, 1896, p. 5).

O apontamento de Pimentel indica-nos seu empenho em possibilitar livros às crianças, no entanto, como revelado no prefácio, a obra teve um aspecto moral o que, segundo Perrotti (1986), indica a postura utilitária perante o texto infantil.

Lobato, descontente com a concepção adotada pela literatura infantil no Brasil, inicia uma produção literária para crianças diferenciada e, mesmo que paulatinamente, sua literatura toma corpo, aumentando em número de obras, em volume de edições e também o interesse das editoras em publicá-las, sendo a sua produção literária muito relevante para esse momento histórico. O autor inaugura um estilo ímpar para aproximar a literatura do leitor brasileiro, literatura esta que até o momento não existia. Como afirma Coelho, a Lobato...

[...] coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas que o nosso século exigia (COELHO, 1991, p. 225).

A produção que começa com *A menina do narizinho arrebitado* (1920) progride e ganha um crescimento qualitativo que, inclusive, suscita a adesão de outros escritores, a maior parte originária da recente geração modernista. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1991).

Lobato inovou e para isso fez reflexões sobre o panorama literário e a falta de proximidade com o leitor, tendo pronunciado inclusive em diversos de seus escritos algumas críticas à literatura de sua época, seja via comentários das personagens do Sítio em alguns livros, seja em cartas que ele escreveu a amigos.

Em carta a Godofredo Rangel, por exemplo, Lobato tece elogios à escritora Maria José Dupré em relação ao livro *Éramos seis* (1943) e revela que observou e aproveitou a lição que a redação da escritora revela: “o certo em literatura é escrever com o mínimo de literatura! Certo, porque desse modo somos lidos, como ela está sendo e como eu consegui ser nos livros que limpei de toda ‘literatura’ ” (LOBATO, 1956, 339). Continuando sua reflexão Lobato afirma como deve ser uma boa escrita:

Coisas que te disse antigamente confirmam-se agora, depois duma conversa tida com o Marques Campão, um pintor excelente e inteligente (coisa rara) e

do livro da Dupré. Campão revelou-me o segredo da aquarela: não empastar as cores, não sobrepor tintas, pois só assim alcançamos o que nesse gênero há de mais belo: a transparência. No estilo literário dá-se a mesma coisa: o empastamento mata a transparência, tal qual nas aquarelas. Se eu digo "céu azul", estou certo, porque não sobrepus tintas e obtive transparência. Mas se venho com aqueles "lindos" empastamentos literários que nos ensinaram ("céu azul turquesa" — "a cerúlea abóbada celeste"), estou fazendo literatura; e sobre a coisa linda que é a palavra "azul" sobreponho um tom empastante "turquesa" que no espírito do leitor ira sugerir a esposa dum Abud qualquer, ou "cerúleo", que nos sugere cera, positivamente borro o azul do céu — em vez do céu lindo que eu quis descrever me sai uma "literatura". A Dupré mostrou-me que se pode escrever com zero de "literatura" e 100% de vida (LOBATO, 1956, p. 339-340).

Neste excerto, percebe-se que Lobato está encantado com a literatura que tinha em mãos; ele revelou em sua reflexão que há empastamentos literários que deveriam ser combatidos, sendo para isso importante escrever com um estilo que agradasse ao leitor, compondo a literatura de uma maneira diferente. O estilo, segundo Conte:

[...] é a maneira própria, peculiar, de um escritor exprimir-se. Enquanto que com relação à correção os escritores devem obedecer às regras fixas e uniformes da gramática, no que respeita ao estilo, cada escritor é independente, e de um tanto maior valor quanto menos imita o estilo de outrem. O estilo em que exprime um escritor é uma resultante complexa: temperamento, educação, escola, ou corrente literária preferida... (CONTE, 1948, p. 65).

Lobato, observando o que havia até o momento em relação à literatura e reconhecendo a importância de uma literatura diferenciada, propõe-se a escrever de uma maneira particular, num estilo próprio; ele "formou um estilo originalíssimo, destacado e singular" (CONTE, 1948, p. 67).

O estilo lobatiano foi-se solidificando cada vez mais: inicialmente, com escritos no colégio que foram despertando o gosto pela escrita, chegando a escrever mais tarde para adultos, e, finalmente descobrindo-se na escrita para crianças. O autor dedicou-se, ao longo do tempo, ao projeto que compôs à literatura; para tanto, fez diversas reflexões sobre a linguagem, como é indicado por Lajolo:

A frequência do tema linguagem, ao longo da correspondência e da obra lobatiana, sanciona a hipótese de que cada livro de Monteiro Lobato – na realidade, cada edição de cada obra sua – constitui uma experiência de estilo, levada a cabo por um escritor consciente de que o trabalho artesanal com a linguagem é requisito de profissão. E, efetivamente, vários estudos apontam e aplaudem a inventibilidade com que Monteiro Lobato se move, no mundo da linguagem (LAJOLO, 2008, p. 18).

Esse trabalho artesanal feito com a linguagem ao compor sua escrita de maneira diferenciada, mas sem perder a importância literária, indica o estilo ímpar com que compõe seus textos. Para isso, Lobato adotou uma postura reflexiva sobre o signo, ou seja, ele estudou a palavra como signo verbal constituído por um significante e um significado e teceu a linguagem de seus textos com um olhar específico. O tecido dos significantes resulta no texto, porque, como afirma Barthes, “[...] o texto é o próprio aflorar da língua e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (BARTHES, 1977, p. 5).

Essa postura de Lobato diante da composição de seus textos, como afirma Lajolo (2008), tem sido apontada e aplaudida despertando o interesse de vários pesquisadores, o que possibilita compreender cada vez mais as contribuições deste autor para a nossa sociedade. Desta maneira, após fazer a escolha do que me proponho a estudar em Lobato, optando por compreender a linguagem por ele utilizada e em específico na obra *Fábula*, fez-se necessário realizar um recorte de pesquisas a respeito de estudos que já foram produzidos sobre o tema com o intuito de dialogar com autores a fim de buscar embasamento teórico e fazer um levantamento de definições e conceitos já existentes, para poder delimitar o problema desta pesquisa.

Neste sentido, realizei buscas com o objetivo de localizar estudos que contemplassem o estilo característico de Lobato ao escrever suas obras baseado na definição de uma literatura diferente da disponível naquele momento para o leitor

brasileiro, o que indicou como necessário compreender a literatura que ele inaugura e a linguagem com que ele compõe seus textos e em especial na obra *Fábulas*.

Para estabelecer o recorte da revisão bibliográfica, contemplei uma busca *on-line*, que se intensificaram principalmente nos meses de novembro e dezembro de 2014 e janeiro de 2015. Foram escolhidos como fontes os bancos de dados eletrônicos de três universidades paulistas (UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas e USP - Universidade de São Paulo), o portal eletrônico SciELO (Scientific Electronic Library Online), o banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o Google Acadêmico.

Em um primeiro momento, as palavras-chave utilizadas nas pesquisas em todos os bancos de dados foram *literatura infantil*, *Lobato* e *linguagem*; em um segundo momento foram *Lobato* e *Fábulas*. A escolha pela pesquisa em dois momentos ocorreu devido ao fato de que na primeira pesquisa encontrei trabalhos sobre diversas obras infantis de Lobato e apenas dois trabalhos referentes à obra *Fábulas*: a dissertação de mestrado intitulada *O processo estético de reescrita das fábulas por Monteiro Lobato* (2004), de autoria de Loide Nascimento de Souza e o artigo *Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira* (1999), escrito por Alice Áurea Penteado Martha. Desta maneira, acreditando que encontraria mais pesquisas sobre produções que versassem sobre estudos de fábulas lobatianas, optei, em um segundo momento, delimitar a busca, usando apenas as palavras *Lobato* e *Fábulas*, o que realmente comprovou a minha hipótese, e encontrei um número maior de pesquisas sobre o tema que escolhi para pesquisa. Como encontrei novamente os dois estudos sobre fábulas na segunda busca, decidi no primeiro estudo não apontá-los, mas dialogar com eles junto com os outros estudos específicos sobre as fábulas.

Como resultado, nos dois momentos, foram elencados apenas trabalhos em que o próprio título indicou estreita relação com o assunto ou trabalhos que indicaram as palavras escolhidas na pesquisa como palavras-chave, não sendo considerados os que apenas citavam a temática. Os estudos escolhidos como pertinentes resultaram na primeira busca em um total de onze trabalhos e na segunda, treze trabalhos, os quais serão

analisados com atenção a seguir, na procura por compreender o que já foi apontado por outros pesquisadores.

A primeira pesquisa baseou-se em compreender a literatura infantil que Lobato inaugura e quais características os pesquisadores têm indicado como diferenciadoras. Os onze trabalhos selecionados foram:

Uma dissertação no banco de dados da USP:

- *Os moinhos de vento no Brasil: uma leitura da adaptação de Dom Quixote das crianças de Monteiro Lobato* (2006), escrita por Rosa Maria Oliveira Justo, realizada no Programa de Pós-Graduação em língua espanhola e literaturas Espanhola e Hispo-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Uma dissertação no banco de dados da UNICAMP:

- *Um inglês no sítio de Dona Benta. Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana*, de autoria de Adriana Vieira (1998), realizada no curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem.

Uma tese e uma dissertação no banco de dados da UNESP:

- A tese: *Estilo e metalinguagem na literatura de Monteiro Lobato* (2004) de Maria Otília Farto Pereira, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração em Filologia e Linguística Portuguesa, campus de Assis.
- A dissertação: *A linguagem deslitteraturizada de Monteiro Lobato em Reinações de Narizinho* (2012), de autoria de Luciane Parente, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, na área de Linguagem – Experiência – Memória – Formação, campus de Rio Claro.

No banco de dados SciELO foi encontrado um artigo:

- *Lobato: a cultura gramatical em Emília no país da gramática* (2006), escrito por Thaís de Mattos Albieri.

No Google Acadêmico foram encontradas uma dissertação, uma monografia, um capítulo de livro e três artigos:

- A dissertação: *Reinações de Lobato nas Memórias da Emília: memorialismo, intertextualismo, ironia* (2007), escrita por Eugênia Stela Ferreira Gomes na UFC – Universidade Federal do Ceará e apresentada ao curso de Pós-graduação em Letras – Literatura Brasileira.
- A monografia: *Emília e a transgressão da linguagem no livro Emília no país da gramática, de Monteiro Lobato* (2005), escrita por Marília Gava.
- O capítulo de livro: *Linguagem na e da literatura infantil de Monteiro Lobato* (2008), de autoria de Marisa Lajolo (esteve como indicação, sendo buscado o artigo na íntegra somente na consulta ao livro).
- O artigo: *A barca de Gleyre, de Monteiro Lobato: origens da literatura infantil brasileira* (2010), escrito por Maria Teresa Gonçalves Pereira.
- O artigo: *A linguagem “brasileira” de Monteiro Lobato* (2012), escrito por Ana Aparecida Arguelho de Souza.
- O artigo: *Monteiro Lobato e o purismo lingüístico* (2000), escrito por Marli Quadros Leite.

Após elencados os trabalhos no primeiro momento, destaquei algumas ideias desses pesquisadores consideradas por mim como pertinentes e condutoras para meu estudo.

Primeiramente, dialogo com a discussão que Justo (2006) faz em relação à maneira como Lobato construiu seu texto, pois apesar de a dissertação focar a obra lobatiana *Dom Quixote das crianças*, o trabalho possibilitou compreender que ao escrever um texto já existente, como também foi realizado com as fábulas, Lobato buscou ir além de uma mera tradução.

Continuando seu texto, Justo (2006) aponta o estilo próprio de Lobato ao escrever uma obra clássica em linguagem diferente da original e, respaldada em Barthes, afirma que “o autor entrelaça as palavras de maneira que melhor convém e convida o leitor a entrar no seu mundo, instituindo assim uma relação entre autor e leitor estabelecida por meio de seu resultado final, o texto” (JUSTO, 2006, p.64). Para esta tarefa, Lobato mostrou sua preocupação com a linguagem ao escrever, não desprezando o estilo rico e pensando em como estimular o gosto pela leitura que apenas poderia ser despertado por uma linguagem mais acessível, contemplando a linguagem mais simples e coloquial, o que me possibilitou compreender sua preocupação com a linguagem ao adaptar um clássico para crianças.

Lajolo (2008) possibilitou importantes reflexões para o meu trabalho, pois indicou em seu artigo algumas marcas da linguagem nas obras infantis de Lobato que contribuíram para o meu olhar ao buscar compreender a linguagem nas *Fábulas*. Inicialmente, a autora apresentou “as turras com a gramática” que Lobato experimentou em sua vida, indicando que ele fez algumas estocas contra a linguagem empolada e difícil, o que me auxiliou a compreender o apontamento de Lobato a Rangel indicando que as fábulas em português que conhecia eram “pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis” (LOBATO, 1956, p. 104).

Outro importante apontamento de Lajolo é a indicação de que o autor escreveu suas obras infantis em “[...] linguagem coloquial, a qual, aos olhos e ouvidos do leitor, soa como espontânea e natural” (LAJOLO, 2008, p. 18) fruto de um trabalho incessante do escritor em aproximar as obras ao leitor, o que expressa a sua intensa dedicação às obras infantis, das quais *Fábulas* faz parte. De modo a alcançar seu intuito com a literatura infantil, a autora afirma que Lobato compôs artesanalmente a linguagem de seus textos, valendo-se de recursos como a superposição de homônimos, os neologismos, a mimese da recepção, constantes diálogos e as onomatopeias, o que me ajudou a compreender a importância dos recursos linguísticos por ele utilizados.

As contribuições de Pereira (2004) para o meu trabalho são em relação à observação que fez ao buscar traços específicos do estilo lobatiano, observando o léxico e a variedade

linguística que configuram a característica da escrita de Lobato na produção infantil. Seus estudos revelam que Lobato escreveu com uma linguagem “sem excesso de literatura”, em “língua deslitteraturizada” e construiu seu estilo de narrativa sem enfeites literários, muito próxima ao coloquial, ao popular, indicativo do estilo particular do autor, o que me possibilitou indagar quais seriam os traços específicos do estilo de Lobato na obra que elegi para estudar.

Parente (2012) também auxiliou em minha reflexão, pois apesar de analisar em específico o livro *Reinações de Narizinho*, apontou por meio de um minucioso estudo o que é deslitteraturização da linguagem proposta por Lobato e exemplificou como a fez no livro. A autora indicou que a linguagem utilizada por Lobato é atual, viva, respaldada na oralidade e na fantasia, sendo que para proporcionar isso Lobato trabalhou o sentido das palavras e valeu-se de recursos como os diminutivos, as descrições e comparações, invenção e troca de palavras e uso das onomatopeias.

Outra pesquisa que contribuiu com meu estudo foi a dissertação de mestrado de Vieira (1998); neste trabalho a autora indicou que Lobato criticara a literatura como primazia da forma, diferenciado sua escrita do que defendiam os parnasianos das primeiras décadas do século XIX, o que me mostrou o contexto literário em que estavam inseridas as fábulas que Lobato criticou. Em seu texto, a autora ainda comentou que mais do que criticar, Lobato pensou em uma maneira diferenciada de escrever às crianças e solidificou seu intento ao romper com a rigidez gramatical e com a fixidez da linguagem, ao gerar livros que podem ser lidos como se o leitor estivesse ouvindo uma história ou conversando com um amigo, situação que torna a linguagem de seus livros próxima à linguagem viva ou oral, o que me auxiliou a indagar quais indícios da oralidade estão presentes em *Fábulas*.

Em Souza (2012) encontrei contribuições para meu estudo nas indicações que ela fez em relação a linguagem e ao contexto literário em que Lobato estava inserido. Segundo a autora, a situação literária no Brasil até o século XIX era artificial e com uma linguagem

distante da realidade do país e Lobato, percebendo isso, fora contra a europeização das letras e da cultura, indicando que isto impedia a criação de um ideal estético nacional.

Outro apontamento importante de Souza (2012) refere-se à indicação de Lobato que afirmava ser necessário, ao fazer literatura, *abrasileirar* a linguagem, rompendo com o ufanismo e construindo um vocabulário que valorizasse a realidade brasileira, traduzida por um discurso inovador, o que o levou a buscar formas de aproximar a literatura do dia a dia das crianças a um cenário tipicamente brasileiro, respaldado na oralidade, utilizando uma linguagem afetiva e infantil, ao que ele utilizou recursos como os neologismos e as expressões populares. Estes apontamentos auxiliaram-me a compreender que o estilo de Lobato ao escrever diferenciou-se do de seu tempo, levando-me a refletir sobre o modo como compôs esse estilo na obra que escolhi como objeto de estudo.

Outro trabalho que colaborou para que eu pensasse a minha pesquisa foi o artigo de Pereira (2010), no qual a autora realizou um estudo com as cartas escritas por Lobato a Godofredo Rangel contidas no livro *A barca de Gleyre*, observando como se efetivaram os processos para a criação de uma literatura infantil brasileira. Analisando o acervo epistolar do autor, Pereira indica que Lobato afirma em diversos momentos a lacuna-lingüístico-literária do país e revela no segundo tomo seus planos literários para a criação de uma literatura destinada às crianças brasileiras, na qual está inserida a obra *Fábulas*.

Em relação à linguagem da literatura infantil lobatiana, a autora destaca que o autor combateu o “ranço” da linguagem literária tradicional, criticando a busca por palavras raras, a gramatiquice e o empolamento da linguagem. Segundo Pereira, Lobato ao resistir à linguagem literária que o precedeu, firmou compromisso com uma literatura que representasse o Brasil, sendo persistente ao abordar o que chama de deslitteraturização da linguagem, privilegiando o apuro formal em detrimento da clareza e da objetividade, mas conservando a essência, sendo esse estilo da linguagem lobatiana fundado na oralidade. Seus apontamentos auxiliaram-me a perceber que, em *Fábulas*, Lobato conservou a essência do gênero, mas escreveu com uma linguagem que pudesse contagiar o leitor.

A pesquisa de Leite (1998) contribuiu para o meu estudo no sentido de que indicou que Lobato demonstrou, n' *A barca de Gleyre*, a variabilidade e a instabilidade que realizou na literatura infantil, trabalhando a linguagem na busca por encontrar o melhor meio de atingir seu público leitor. Outra contribuição importante de Leite refere-se ao estilo utilizado por Lobato ao criar sua obra infantil, pois teve cuidado ao compor a linguagem de seus textos, com a precisão e clareza da língua e com a correção linguística, levando “à prática da língua ‘deslitteraturizada’ nos seus livros infantis, para que fossem compreendidos pelas crianças” (LEITE, 1998, p. 57).

O estudo de Gomes (2007) também foi importante para minha pesquisa ao indicar como Lobato utilizou a linguagem sendo criativo e livre, descrevendo conceitos com poeticidade e brincando com as palavras e com a linguagem, num jogo em que a ideia da palavra ultrapassa a significação dela mesma, o que me possibilitou pensar como Lobato brincou com as palavras em *Fábulas*.

Albieri (2006) apresentou importantes apontamentos ao observar como Lobato construiu o universo da linguagem em sua obra; a autora indicou que, para isso, o autor escreveu com uma linguagem menos abstrata e mais viva, indo contra as definições das gramáticas escolares de seu período, o que me ajudou a indagar se as fábulas disponíveis naquele momento também teriam um viés gramatical escolar e como Lobato conseguiu contornar esta situação com sua escrita.

Gava (2005) também contribuiu com minha pesquisa ao indicar que Lobato propõe a reflexão de que a linguagem é a principal mediação entre o mundo e a consciência do mundo e que sem ela não há como pensar, escolher significados e criar sentidos para as palavras e para a realidade. Em sua reflexão a autora indica que Lobato utiliza a linguagem para falar da própria linguagem, contestando o estabelecido e indicando suas ideias acerca da língua, de maneira franca e ousada. De acordo com Gava, Lobato foi dono de um estilo conciso, vigoroso e intenso, com forte dose de ironia e procurou utilizar uma linguagem clara e objetiva, compreensível ao público.

Estes trabalhos pesquisados, supracitados e discutidos, referem-se à composição do estilo de Lobato; eles analisam um estilo peculiar de literatura infantil por ele inaugurada no Brasil e o modo como a linguagem se diferencia nas obras. Ponderando as assertivas conjecturadas pelos pesquisadores de Lobato percebemos alguns pontos comuns:

Lobato se mostrou contrário à europeização das letras; rompendo com o ufanismo, segundo Souza (2012) e como indica Vieira (1998) o autor fez críticas ao conceito de literatura como primazia da forma, conceito este defendido pelo movimento parnasiano que antecedeu o Modernismo no Brasil.

Com este propósito, Lobato travou combate contra a linguagem de difícil compreensão, como é apresentado nas pesquisas de Lajolo (2008), Pereira (2010) e Vieira (1998), sendo nessas indicado que o autor foi contrário à linguagem empolada que em seu entendimento constituía em obstáculo à compreensão dos textos. Segundo Pereira (2010), o autor combateu o “ranço literário e a gramatiquice” e Lajolo (2008) afirma que o autor esteve “às turras com a gramática”, apresentando algumas estocas contra essa linguagem.

A preocupação dele em aproximar a literatura ao leitor é indicada por Souza (2012), Gava (2005) e Oliveira (2006). Souza (2012) destaca que Lobato fundiu o maravilhoso com situações cotidianas e Gava (2005) indica que para o autor a literatura deveria apresentar-se compreensível ao público.

O autor preocupou-se com o distanciamento entre a linguagem escrita e a linguagem falada, como afirmam Vieira (1998), Pereira (2004), Gomes (2005), Albieri (2006), Justo (2006), Lajolo (2008), Pereira (2010) e Souza (2012), por isso evidenciou em seus livros a oralidade, apresentando diálogos com uma linguagem simples e coloquial, mais espontânea e natural, segundo Lajolo (2008), menos abstrata e mais viva, de acordo com Albieri (2006) e mais singela, como afirma Gomes (2005). Para atingir este propósito nosso autor valeu-se de muita criatividade e imaginação, com uma variedade linguística, segundo Pereira (2010) descrevendo conceitos com poeticidade, de acordo com Gomes (2005), e numa linguagem afetiva, como afirma Souza (2012).

Preocupando-se com a aproximação entre o falado e o escrito, Lobato rompe com a rigidez gramatical e escreve numa sintaxe descomplicada, evitando as complicações estilísticas, como afirmam Leite (1998) e Pereira (2010).

Essas modificações feitas por Lobato são escritas por ele de forma a contemplar a deslitteraturização da linguagem, como apontam Leite (1998), Parente (2012) e Pereira (2010). A palavra deslitteraturização, que de início traz estranhamento ao pensarmos no projeto de Lobato, trata-se na verdade de um neologismo criado por ele para indicar o estilo diferenciado ao compor literatura. Em seu minucioso estudo sobre o tema, Parente constata que:

[...] deslitteraturização em Lobato corresponde ao processo de aproximação da linguagem às crianças, evitando a literatura como primazia de forma e privilegiando a oralidade, a fantasia, um vocabulário mais próximo do universo infantil, com temáticas mais interessantes à criança. Defendendo uma literatura infantil a “correr de pena”, singela, “estilo água no pote”, Lobato retira o “excesso de literatura” de seus textos, optando por uma escrita mais leve, próxima da língua falada, coloquial, recorrendo ao diálogo e exemplos “abrasileirados” que aproximam os leitores infantis da própria realidade (PARENTE, 2012, p. 34).

A deslitteraturização é indicada por Lobato, por exemplo, em carta escrita no dia 26 de julho de 1944, destinada ao poeta Cesidio Ambrogi, quando expressa conselhos em relação à produção poética que seu amigo lhe enviara, pedindo-lhe opinião:

Acho que você precisa deslitteralizar-se um pouco mais. O que estraga a literatura é sempre a “literatura”. Sem querer nós nos deixamos arrastar. Depois que li o ÉRAMOS SEIS da Dupré aprendi muita coisa; e como estava a mexer nas minhas FÁBULAS para nova edição, tirei delas todo um punhado de expressões “literárias” cunhadas – simplifiquei, humanizei, e ficou muito melhor. Nós morremos aprendendo, meu caro. E uma das coisas mais difíceis é alcançar a simplicidade sem cair na vulgaridade. É o grande amor pelas “expressões bonitas ou literárias” e quando velhos já bem sabidos nos convencemos de que o mal literário está justamente nelas. A

cada nova reedição dos meus livros ando eu a podar coisas que no momento de escrever me pareceram “belezas”<sup>8</sup> (LOBATO, 1964, s/p).

69

Lobato recomendou que para uma boa escrita é preciso deslitteraturizar-se, para isso sendo necessário simplificar, mas sem cair na vulgaridade. O autor tinha como projeto o combate à literatura com aspas e para isso dedicou-se a escrever textos apropriados aos leitores brasileiros, mesmo que fosse necessário reavaliar sua escrita na busca por produções em língua deslitteraturizada. Para exemplificar ao amigo Ambrogi como andou a deslitteraturizar-se, Lobato indicou que em *Fábulas* retirou expressões “literárias” que antes pareciam “belezas”; por isso, ao escolher a obra como objeto de meu estudo, compreendo que se trata de uma obra realizada com muito capricho pelo escritor, que pode revelar muitas facetas de seu estilo literário.

Desta maneira, observando os apontamentos dos pesquisadores que como eu foram atraídos pelo projeto literário de Lobato e estudaram outras de suas obras da literatura infantil, demonstrando a preocupação com o estilo de Lobato e a configuração como ele produziu e inaugurou a literatura, deslitteraturizando a linguagem, passei para uma segunda busca, na qual pesquisei trabalhos específicos sobre as *Fábulas*, para compreender sua relevância e quais aspectos têm sido apontados como importantes e em específico sobre a linguagem que compõe as narrativas. Como resultado, foram elencados treze trabalhos:

No banco de dados da USP uma dissertação:

- *Do mito à fábula: releituras de Lobato*, escrita por Cristina Aquati Perrone, finalizada em 2002, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Destaco que a dissertação não se encontra em formato eletrônico, por isso, entrei em contato com a autora via *e-mail*, que gentilmente enviou-me o trabalho.

<sup>8</sup> Trata-se de carta enviada por Lobato a Cesidio Ambrogi em 1944 e que se encontra no arquivo da Biblioteca Monteiro Lobato, na cidade de São Paulo-SP. Pasta 33A – documento 3583 [cópia xerográfica de datiloscrito]. 26, 7, 944.

No banco de dados da UNESP, quatro trabalhos, sendo uma tese e três dissertações:

- A tese: *A fábula e o efeito-fábula na obra infantil de Monteiro Lobato*, escrita por Loide Nascimento de Souza, finalizada em 2010 junto ao Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada, campus de Assis.
- A dissertação: *Criando através da atualização: fábulas de Monteiro Lobato*, escrita por Miriam Gilberti Páttaro Pallotta, finalizada em 1996, pelo Programa de Pós-graduação de Letras, campus de Bauru. Destaco que a dissertação não se encontra em formato eletrônico, por isso, entrei em contato com a autora via *e-mail*, que gentilmente enviou-me o trabalho.
- A dissertação: *O processo estético de reescritura das fábulas por Monteiro Lobato*, escrita por Loide Nascimento de Souza, finalizada em 2004, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada, campus de Assis.
- A dissertação: *Fábulas (1921) de Monteiro Lobato: um percurso fabuloso*, escrita por Gracielly Lopes, finalizada em 2006, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada, campus de Assis.

No Google Acadêmico foram encontrados oito resultados:

Duas dissertações de mestrado:

- A dissertação: *A fábula na literatura brasileira (De Anastácio a Millôr, incluindo Coelho Neto e Monteiro Lobato)*, escrita por Ismael dos Santos, finalizada em 2001, na UFSA - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, na área de concentração: Teoria Literária.
- A dissertação: *Amoras sem espinhos: a recepção de Fábulas (1922), de Monteiro Lobato, por crianças do ensino fundamental*, escrita por Adriana Paula dos Santos Silva, finalizada

em 2008, na UEM – Universidade Estadual de Maringá-PR, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, na área de concentração: Estudos Literários.

Um trabalho de conclusão de curso:

- *Releitura de Reinações de Narizinho: recuperando a presença das fábulas no cotidiano escolar*, escrito por Gracilene Costa Vale, finalizado em 2010, no curso de Pedagogia da UNESP campus de Rio Claro.

Dois artigos em revistas e anais de eventos:

- O artigo: *Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira*, escrito por Alice Áurea Penteado Martha, em 1999, para a revista Mimeses.
- O artigo: *O processo de nacionalização das fábulas de Esopo no livro Fábulas de Monteiro Lobato*, escrito por Manuela Colamarco, em 2012, para a revista Litteris.

Um livro:

- *Nas raias de um gênero: a fábula e o efeito fábula na obra infantil de Monteiro Lobato*, escrito por Loide Nascimento de Souza, publicado em 2013, pela Editora UNESP.

Um artigo em livro:

- *Monteiro Lobato e o processo de reescrita das fábulas*, escrito por Loide Nascimento de Souza, componente do livro *Monteiro Lobato: livro a livro – obra infantil*, organizado por Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini, publicado em 2008, pela Editora UNESP.

Um artigo publicado em congresso:

- *Reflexões sobre a prática da tradução para Monteiro Lobato: análise da obra Fábulas*, apresentado no XI Congresso Internacional ABRALIC em 2008, escrito por Manuela Colamarco.

Nessa segunda busca com as palavras *Lobato* e *Fábulas* não foram encontrados trabalhos relacionados ao tema no banco de teses e dissertações da UNICAMP, da CAPES e também no portal eletrônico SciELO.

Após elencados os trabalhos, destaco algumas ideias desses pesquisadores, em ordem cronológica, consideradas por mim como relevantes e condutoras para meu estudo.

O trabalho da pesquisadora Pallotta (1996) contribuiu com meu entendimento sobre as mudanças ocorridas no gênero fábula ao longo do tempo até chegar à atualidade, contemplando o percurso feito por Esopo, Fedro, La Fontaine e Monteiro Lobato, indicando que cada escritor incorporou a sua obra valores, ideias e sentimentos próprios da sua produção. Especificamente a Lobato, a autora contribuiu com minha reflexão ao indicar que ele atualizou e reformulou o gênero e focou o direcionamento ao leitor infantil, provocando certo impacto no contexto literário e social da época. Em relação à linguagem utilizada por Lobato, encontrei contribuições no trabalho da autora por ressaltar o caráter multifacetado que a linguagem alcançou, devido à adoção simultânea de termos poéticos, humorísticos, eruditos e coloquiais, que atraem e desafiam o leitor, sendo essa modificação feita à linguagem da literatura da época uma das grandes marcas do texto lobatiano.

Outro estudo que trouxe contribuições para o meu pensar foi o realizado por Martha (1999) ao comentar alguns aspectos inovadores da literatura de Monteiro Lobato para crianças, destacando a importância das fábulas para o autor e como ele as adaptou em sua produção infantil. Para indicar os traços renovadores lobatianos, Martha faz uma análise da fábula *A cigarra e as formigas*, comparando-a com a de La Fontaine e nos revela como mudança lobatiana a estrutura, a forma de narrar, o tempo, o expressar da aspereza da situação, o título e a divisão da fábula em duas partes, além das características das personagens cigarra e formiga e a moral e a opinião das personagens do Sítio ao final dos textos.

Para realizar o estudo sobre o ideal reformador do escritor, Martha (1999) teve como suporte teórico o pensamento de estudiosos de Lobato, especialmente de Lígia Cadermatori, Regina Zilberman, Marisa Lajolo e Ana Maria Filipouski, o que possibilitou

indicar, em relação ao plano retórico, que o autor renova ao “despir a língua dos rebuscamentos literários” (MARTHA, 1999, p. 73) e valoriza a linguagem afetiva proposta pela oralidade. A autora também indica que Lobato insere expressões da linguagem popular e enriquece os textos com neologismos, que privilegiam a afetividade da mensagem e onomatopeias, que são um recurso revelador da desconstrução linguística do texto e valorizador de expressividade.

Também Santos (2001) foi de grande relevância para minha reflexão; o autor inicialmente buscou contemplar os cânones europeus para entender como o gênero fabulístico iniciou-se em nossa cultura de Brasil e, após esta contemplação, analisou os diferenciados modos de transposição da fábula na cultura brasileira, indicando que eles foram “sintetizados em três momentos; a adaptação, em Anastácio Luís do Bomsucesso e Coelho Neto; o encaixe em outra narrativa, em Monteiro Lobato; e a “desconstrução” dos cânones da fábula, em Millôr Fernandes.” (SANTOS, 2001, p. 6). Em relação especificamente às fábulas lobatianas Santos, no subcapítulo *A fábula e o ‘encaixe’ em Monteiro Lobato*, faz indicações em relação à linguagem que o autor utiliza nas narrativas e afirma que por meio da estética literária Lobato consegue consagrar a linguagem cotidiana e coloquial.

As contribuições de Perrone (2002) foram muito importantes para minhas reflexões ao indicar em sua dissertação a visão que Lobato teve em relação à criança, afirmando que para Lobato ela é capaz de refletir sobre diferentes assuntos, formar sua opinião e construir sua própria história, como uma possibilidade de transformação da sociedade de sua época. Para comprovar a validade desta visão de Lobato a autora selecionou as obras: *O Minotauro*, *Trabalhos de Hércules*, *Fábulas*, *Reinações de Narizinho* e *Fábulas de La Fontaine*. Em relação às fábulas, a autora dedica em seu trabalho o subcapítulo: *Fábulas de Lobato e La Fontaine: um estudo comparativo*, no qual escolhe algumas narrativas fabulares de Lobato que podem comprovar a visão do autor em relação a como a criança pode ser reflexiva sobre seu contexto.

Em relação à linguagem especificamente, na análise destinada à fábula *A cigarra e as formigas* a autora afirma que a linguagem peculiar aproxima o leitor do universo relatado pela fábula e que essa aproximação facilita a compreensão do texto, ao mesmo tempo em que auxilia na fixação da moral por ele expressada. Continuando sua reflexão, Perrone afirma que além de um final imprevisto existem outros elementos que servem como indicadores para a qualidade literária de Lobato e sua originalidade; como exemplo, a autora cita a linguagem coloquial com termos afetivos e expressivos, com diminutivos, onomatopeias e termos prosaicos, todos empregados com criatividade e evitando a artificialidade dos textos de movimentos e estilos literários precedentes.

Souza (2004) também contribuiu para meu entendimento sobre o que é o gênero fábula; a autora fez uma abordagem histórica da fábula e de seus conceitos, verificando ainda a presença do gênero na literatura infantil. O terceiro capítulo de seu estudo foi muito relevante para minhas reflexões, pois nele a autora dedicou-se às *Fábulas* de modo específico. Como resultados, foi indicado que Lobato modificou a estrutura tradicional das fábulas e reservou um espaço para a participação de “ouvintes”, ressaltando que a linguagem por ele utilizada para escrevê-las fora simples, coloquial e sem “literaturas”, contemplando um estilo direto, próprio das conversas cotidianas.

Conforme Souza (2004), o sentido adotado pelo autor para esta empresa evitou manobras literárias na linguagem e não mostrou grandes preocupações em manter-lhe a norma culta, usando sem preconceito expressões populares que se aproximam do discurso oral do leitor infantil, o que cria uma linguagem extremamente afetiva e o que, todavia, poderia explicar a abundante presença de diminutivos, além também das onomatopeias.

Outra contribuição importante desta autora é a indicação de que Lobato ao escrever as fábulas com uma linguagem despojada e original, também faz com que sejam bem-humoradas e conquistem definitivamente o leitor infantil. Deste modo, a linguagem das fábulas revela a singularidade do escritor, bem como do tempo e do espaço em que se inseria.

Lopes (2006), por sua vez, fez o cortejo de algumas edições da obra *Fábulas*, verificando as modificações realizadas pelo autor ao longo do tempo em relação ao título, ano, editora, número de fábulas e de páginas, ilustrações, presença de nota introdutória, moral e presença dos comentários das personagens. Quanto à linguagem utilizada pelo autor, a pesquisadora destacou que Lobato afirmou ser a desgraça maior dos livros o excesso de “literatura”, fato pelo qual as crianças não conseguiam decifrar e compreender as fábulas. “Abrileirando” a linguagem, o autor conseguiu assim tocar o seu público e chamá-lo para a realidade apresentada de modo original, envolvida por ideologia e saber emancipatório.

Em seu estudo, a autora também afirmou que a linguagem com que Lobato compôs as fábulas é simples e de forma compatível com as crianças, o que possibilita a diversão e a exploração do maravilhoso e da imaginação, seguidas da intenção de ensinar para a vida, inovando a literatura que existia na época, importada da França e cristalizada pelos escritores. Segundo Lopes (2006), Lobato utilizou uma linguagem dotada de oralidade e preocupada em livrar-se de espinhos, “desliteraturizada” e sem a gramatiquice que vigorava no país na passagem do século XIX para o século XX.

Silva (2008) contribuiu-me ao indicar a experiência que fez com seus alunos ao ler o livro *Fábulas*; a autora, respaldada pelo direcionamento teórico da Estética da Recepção, faz um trabalho que identifica a participação do leitor do ensino do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, de uma escola privada da cidade de Maringá-PR na recepção das fábulas de Lobato. Para chegar a tal procedimento, a autora realiza em seu estudo um resgate do gênero e lança um olhar aos recursos de construção da obra infantil lobatiana (adaptação, tradução e paródia). Em relação à linguagem utilizada na tradução das narrativas pelo escritor brasileiro, a autora da dissertação indica que Lobato adequou-a e, por meio dela, aproximou as fábulas do brasileiro, possibilitando acesso ao cânone literário. Segundo Silva (2008),

“[...] por desejar uma maior difusão da cultura, por meio da abertura das fronteiras a outras expressões da arte literária à população, Lobato vê o

processo de tradução como uma ação que deveria ser livre de rebuscamentos de linguagem e construção, para ser mais acessível” (SILVA, 2008, p. 26). 76

Por isso, ao realizar a tradução das fábulas, Lobato faz uma remodelagem da linguagem que lhe exigiu conhecimento tanto da língua estrangeira, como da materna, para o ato de transposição, procedimento este bastante delicado.

Já o estudo de Souza (2008) faz importantes apontamentos sobre o processo que Lobato emprega ao reescrever as fábulas. Souza inicia o texto apresentando as ideias do autor presentes em cartas escritas a Rangel e, após explorar as escritas de Lobato, faz um breve levantamento das diversas edições, constatando a marca distintiva na 8ª edição quando são inseridos os comentários das personagens ao final das fábulas. A autora, então, continua seu texto tecendo reflexões sobre como Lobato compõe a obra, indicando as diferenciações de sua escrita em relação ao gênero.

Sobre a linguagem, especial destacamos a análise feita pela autora no tópico *Da moral e da linguagem*, em que indica a preocupação de Lobato com a linguagem para abrigar seus textos. A autora aponta que além de um estilo direto, Lobato usa uma linguagem extremamente afetiva a fim de aproximar o leitor infantil, o que pode explicar a presença de recursos como os diminutivos, as onomatopeias, as gírias e expressões populares. Segundo Souza, Lobato cria uma nova maneira de compor as narrativas, respaldadas numa linguagem coloquial, por isso “todas as modificações de Lobato, na reescrita das fábulas, não teriam sentido, não fosse a linguagem original e adequada ao público, o que constitui um dos elementos determinantes do humor e um atrativo para o leitor infantil” (SOUZA, 2008, p. 116).

Outra importante pesquisa com a qual dialoguei foi a de Pallotta (2008); nela, a autora analisa o percurso de Lobato como tradutor, dando ênfase em especial para a tradução das fábulas. Pallotta indica que a prática tradutória do escritor realizada junto ao gênero foi diferenciada e inovadora em relação a que existia na época, devido ao tipo de linguagem que escolheu para compor sua obra.

A experiência que Lobato teve como leitor possibilitou que ele compreendesse certas dificuldades sobre as traduções difundidas no país, principalmente em relação à linguagem, por isso, além de atualizá-la ele também tem o cuidado para que o “espírito” da obra não se perca, mas que se apresente de forma clara e prazerosa ao leitor. A autora também tece reflexões a respeito da linguagem utilizada por Lobato para compor as fábulas e indica que o autor promove a atualização e o abasileiramento do texto por meio de uma linguagem afetiva, coloquial, espontânea e descontraída.

Souza (2010), também colaborou com o meu entendimento sobre o conceito de fábulas ao apontar uma ampla abordagem da crítica ao gênero, começando pela pesquisa retórica e passando por estudos tradicionais, como os de autoria de Lessing, Perry, Nøjgaard e Adrados. Em seguida, a autora indicou as contribuições brasileiras ao estudo da temática e a presença de uma metalinguagem sobre o gênero no espaço ficcional da obra *Fábulas*. A autora ainda contribuiu-me ao destacar a relevância da fábula no projeto inicial de Monteiro Lobato para a literatura infantil brasileira.

Aponto que outro auxílio de grande relevância de Souza ao meu trabalho foi a indicação da autora em relação à linguagem com que Lobato compõe a obra; Souza afirma que ele se dedicou para renová-la de maneira fluida, fazendo “esforço por uma linguagem atualizada e o firme combate à importação e à reprodução especular do acervo europeu” (SOUZA, 2010, p. 346).

Vale (2010) faz um estudo sobre a aquisição da leitura e da escrita e propõe uma experiência com as fábulas de Lobato em sala de aula, realizada com alunos do ensino fundamental da rede municipal de Rio Claro-SP. Seu propósito não foi versar seu trabalho em específico sobre a estética das narrativas do autor, mas em como o trabalho didático teve resultados para a aprendizagem dos alunos. Mesmo assim, em alguns pontos do texto, a autora tece reflexões sobre a escrita das fábulas e a crítica de Lobato diante das produções existentes. Isso é indicado, por exemplo, quando Vale afirma que os textos anteriores aos de Lobato tinham uma linguagem artificial e o autor modifica esse panorama, pois “escrevia para crianças, numa linguagem de criança” (VALE, 2010, p.30).

Colamarco (2012) faz um breve estudo histórico sobre a fábula para uma melhor compreensão dos recursos empregados por Lobato em suas fábulas; ela dividiu essas estratégias em três níveis distintos de análise: aspectos relacionados ao conteúdo do texto, aspectos estruturais do texto e aspectos linguísticos. Segundo a autora, um aspecto importante a ser analisado são as escolhas vocabulares de Lobato que ocorrem tanto na fala do narrador, quanto na fala das personagens do Sítio, trazendo com isto marcas de oralidade, emprego constante de diminutivos, criações vocabulares, onomatopeias e palavras nada eruditas que contribuem com a leveza e o humor no texto, que jamais seriam aceitas nas antigas fábulas de Esopo, por exemplo.

O trabalho mais recente que encontrei sobre a temática foi o de Souza (2013). A autora, a partir de inspirações e inquietações proporcionadas ao escrever sua dissertação percebe ainda a possibilidade de aprofundar as discussões sobre a fábula e faz um minucioso estudo com uma abordagem diacrônica, destacando estudos europeus, americanos e brasileiros, que a subsidiou em compreender com profundidade as fábulas escritas por Lobato e o aproveitamento do gênero no conjunto de toda a obra infantil do autor.

A autora organiza seu livro em três ensaios: *A fábula*; *O efeito fábula: o gênero e suas propriedades na obra infantil de Monteiro Lobato*; e *Asinus in fabula*. Com sugestões teóricas, a autora tece criticidade perante o gênero em Lobato e indica as qualidades estilísticas e temáticas do autor em seus textos. Segundo Souza, a manifestação do princípio antropofágico em Lobato pode ser observada em todo o enredo das fábulas, sendo que para isso a linguagem do narrador “reflete tons brasileiros e orais” (SOUZA, 2013, p. 152). Destaco ainda que a autora apresenta em seu livro diversas reflexões sobre a linguagem com que Lobato escreveu as fábulas; segundo ela, ele utilizou uma linguagem fluida, atualizada e adequada ao ponto de vista da criança.

Ao observar os trabalhos elencados percebemos que os estudos sobre as fábulas de Lobato têm aumentado, o que nos permite concordar com a estudiosa Souza quando afirma que: “se, há alguns anos, tanto as fábulas como as obras de Monteiro Lobato eram pouco

estudadas, a partir da década de 1990 diversos trabalhos começam a ser desenvolvidos sobre o assunto e, diante disso, constata-se que o campo é bastante profícuo” (SOUZA, 2013, p. 15-16).

Essas pesquisas possibilitaram algumas ideias condutoras que fomentaram minha reflexão sobre a obra *Fábulas*. Entendo, assim, que Lobato mostrou-se contrário à literatura importada e artificial que os pequenos leitores tinham à disposição, o que o fez pensar em uma literatura destinada às crianças, incluindo o gênero das fábulas, atualizado e reformulado em sua estrutura, como indicam alguns dos autores analisados.

Lobato adequou as fábulas de acordo com alguns itens, entre os quais a linguagem diferenciada, aproximando-as do leitor brasileiro sem perder o “espírito” da obra e que fosse ao mesmo tempo prazerosa e clara. Despiu a língua dos rebuscamentos literários, valorizou a linguagem afetiva e a sintaxe, eliminou o que chamava de “gramatiquice”, aproximou a escrita da oralidade e refletiu uma linguagem com “tons brasileiros e orais” (SOUZA, 2013, p. 152) de acordo com o panorama cultural do país. Ao escrever com uma linguagem simples, coloquial e sem “literaturas”, contemplando um estilo direto, próprio das conversas cotidianas e compatível com as crianças, abusando das expressões populares e dos recursos da língua, Lobato torna a linguagem das fábulas fluente e revela um estilo peculiar de escrita infantil jamais observado.

Em relação às *Fábulas*, observei que na obra o estilo de escrita de Lobato revela a genialidade do autor com a arte das palavras. Como afirma Lajolo (2008), o autor realizou um trabalho artesanal com a linguagem, o que nos mostra a criatividade e o cuidado que teve com a língua; para isso, Lobato utilizou os recursos linguísticos à mão para enriquecer a obra.

Em minha leitura, percebi que os recursos linguísticos também foram usados por Lobato com outras pretensões para além das apontadas nos estudos; ademais, constatei ainda outros recursos linguísticos não apontados em nenhum estudo. Esta constatação ajudou-me a delimitar o problema da pesquisa e assim proponho, com o capítulo seguinte,

analisar minuciosamente os recursos linguísticos que compõem o estilo lobatiano nas suas *Fábulas*.

## Capítulo 4

### PARA BOM ENTENDEDOR MEIA PALAVRA BASTA: OS RECURSOS LINGÜÍSTICOS NA OBRA *FÁBULAS*

Monteiro Lobato em muitas de suas histórias infantis, atribuiu a Dona Benta o papel de tradutora e de narradora de textos clássicos, com a finalidade de modificar-lhes a linguagem deslitteralizando-a, para que a turma do Sítio do Picapau Amarelo pudesse conhecer e se encantar com eles. Conforme comenta Sandroni,

[Lobato] com frequência valia-se do recurso de dar a D. Benta a função de contadora de histórias. É ela quem muitas vezes se incumba de traduzir, para os demais habitantes do Sítio, textos que de outra maneira seriam de difícil acesso. É o caso de suas adaptações de obras universalmente conhecidas. Também nas obras originais muitas vezes D. Benta usa uma palavra mais erudita, apenas para depois explicá-la de forma coloquial. Essa simplificação na linguagem significa para Lobato a busca de clareza, do entendimento o mais direto possível. Jamais um empobrecimento, como é fácil constatar lendo qualquer de seus livros (SANDRONI, 1987, p. 57, adaptado).

No livro *Fábulas* Dona Benta adapta as fábulas de Esopo e de La Fontaine substituindo e inventando palavras, procurando contar as narrativas com uma linguagem próxima à da turma do Sítio, com objetivo de tornar o gênero mais atraente e sedutor para as personagens apreciadas naqueles textos. Lobato, por meio da sua narradora, mostrou sua preocupação em produzir textos que encantassem o leitor brasileiro e que ao mesmo tempo contribuíssem para a compreensão e reflexão sobre as fábulas. Para contemplar seu objetivo, Lobato se preocupou em escolher palavras mais apropriadas que contribuíssem com seu projeto de deslitteraturização, o que confere a suas produções uma atmosfera de escrita artesanal.

Segundo Voloshinov e Bakhtin “a palavra é o esqueleto que se enche de carne viva somente no processo da percepção criativa e, por consequência, somente no processo da

comunicação social viva.” (VOLOSHINOV e BAKHTIN, 1926, p. 1). Assim fez Lobato quando, ao pensar nas palavras como signo verbal, não as escreveu apenas com os significados conceituados nos dicionários, mas “para além de fatos meramente linguísticos” (YUNES, 1982, p. 39), a elas dando vida ao escrevê-las de maneira inovadora.

Novamente, Voloshinov e Bakhtin auxiliam-nos no empoderamento da palavra, ao trazerem-nos o entendimento de que ela, na vida, não se centra em si mesma; “surge da situação extra-verbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, a que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido” (VOLOSHINOV e BAKHTIN, 1926, p. 3-4). Lobato percebe esse vínculo estreito concernente às palavras e a presença que elas têm na vida cotidiana dos brasileiros, porém, constata que os textos escritos em seu tempo não se relacionavam com a realidade de seus leitores. E é assim, descontente com a literatura que havia no Brasil que o escritor busca, ao escrever seus livros, aproximar palavra e vida.

No livro *Fábulas*, para realizar a aproximação entre língua escrita e língua falada o autor buscou escrever a partir de uma linguagem oral, com o emprego de diálogos na linguagem coloquial de seu tempo que contemplassem as palavras e expressões linguísticas da realidade do leitor brasileiro e sem a rigidez das normas gramaticais, como nos apontam Lajolo e Zilberman (1991):

[...] [Lobato] procura recuperar o estatuto oral da literatura infantil. E, se não pode fazê-lo efetivamente, trata de mimetizar a situação de transmissão de histórias, levando Dona Benta a contar em voz alta as aventuras que os meninos apreciam. [...] O empenho em reconstituir a origem oral e coletiva da narrativa popular se completa através da adoção de um estilo coloquial, de que estão ausentes a erudição e a preocupação com a norma gramatical. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1991, p. 67-68, adaptado).

Como exemplo do empenho de Monteiro Lobato em adequar sua produção literária às crianças, podemos citar a fábula *A raposa e as uvas*, de autoria de La Fontaine, reescrita por Lobato mais de uma vez, o que ilustra o processo contínuo da deslitteraturização de seus textos; a primeira publicação da fábula relida e reescrita por Lobato encontra-se no

livro *Fábulas de Narizinho* (1921). Na sequência, a fábula em tradução do francês (1886) e a fábula reescrita por Lobato, em 1921:

A rapôsa e as uvas

Contam que certa rapôsa,  
Andando muito esfaimada,  
Viu roxos, maduros cachos  
Pendentes d'alta latada.  
De bom grado os trincaria,  
Mas sem lhes poder chegar  
Disse: "Estão verdes, não prestam,  
Só cães os podem tragar!"  
Eis cai uma parra, quando  
Prosseguia seu caminho,  
E, crendo que era algum bago,  
Volta depressa o focinho (LA FONTAINE, 1886, p. 28-30).

A raposa e as uvas

Certa raposa esfaimada de fome encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água na boca. Mas alta, tão alta que nem pulando podia colher um bago só.  
O matreiro bicho, torcendo o focinho, disse com desprezo:  
– Estão verdes. Uvas assim só cães podem tragar.  
E foi-se. Nisto deu um vento e uma folha tombou. A raposa, ouvindo o barulho, e julgando ser um bago, volta a toda pressa e põe-se a farejar...

*Quem desdenha quer comprar.* (LOBATO, 1921, s/p, grifos do autor).

Esta fábula de Lobato, assim como outras, foi revisada pelo escritor durante as diversas edições do livro, o que mostra a preocupação com a vivacidade da língua portuguesa e em escrever com uma linguagem próxima à da criança, sem palavras de difícil compreensão, como é possível notar em uma das edições atuais, datada de 2010:

## A raposa e as uvas

84

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando. O matreiro bicho torceu o focinho.

- Estão verdes - murmurou. Uvas verdes, só para cachorro.

E foi-se.

Nisto deu o vento e uma folha caiu.

A raposa ouvindo o barulhinho voltou depressa e pôs-se a farejar...

*Quem desdenha quer comprar.*

- Que coisa certa, vovó! – exclamou a menina. Outro dia eu vi essa fábula em carne e osso. A filha do Elias Turco estava sentada à porta da venda. Eu passei no meu vestidinho novo de pintas cor-de-rosa e ela fez um muxoxo. “Não gosto de chita cor-de-rosa.” Uma semana depois lá a encontrei toda importante num vestido cor-de-rosa igualzinho ao meu, namorando o filho do Quindó... (LOBATO, 2010, p. 98, grifos do autor).

Como se pode observar das fábulas escritas pelo autor brasileiro, embora se mantenha o mesmo enredo do texto escrito pelo autor francês, há diferenças na linguagem, pois em Lobato a narrativa passa a ser respaldada pela oralidade brasileira e repensada em um processo primoroso de lapidação, tornando a narrativa compreensível para seu pequeno leitor.

Nota-se que na fábula traduzida de La Fontaine a linguagem vem expressada por um português não usual e de difícil compreensão, com palavras como “tragar” e “bago” além de apresentar a expressão “pendentes d’alta latada” que não é utilizada no contexto brasileiro. Ao reescrever a fábula do autor francês, Lobato retira palavras que não fazem parte do vocabulário de seu leitor e insere expressões comuns da oralidade brasileira à sua época, como “coisa de *fazer vir água à boca*”, “mas tão altos que nem pulando” e “o matreiro bicho *torceu o focinho*”, além de incluir o ditado popular “quem desdenha quer comprar”.

É interessante observar que além de incluir expressões populares, Lobato faz uma adaptação do popular “torcer o nariz”, pois a raposa tem focinho, conferindo assim animalidade à expressão, contextualizando-a corretamente, para indicar que a raposa mostrou-se descontente com a situação.

Em *Fábulas*, nosso escritor também mostra seu descontentamento com a falta de proximidade da literatura com a forma como empregamos os pronomes e verbos na linguagem oral, pois ao falarmos com naturalidade, acabamos por misturar nas frases os pronomes “tu” e “você” e suas referentes conjugações verbais. Isso pode ser exemplificado com a frase “*Deixe estar, seu malandro, que já te curo!*”, escrita no trecho da fábula *O galo que logrou a raposa*: “Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: ‘*deixe estar, seu malandro, que já te curo!*’” (LOBATO, 2010, p. 34, grifos meus).

Interessa notar que no comentário ao final da fábula narrada por Dona Benta, Narizinho percebe que gramaticalmente a frase está errada e indica à avó:

[...]

– Pilhei a senhora num erro! – gritou Narizinho. – A senhora disse: “Deixe estar que já te curo!”. Começou com “você” e acabou com o “tu”, coisa que os gramáticos não admitem. O “te” é do “tu”, não é do “você”...

– E como queria que eu dissesse, minha filha?

– Para estar bem com a gramática, a senhora deveria dizer: “Deixa estar que eu já te curo”.

– Muito bem. Gramaticalmente é assim, mas na prática não é. Quando falamos naturalmente, o que nos sai da boca é ora o você, ora o tu – e as frases ficam muito mais jeitozinhas quando há essa combinação do você e do tu. Não acha?

– Acho, sim, vovó, e é como falo. Mas a gramática...

– A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo – e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. Se todos nós começarmos a usar o tu e o você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer...

– Eu sei o que é que ela tem a fazer, vovó! gritou Pedrinho. É pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas...

Dona Benta aprovou. (LOBATO, 2010, p. 35).

Com este comentário de Dona Benta pode-se perceber que Lobato critica o fato de, nos textos, a linguagem não estar condizente com a linguagem vivenciada na realidade e o povo, como dono da língua, pode ter o poder de deslitteralizá-la, uma vez que é a gramática a “criada da língua e não a dona”. Neste diálogo ainda interessa notar que,

embora o escritor tenha valorizado a linguagem oral ele também ensina a forma correta da gramática, possibilitando ao leitor conhecer a língua portuguesa para assim poder refletir em relação a sua aplicação contextual.

Como proposta de trazer a linguagem falada para a literatura, Monteiro Lobato empregou diversos recursos utilizados na oralidade do português do povo brasileiro em sua escrita. Na leitura das fábulas percebemos que para a aproximação das narrativas com a oralidade, o escritor as reescreveu com fraseologismos, neologismos, grau diminutivo e grau aumentativo, superlativos, onomatopeias e sinédoques, sendo estes alguns dos recursos utilizados por Lobato para deslitteraturizar a linguagem, imprimindo a nacionalidade ao texto, como exploraremos a seguir.

#### **4.1 - As peripécias linguísticas de Lobato: os fraseologismos e a aproximação com o leitor de seu tempo**

Monteiro Lobato, ao escrever o livro *Fábulas*, buscou contemplar uma linguagem próxima à da realidade do leitor, intuito este apresentado em algumas de suas cartas como parte integrante de projeto maior do autor de deslitteraturizar a linguagem para construir o legado de uma literatura infantil que até o momento não existia. Entre os diversos recursos linguísticos por mim pesquisados na obra, um dos mais recorrentes foi o fato de Lobato trazer expressões e frases populares contidas na fala dos brasileiros na escrita das suas fábulas, sendo esse recurso denominado fraseologismo e deste modo definido pela pesquisadora da área de linguística Noimann:

[...] entende-se por fraseologismo, ou locução, a frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é o literal, como acontece no português com as expressões bater as botas, colocar os pés pelas mãos, receber de olhos abertos, a olhos vistos, meus pêsames, etc., as quais são empregadas pelos falantes do português em certas situações e cujo sentido do todo não se segue da soma dos sentidos das partes (NOIMANN, 2007, p. 16).

Neste recurso linguístico, a expressão popular é denominada expressão idiomática e a frase popular é denominada provérbio, de modo que a expressão idiomática e o provérbio apresentam diferenças, como define **Monteiro-Plantin**:

[...] os provérbios são apresentados em forma de frases e podem ser facilmente adaptadas a um contexto, que pode até ser extralinguístico; enquanto as expressões idiomáticas, por sua vez, carecem de integração a um contexto frásico, ou pelo menos sintagmático (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 71).

Com a releitura das fábulas de Lobato pode-se constatar que todas, em algum momento, apresentam proximidades com a oralidade, contendo expressões idiomáticas faladas cotidianamente, o que indica que Monteiro Lobato dedicou-se intensamente ao exercício de aproximação da fala do cotidiano à literatura, possibilitando ao leitor uma aproximação do lido com o escrito.

Percebi nesta etapa das minhas releituras que as expressões idiomáticas foram usadas por Lobato para enriquecer seu texto. Tais expressões não representam o significado que cada palavra possui de modo separado, mas o sentido global que ela possui, ou seja, o sentido visto como um todo, diferente do convencional. Como exemplo, é possível observar as expressões contidas na fábula *O rato do campo e o rato da cidade*, que segue:

#### O rato do campo e o rato da cidade

Certo ratinho da cidade resolveu banquetear um compadre que morava no mato. E convidou-o para o festim, marcando lugar e hora.

Veio o rato da roça e ficou muito admirado com o luxo de seu amigo. A mesa era um tapete oriental e os manjares eram coisa papa-fina: queijo de reino, presunto, pão-de-ló, mãe-benta. Tudo isso dentro de um salão cheio de quadros, estatuetas e grandes espelhos de moldura dourada.

Puseram-se a comer.

No melhor da festa, porém, ouviu-se um rumor na porta. Incontinênti o rato da cidade fugiu para o seu buraco, deixando o convidado de **boca aberta**.

Não era nada, e o rato fujão voltou e prosseguiu o jantar. Mas, ressabiado, **de orelha em pé**, atento aos mínimos rumores da casa.

Daí a pouco, novo barulhinho na porta e nova fugida do ratinho.

O compadre da roça **franziu o nariz**.

— Sabe do que mais? Vou-me embora. Isso que por aqui é muito bom e bonito mas não me serve. Muito melhor roer o meu grão de milho no sossego da minha toca do que me faltar de gulodices caras com o **coração aos pinotes**. Até logo.  
E se foi...

— Está certo! – disse Tia Nastácia que havia entrado e parado para ouvir. – Nunca hei de esquecer do que passei lá na Lua quando estive cozinhando para São Jorge e ouvia os urros daquele dragão. Meu coração pulava no peito. Só sosseguei quando me vi outra vez aqui no meu cantinho... (LOBATO, 2010, p. 20, grifos meus).

Nesta fábula há quatro expressões idiomáticas: **boca aberta**, **orelha em pé**, **franziu o nariz** e **coração aos pinotes**, o que indica a preocupação de Lobato em escrever aproximando o texto da oralidade de seu tempo.

A primeira expressão anunciada pelo narrador é ficar de **boca aberta**, relacionada com o espanto diante de um fato a ponto de paralisar, deixando sem reação, expressão esta que pode ter significado positivo ou negativo a depender do contexto. Neste caso, quando o narrador anunciou que o rato do campo ficou de boca aberta, sua intenção é apresentar o quão perplexo ficou o ratinho diante do fato inesperado, o que denota a negatividade da situação.

Continuando a fábula, o narrador afirmou que o rato fujão ao perceber que não se tratava de coisa relevante voltou a jantar, no entanto, indicou pela expressão **orelha em pé** que o rato da cidade era astuto e reconhecia o perigo e por isso ficou em estado de alerta; a expressão indica que além da orelha proporcionar a audição o fato dela estar em pé refere-se à postura de atenção da personagem diante do fato. No desenvolver da história um novo barulho foi produzido na casa e novamente o rato da cidade foge; o narrador então indica que o rato do campo **franziu o nariz**, o que significa que o ratinho reprovou a situação.

O rato do campo então anuncia sua crítica e afirma que prefere roer seu milho e ficar tranquilo a faltar-se, mas com o **coração aos pinotes**, o que significa que o rato desaprova o sobressalto que pode ocorrer diante de fatos que representem perigos.

Interessante notar o aspecto sensorial que Lobato denotou na fábula com tais expressões idiomáticas, despertando as sensações do leitor ao relacionar a percepção das

coisas. O autor teceu o texto com auxílio dessas expressões indicando as reações primárias que ocorrem diante dos fatos da vida para representar a simplicidade, deixando indícios com estas expressões da importância que atribuiu à deslitteraturização da linguagem.

Outro ponto a se destacar é o comentário de Tia Nastácia, indicativo de que os sentidos são educados pelo ambiente em que cada um vive; a personagem, ao ser levada até a Lua pelo escritor, saiu de seu contexto, o campo, e foi para um lugar que tinha coisas que nem ela, nem ninguém de sua época reconheciam ou sabia como lidar, pois quando Lobato inseriu o referido comentário na fábula só havia suposições de como seria a Lua, e somente 26 anos depois, em 1969, alguém nela pisaria. Assim, com este exemplo o autor consegue despertar a sensação que também foi vivenciada pelo rato do campo.

Nota-se que apenas observar as palavras isoladas nas expressões, no sentido literal, não nos permite compreender realmente o que o autor quis expressar ao escrever. As expressões populares na fábula admitem um significado diferente do que se pode encontrar se as palavras vêm isoladas no dicionário, por exemplo, o que indica a preocupação do autor em aproximar a oralidade de seu texto, pois como afirmou Lajolo (2008) ele investiu tempo e trabalho na criação de uma linguagem coloquial, a qual aos olhos e ouvidos do leitor, soa como espontânea e natural, mas que se trata, na verdade, de um trabalho grandioso.

Na releitura da obra foi possível perceber que Lobato, ao inserir essas expressões que são faladas com naturalidade diante dos fatos que ocorrem na vida, enriqueceu a fábula acrescentando o contexto frásico e possibilitando a compreensão do sentido global que cada expressão representa, dando vivacidade à narrativa.

Além das expressões idiomáticas, Lobato também incluiu nas fábulas os provérbios, recurso linguístico que segundo Xatara e Succi (2008) entende-se como:

[...] uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade lingüística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (XATARA e SUCCI, 2008, p. 35).

De origens remotas, o provérbio vem acompanhando as sociedades tanto pela oralidade quanto pela escrita, exemplificando com um conjunto de palavras um só significado, que transmite uma mensagem global às pessoas em diversas situações. Alguns provérbios permanecem devido à tradição e ao vigor que possuem, como por exemplo, o *Livro dos Provérbios*, texto milenar contido no Velho Testamento da Bíblia, que tem como propósito o dogma religioso para ensinar e alcançar a sabedoria de acordo com a doutrina cristã, como podemos constatar em sua introdução:

- 2 - Para se conhecer a sabedoria e a instrução; para se entenderem, as palavras da prudência.
- 3 - Para se receber a instrução do entendimento, a justiça, o juízo e a equidade;
- 4 - Para dar ao simples, prudência, e aos moços, conhecimento e bom sisó;
- 5 - O sábio ouvirá e crescerá em conhecimento, e entendido adquirirá sábios conselhos;
- 6 - Para entender os provérbios e sua interpretação; as palavras dos sábios e suas proposições.
- 7 - O temor do Senhor é o princípio do conhecimento; os loucos desprezam a sabedoria e a instrução (BÍBLIA ONLINE, 2015, s/p)<sup>9</sup>.

Os provérbios em diversos contextos perpassam o tempo e ocorrem conforme as necessidades de sua época e uso (XATARA e SUCCI, 2008), tendo uma vasta amplitude de adesão de diferentes sociedades. O recurso fraseológico traz ensinamentos observados em certas situações vivenciadas pelo povo, com palavras não empoladas, compondo um enunciado sintético e bem construído, relacionado com a realidade. Por isso, ao pensarmos nele como decorrente de uma situação extra-verbal da vida, compreendemos o que Voloshinov e Bakhtin (1926) afirmam ao indicar que é no processo de percepção criativa que a palavra conserva o vínculo mais estreito com a vida, o que nos indica um porquê do provérbio manter-se tão eficaz nas sociedades.

---

<sup>9</sup> Livro dos Provérbios. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/pv/1/1>> Acesso em: 2 jun. 2015.

Cabe ressaltar que para a pesquisa escolhi utilizar o termo ditado popular em lugar de provérbio, por ser aquele o termo utilizado por Lobato ao se pronunciar nos comentários das fábulas.

Na obra, os ditados populares foram escritos por Lobato para ilustrar o ensinamento das fábulas por frases anunciadas pelo povo. Nos comentários de *O leão e o ratinho*, que segue, Lobato definiu através de Dona Benta quem faz e o que são os ditados populares:

#### O leão e o ratinho

[...]

- Isso é verdade – comentou Narizinho. – Não há o que a paciência não consiga. Lá na cachoeira há um buraco na pedra feito por um célebre pingo d’água que cai, cai, cai há séculos.
- E há um ditado popular para esse pingo – ajuntou Pedrinho –: Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
- Quem faz os ditados populares, vovó?
- O povo, minha filha. Os homens vão observando certas coisas e por fim formam o ditado, ou rifão, ou provérbio, ou adágio, ou dito, no qual se resumem o que observam. Esse dito do pingo d’água que tanto dá até que fura é muito bom – bonitinho e certo.
- Foi o meio de vencermos a Cuca naquela nossa aventura do Saci – lembrou Pedrinho. – A Cuca não tinha medo de coisa nenhuma, porque era poderosa. Mas quando se viu imobilizada pelos cipós com que a amarramos e com aquele pingo d’água a lhe pingar a testa, cedeu. Entregou o pito, como diz Tia Nastácia. (LOBATO, 2010, p. 105).

A explicação de Dona Benta mostra que os ditados populares são formados a partir da observação que as pessoas fazem em relação aos acontecimentos do cotidiano e, ao refletir sobre eles, compreender a lição dada pela vida. Tal afirmação nos permite compreender o apontamento de Freire (1992) de que a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente em um movimento dialético, que suscita a percepção entre o texto e seu contexto e por isso “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1992, p. 11).

São muitos os ditados populares que o escritor utilizou nas fábulas; ao observá-los no livro, percebemos que Lobato os escreveu como moralidade para elas, inclusive destacando a maioria com o recurso gráfico itálico, para dar ênfase ao epimítio. Essa

colocação tipográfica, segundo Alceu Dias Lima (1984) se apresenta como recurso próprio da composição das fábulas e indica a leitura que deve ser delas feita, o que se pode constituir em uma metaleitura do texto narrativo.

Sendo assim, os ditados populares não se apresentam apenas como interpretação dos acontecimentos ocorridos nas narrativas, mas representam ensinamentos que possibilitam reflexões sobre acontecimentos cotidianos. Como exemplo, podemos observar o ditado apresentado na fábula:

#### O ratinho, o gato e o galo

Certa manhã, um ratinho saiu do buraco pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coisa bonita de que falavam seus amigos. Admirou a luz do sol, o verdor das árvores, a correnteza dos ribeirões, a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa da roça.

— Sim senhor! É interessante isto!

Examinou tudo minuciosamente, farejou a tulha de milho e a estrebaria. Em seguida, notou no terreiro certo animal de belo pelo, que dormia sossegado ao sol.

Aproximou-se dele e farejou-o, sem receio nenhum. Nisto, aparece um galo, que bate as asas e canta. O ratinho, por um triz, não morreu de susto. Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante — disse ele — Mas nada me impressionou tanto como dois animais que vi no terreiro. Um de pelo macio e ar bondoso seduziu-me logo. Devia ser um desses bons amigos da nossa gente, e lamentei que estivesse a dormir, impedindo-me de cumprimentá-lo. O outro... Ai, que ainda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de penas amarelas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador. Bateu as asas barulhentemente, abriu o bico e soltou um có-ri-có-có tamanho que quase caí de costas. Fugi. Fugi com quantas pernas tinha, percebendo que devia ser o famoso gato, que tamanha destruição faz no nosso povo.

A mamãe rata assustou-se e disse:

— Como te enganas, meu filho! O bicho de pelo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espantado, de olhar feroz e crista rubra, filhinho, é o galo, uma ave que nunca nos fez mal. As aparências enganam.

Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que: *Quem vê cara não vê coração* (LOBATO, 2010, p. 68-69, grifos do autor).

Percebemos, ao final da fábula, quando Dona Benta anuncia o ditado *Quem vê cara não vê coração*, que ela se refere ao ratinho inexperiente e sem conhecimento prévio como uma característica do animal e que, por isso, fora enganado pela aparência do galo, que não lhe poderia causar mal e também do gato, seu predador. O ditado expressado por Dona Benta apesar de referir-se ao acontecimento da fábula, é uma moralidade que ensina uma lição e por isso pode ser retirada da fábula e trazida ao cotidiano.

Lobato também utilizou o ditado popular para ilustrar que nem sempre o que está preestabelecido é verdadeiro e inclusive mexe na moralidade, como podemos observar na fábula:

#### O homem e a cobra

Certo homem de bom coração encontrou na estrada uma cobra entanguida de frio.

– Coitadinha! Se fica por aqui ao relento, morre congelada.

Tomou-a nas mãos, conchegou-a ao peito e trouxe-a para casa. Lá a pôs perto do fogão.

– Fica-te por aqui em paz até que eu volte do serviço à noite. Dar-te-ei então um ratinho para a ceia. E saiu.

De noite, ao regressar, veio pelo caminho imaginando as festas que lhe faria a cobra.

– Coitadinha! Vai agradecer-me tanto...

Agradecer, nada! A cobra, já desentorpecida, recebeu-o de linguinha de fora e bote armado, em atitude tão ameaçadora que o homem enfurecido exclamou:

– Ah, é assim? É assim que pagas o benefício que te fiz? Pois espera, minha ingrata, que já te curo...

E deu cabo dela com uma paulada.

*Fazei o bem, mas olhai a quem.*

– A senhora arranjou uma moralidade ao contrário da sabedoria popular, que diz: “Fazei o bem e não olheis a quem”.

– Sim minha filha. Esse fazer o bem sem olhar a quem é lindo – mas nunca dá muito certo. Aquele grande filósofo-educador da China...

– Confúcio, já sei!... – gritou Pedrinho.

– Ele mesmo – confirmou Dona Benta. – Pois Confúcio, que foi o maior filósofo prático da humanidade, disse uma coisa muito certa: “Tratai os bons com bondade e os maus com justiça”.

Emília bateu palmas.

– Pois então Confúcio concorda comigo. Meu ditado é: “Para os maus pau”.  
Justiça é pau (LOBATO, 2010, p. 88, grifos do autor).

94

Observamos que para indicar que é necessário refletir sobre o que ouvimos em nosso contexto, Lobato com grande criatividade modifica o ditado popular *Fazei o bem sem olhar a quem* para *Fazei o bem e olhai a quem*, o que mostra a importância dada pelo autor ao pensar de maneira crítica sobre aos ensinamentos que a sociedade nos sugere. O autor, para reforçar sua ideia, indica no diálogo após o final da fábula que Narizinho percebe e questiona a avó e Dona Benta então se respalda nas palavras de Confúcio para afirmar que é necessário que a justiça prevaleça diante dos fatos.

Outro ensinamento feito por Lobato sobre ditados populares refere-se às modificações que lhes podem ocorrer com o passar do tempo, pois, como são falados pelo povo, sofrem alterações dependendo de quem os fala, como é explicado no comentário de Dona Benta na fábula *A gralha enfeitada com penas de pavão*:

#### A gralha enfeitada com penas de pavão

Como os pavões andassem em época de muda, uma gralha teve a ideia de aproveitar as penas caídas.

— Enfeito-me com estas penas e viro pavão!

Disse e fez. Ornamentou-se com as lindas penas de olhos azuis e saiu pavoneando por ali afora, rumo ao terreiro das galhas, na certeza de produzir um maravilhoso efeito.

Mas o trunfo lhe saiu às avessas. As galhas perceberam o embuste, riram-se dela e enxotaram-na à força de bicadas.

Corrida assim dali, dirigiu-se ao terreiro dos pavões pensando lá consigo:

— Fui tola. Desde que tenho penas de pavão, pavão sou e só entre pavões poderei viver.

Mau cálculo. No terreiro dos pavões coisa igual lhe aconteceu. Os pavões de verdade reconheceram o pavão de mentira e também a correram de lá sem dó.

E a pobre tola, bicada e esfolada, ficou sozinha no mundo. Deixou de ser gralha e não chegou a ser pavão, conseguindo apenas o ódio de umas e o desprezo de outros.

*Amigos: lê com lê, cré com cré.*

– Esta fábula é bem boazinha – disse Dona Benta. Quem pretende ser o que não é, acaba mal. O Coronel Teodorico vendeu a fazenda, ficou milionário e pensou que era um homem da alta sociedade, dos finos, dos bem-educados. E agora? Anda de novo por aqui, sem vintém, mais depenado que a tal gralha, por quê? Porque quis ser o que não era.

– Isso não vovó! – objetivou Pedrinho. – Ele ficou rico e quis levar a vida de rico. Só que não teve sorte.

– Não, meu filho. O meu compadre apenas se encheu de dinheiro – não ficou rico. Só enriquece quem adquire conhecimentos. A verdadeira riqueza não está no acúmulo de moedas – está no aperfeiçoamento do espírito e da alma. Qual o mais rico – aquele Sócrates que encontramos na casa de Péricles ou um milionário comum?

– Ah, Sócrates, vovó! Perto dele o milionário comum não passa de um mendigo.

– Isso mesmo. A verdadeira riqueza não é o bolso, é a cabeça. E só quem é rico de cabeça (ou de coração) sabe usar a riqueza material formada por bens ou dinheiro. O compadre pretendeu ser rico. Enfeitou-se com as penas de pavão do dinheiro e acabou mais depenado que a gralha. Aprenda isso...

– E que quer dizer esse “lê como lê, cré com cré”? – perguntou Narizinho.

– Isso é o que resta de uma antiga expressão portuguesa que foi perdendo sílabas como a gralha perdeu penas: “Leigo com leigo, clérigo com clérigo”. Em vez de clérigo, o povo dizia “crérigo”. Ficaram só as primeiras sílabas das duas palavras (LOBATO, 2010, p. 18-19, grifos do autor).

Dona Benta, no comentário da fábula, ilustra o ditado popular em que se referiu à gralha com a vida do cotidiano do Sítio, dando como exemplo a situação do Coronel Teodorico, o que permite aproximar o ditado à vida dos ouvintes, contextualizando-o. Esclarecendo-se então o significado do ditado, Narizinho questiona o que quer dizer *lê com lê e cré com cré* e a avó, sendo uma pessoa sábia, explicou que como os ditados populares são falados pelo povo podem sofrer modificações com o passar do tempo. Essa ilustração do autor nos indica a preocupação que teve em aproximar a linguagem do cotidiano, refletindo “tons brasileiros e orais” (SOUZA, 2013, p. 152).

Percebemos que ao utilizar esse ditado em seu livro Lobato, por meio das palavras de Dona Benta, ensina mostrando que as palavras têm relação com a vida, não se centrando apenas em si mesmas, mas mantendo um vínculo estreito com ela, contemplando a interlocução extra-verbal definida por Voloshinov e Bakhtin. Notamos assim, que quando é

necessário, o escritor busca explicar a história, mas o faz sem excessos, como asseveraram Pereira (2004), Souza (2004) e Lopes (2006), explicando com palavras mais compreensíveis o que está ligado à erudição, para possibilitar que o leitor faça reflexões em relação ao que é falado e difundido, porém muitas vezes repetido sem que se saiba o significado.

Ao observar esses apontamentos, percebemos que Monteiro Lobato “recheou” as fábulas com brasilidade ao utilizar a fraseologia como respaldo para as modificações que fizeram as fábulas pela linguagem. Como resultado de minha pesquisa sobre o recurso linguístico utilizado pelo autor, pude constatar que ele acrescentou às narrativas expressões idiomáticas do uso corrente de sua época, com a linguagem do cotidiano do leitor; também escreveu os ditados populares usados pela população brasileira como a moral das fábulas de maneira que a palavra da literatura não se separasse da vida, o que indico que Lobato, ao reescrever as fábulas, aproximou-as da oralidade do leitor brasileiro, deslitteraturizando a linguagem com que compôs o texto.

#### **4.2 Neologismos para deslitteraturizar a linguagem: pela construção de novos sentidos à língua**

Neologismo é definido, segundo a professora Maria Aparecida Barbosa, como “o processo pelo qual a mudança linguística provoca o aparecimento de formas de significantes e significados novas – não ainda encontrados na língua ou num determinado conjunto de enunciados” (BARBOSA, 1981, p. 78).

Monteiro Lobato, em seus diversos livros, cria palavras e expressões, renovando a linguagem por meio do uso de neologismos. O escritor, na verdade, não pretendeu apenas escrever novas palavras; seu intuito foi ir além e atualizar a língua, pretendendo trazer em seus textos, com auxílio dos neologismos, expressões que manifestassem sentimentos, percepções e ideias que não podem ser representadas por nenhuma palavra já existente.

A prática de escrever neologismos foi uma característica comum nos livros de Lobato, e tanto os utilizou que, inclusive, definiu o termo em uma de suas obras, *Emília no país da gramática* (1950):

[...]

Narizinho ia dizer-lhe uma frase de consolação quando foi interrompida por um bando de palavras jovens, que vinham fazendo grande barulho.

— Essas que aí vêm são o oposto dos Arcaísmos — disse Quindim. — São os **NEOLOGISMOS**, isto é, palavras novíssimas, recém-saídas da fôrma (LOBATO, 1950, p. 12, grifo do autor).

Ainda nesta mesma obra o autor, através da fala de Emília, defende o uso do neologismo:

[...]

Se numa língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem, como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isso não está direito e vou soltar este elegantíssimo Vício, já e já...

— Não mexa, Emília! — gritou Narizinho. — Não mexa na Língua, que vovó fica danada...

— Mexo e remexo! — replicou a boneca batendo o pezinho, e foi e abriu a porta e soltou o Neologismo, dizendo: — Vá passear entre os vivos e forme quantas palavras novas quiser. E se alguém tentar prendê-lo, grite por mim, que mandarei o meu rinoceronte em seu socorro. Quero ver quem pode com o Quindim... (LOBATO, 1950, p. 118-119).

É interessante notar neste trecho que Emília não tem medo de reformar a língua ao incentivar o uso do recurso. A boneca, na verdade, fala o que Lobato pretendia fazer; ao se apropriar da arte de inventar palavras e expressões ele quer aumentar palavras atualizadas na língua portuguesa. Essa inovação pode ser encontrada no livro *Fábulas* quando observamos o episódio dos dois viajantes na *Macacolândia*:

Os dois viajantes na **Macacolândia**

Dois viajantes, transviados no sertão, depois de muito andar alcançam o reino dos macacos. Ai deles! Guardas surgem na fronteira, guardas ferozes que os prendem, que os amarram e os levam à presença de S. Majestade Simão III.

El-rei examina-os detidamente, com macacal curiosidade, e em seguida os interroga:

— Que tal acham isto por aqui?

Um dos viajantes, diplomata de profissão, responde sem vacilar:

— Acho que este reino é a oitava maravilha do mundo. Sou viajadíssimo, já andei por Seca e Meca, mas, palavra de honra, nunca vi gente mais formosa, corte mais brilhante, nem rei de mais nobre porte do que Vossa Majestade.

Simão lambeu-se todo de contentamento e disse para os guardas:

— Soltem-no e dêem-lhe um palácio para morar e a mais gentil donzela para esposa. E lavrem incontinenti o decreto de sua nomeação para cavaleiro da mui augusta Ordem da Banana de Ouro.

Assim se fez e, enquanto o faziam, El-rei Simão, risonho ainda, dirigiu a palavra ao segundo viajante:

— E você? Que acha do meu reino?

Este segundo viajante era um homem neurastênico, azedo, amigo da verdade a todo o transe. Tão amigo da verdade que replicou sem demora:

— O que acho? É boa! Acho o que é!...

— E que é que é? — interpelou Simão, fechando o sobrececho.

— Não é nada. Uma **macacalha**... Macaco praqui, macaco prali, macaco no trono, macaco no pau...

— Pau nele — berra furioso o rei, gesticulando como um possesso. Pau de rachar nesse miserável caluniador...

E o viajante neurastênico, arrastado dali por cem munhecas, entrou numa roda de lenha que o deixou moído por uma semana.

Quem for amigo da verdade, use couraça ao lombo (LOBATO, 2010, p. 36-37, grifos meus).

Na fábula encontramos dois neologismos: o primeiro vem expressado no título com a palavra **Macacolândia**, na qual podemos observar que Lobato acrescenta ao substantivo comum *macaco* o sufixo *-lândia*, formando o substantivo próprio. Segundo Antônio José Sandmann, o “sufixo *-lândia*, é uma adaptação do alemão/inglês *Land/land*” (SANDMANN, 1991, p. 55), em que a palavra traduzida do alemão para o português corresponde à palavra país e traduzida do inglês para o português corresponde à palavra terra.

Assim, ao analisarmos a palavra **Macacolândia** percebemos que ela é uma referência a um lugar em que os macacos habitam, o país dos macacos ou a terra dos macacos e que,

sendo assim, eles é quem dominam. A comprovação da dominação pode ser observada ao lermos a fábula, pois nela, dois viajantes, logo ao chegarem ao local, são questionados por Sua Majestade Simão III sobre o que pensam do reino; o primeiro respondera com elogios e por isso ganhara uma boa premiação, já o segundo viajante criticara o reino e acabou apanhando.

O segundo neologismo contido na fábula foi dito por um homem que não gostava de mentiras e quando indagado por El-rei sobre o reino, como resposta, afirmou: “– Não é nada. Uma **macacalha**... Macaco praqui, macaco prali, macaco no tronco, macaco no pau...” (LOBATO, 2010, p. 36).

Percebemos nesse trecho que o homem se refere ao reino com a palavra **macacalha** formada pelo substantivo *macaco* e o sufixo *-alha*; segundo Aldo Bizzocchi (2014)<sup>10</sup> este sufixo é um recurso linguístico que deriva de vocabulário latino, sendo indicativo de plural e coletivo. Assim, ao pensarmos na palavra **macacalha** percebemos que ela significa reunião de macacos, sendo esta reunião apresentada na fábula com tom depreciativo, pois fora indicada com uma qualidade pejorativa, como ocorre, por exemplo, com a palavra *gentalha* (*gente* + *-alha*) usada para referir-se a um grupo de pessoas no sentido pejorativo, indicando classe social e cultural baixas.

O que se nota é que Lobato, ao se valer dos neologismos, mostra um descontentamento com o português de “defunto” e busca palavras atuais através da leitura e tradução de Dona Benta; para isso, o autor buscou também palavras novas que contemplassem a imaginação, ou seja, era necessário retirar o “excesso de literaturice” da linguagem não correspondente à realidade brasileira e atualizar a língua portuguesa, sendo que, segundo Yunes (1948) a criatividade vocabular do autor “remete ao modelo de inventividade que preconiza para as novas gerações” (YUNES, 1948, p. 43).

---

<sup>10</sup> BIZZOCCHI, Aldo. *De onde vem o sufixo -alha?* 2014. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/blog-abizzocchi/de-onde-vem-o-sufixo-alha-319696-1.asp>> Acesso em: 23 dez. 2014.

### 4.3 Grau diminutivo e grau aumentativo: riqueza de estilo e de (con)texto

Monteiro Lobato ao escrever suas fábulas buscou através da deslitteraturização da linguagem aproximá-las do público infantil e, dentre os diversos recursos utilizados para encantar o leitor, observamos que ao escrever substantivos e adjetivos nos graus diminutivo e aumentativo o autor possibilita emoções e reflexões, enriquecendo o texto estilisticamente. Em *Emília no país da gramática* Lobato afirma através das palavras do rinoceronte Quindim, em um diálogo com a boneca, que a variedade de escritas com os graus diminutivo e aumentativo torna a frase mais encantadora:

[...]

— Quantos jeitos! — exclamou Emília. — Isso é que aborrece na língua. Em vez de haver um jeito só para cada coisa, há muitos. Tal abundância de jeitos só serve para dar trabalho à gente.

— Dá um pouco de trabalho, sim — disse o rinoceronte —, mas em compensação traz muitas vantagens. Se Pedrinho virar algum dia escritor de histórias, há de ver que esta variedade ajuda grandemente o estilo, permitindo a composição de frases mais bonitas e musicais (LOBATO, 1950, p. 32).

Como definido por Quindim no referido livro, o grau é a “mudança nas palavras para dar ideia do tamanho das coisas [...]”. Há o Grau **AUMENTATIVO**, para aumentar, e o Grau **DIMINUTIVO**, para diminuir” (LOBATO, 1950, p. 31, grifos do autor). No entanto, nas *Fábulas* podemos perceber que Lobato faz outras diferentes aplicações dos graus diminutivo e aumentativo dependendo do contexto e da situação, assim como é comum ocorrer em nossa linguagem oral.

#### 4.3.1 Grau diminutivo

Ao escrever o livro *Fábulas* Lobato empregou diversos diminutivos; o recurso foi empregado de maneira brilhante pois, dependendo do contexto apresentado, a gradação,

recurso estilístico que preza pelo encadeamento das palavras de modo a dar significados cumulativos, exerceu funções diferentes, tornando a obra mais rica.

No livro, já na primeira fábula *A cigarra e as formigas* encontramos sete palavras escritas no grau diminutivo; são elas: cansadinha, galhinho, xalinho, amiguinha, folhinha, entanguidinha e linguinha. Destas palavras, percebemos que Lobato escreveu adjetivos e substantivos no diminutivo com a conotação de afetividade; esse recurso, segundo Manuel Said Ali:

[...] associa-se facilmente ao sentimento de carinho, e daí resulta dizerem-se muitas vezes, tão somente para despertar este sentimento sob forma diminutiva os nomes de seres que, na realidade não são pequenos, e estender-se este uso aos adjetivos: mocinho, bonzinho, bonitinho, amiguinho, tolinho, grandezinho, pobrezinho etc (SAID ALI, 2001, p. 55).

Ao reler as *Fábulas* percebemos que Lobato apresentou com o uso de diminutivos uma linguagem cotidiana, que é direcionada às crianças com a finalidade de proporcionar uma intensificação afetuosa, como é comum em sua oralidade e, com o uso desse recurso, o escritor permitiu maior afinidade com as narrativas.

No livro, notamos que ao reescrever algumas fábulas de La Fontaine Lobato mencionou animais no grau diminutivo sintético e ao reler a obra é possível notar que esses bichos na maioria das vezes são pequenos, frágeis e muitos são submissos a outras personagens mais vigorosas. Ao todo encontramos 14 animais que o escritor brasileiro citou em gradação diminutiva, diferenciando as fábulas escritas por ele das do escritor francês; os animais são: rãzinha (p. 15 e p. 32), ratinho (p. 20, p. 68, p. 83 e p. 104), mulinha (p. 21), ovelhinha (p. 28 e p. 81), vaquinha (p. 37), cabritinha (p. 38), pombinha (p. 46), formiguinha (p. 64), burrinhos (p. 65), pombinhos (p. 70), cabritinho (p. 73), veadozinho (p. 78), cordeirinho (p. 84) e porquinho (p. 92).

Além de escrever os nomes de animais na forma diminutiva no desenvolvimento de algumas fábulas, Lobato também modifica alguns títulos de fábulas escritas por La

Fontaine, trocando os nomes de animais escritos no grau normal para o grau diminutivo, como podemos observar no quadro 3, a seguir:

Quadro 3 - Títulos de fábulas em Monteiro Lobato e em La Fontaine

| MONTEIRO LOBATO               | LA FONTAINE                |
|-------------------------------|----------------------------|
| O velho, o menino e a mulinha | O velho, o rapaz e o burro |
| A mosca e a formiguinha       | A mosca e a formiga        |
| Os dois burrinhos             | Os dois mulos              |
| Os dois pombinhos             | Os dois pombos             |
| O leão e o ratinho            | O leão e o rato            |

Organização: Michele Lopes de Lima Rocha, 2015.

Apesar da utilização constante dos diminutivos, Lobato adverte em *As duas cachorras*, através do diálogo entre Dona Benta e Emília, que os diminutivos também são usados para enganar e obter vantagens; vejamos:

– A dificuldade Emília, está em conhecermos quem é mau. Eles sabem disfarçar-se. Apresentam-se como a cachorra, todos cheios de diminutivos – “um cantinho”, “uma comidinha”, “um dinheirinho”... E como havendo de adivinhar que isso é disfarce, um preparo de terreno?

– Como? – disse Emília. – É boa! Pelo diminutivo. Assim que um freguês vier com “inhos”, é a gente ir pegando o pau e lascando... (LOBATO, 2010, p. 73).

Outra aplicação do grau diminutivo que o autor fez no livro foi em relação ao uso do recurso como expressão pejorativa para indicar depreciação, como podemos observar, por exemplo, na fábula *A coruja e a águia*, quando a águia, depois de comer os filhos da coruja, diz: “– Quê? – [...]. Eram teus filhos aqueles monstrenginhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...” (LOBATO, 2010, p. 14).

Percebemos na releitura do livro que ao utilizar diminutivos Lobato o faz com propriedade, enriquecendo sua escrita “em vários tons de significado” (LAPA, 1959, p. 93), pois além de usá-los para indicar tamanho, ele também transmitiu emotividade e

contemplou outras possibilidades que o grau pode representar, como fragilidade e depreciação, tal como ocorre na linguagem falada.

#### 4.3.2 Grau aumentativo

Segundo Joaquim Mattoso Câmara Jr., aumentativos são “nomes substantivos derivados, com grau implícito, que com um sufixo lexical específico denotam ‘aumento de dimensões’ em relação aos primitivos de que se derivam” (CÂMARA JR., 1977, p. 64). Além disso, segundo Prade (1991) o aumentativo também pode indicar outras ideias com exagero, intensificação, desaprovação e depreciação, dependendo do contexto.

Na releitura das *Fábulas* percebemos que Monteiro Lobato buscou aproximá-las da linguagem falada utilizando o grau aumentativo. Nos textos o escritor, mostrando-se atento às possibilidades que a gradação pode significar, usou diferentes aumentativos para permitir maior expressividade dependendo do contexto, assim como ocorre na linguagem oral.

Na fábula *O velho, o menino e a mulinha*, por exemplo, notamos na frase das lavadeiras que o uso aumentativo representa a depreciação em relação à atitude do dono da mulinha: “– Que graça! – exclamaram elas. – O marmanhão montado com todo sossego e o pobre menino a pé... Há cada pai malvado por este mundo de Cristo... Credo!...” (LOBATO, 2010, p. 21). E como intensificação de uma qualidade negativa o grau aumentativo pode ser observado na fábula *As duas panelas*, quando é narrada a falta de habilidade das panelas ao se locomoverem: “Assim fizeram, e lá se foram as duas, desajeitadonas, gingando os corpos ventrudos [...]” (LOBATO, 2010, p. 114).

Lobato também utiliza o recurso do grau aumentativo para representar algo positivo, como ocorre, por exemplo, na fábula *A mosca e a formiguinha*, quando a mosca afirma: “– Sou fidalga! [...] Não trabalho, pouso em todas as mesas, lambisco de todos os manjares, passeio sobre o colo das donzelas – e até me sento no nariz. Que vidão regalado o meu...” (LOBATO, 2010, p. 64). Neste caso, a mosca não usa o grau aumentativo para

indicar que sua vida é grande ou longa, mas para apontar que sua vida é agradável e prazerosa.

Ao reler as *Fábulas* foi possível encontrar diferentes possibilidades que o uso aumentativo pode representar; notamos que Monteiro Lobato inovou-as ao escrever as palavras tal como utilizadas na linguagem oral sem, no entanto, empobrecer a literatura e aproximando sempre a linguagem escrita do universo do leitor.

#### 4.4 Grau superlativo e a ênfase ao falado

Durante a releitura do livro *Fábulas* foi possível encontrar em diversas narrativas palavras escritas no grau superlativo absoluto sintético, formadas a partir da adição a um adjetivo do sufixo *-íssimo(a)*. No livro *Estilística da língua portuguesa* (1959), Lapa faz apontamentos em relação ao uso deste recurso na língua portuguesa:

Sobre o superlativo convém notar o seguinte. Os dois processos mais frequentes para exprimir a intensidade dos atributos e qualidades consistem em fazer preceder o adjetivo de um advérbio de quantidade (*muito, extraordinariamente, extremamente, etc.*) ou acrescentar o sufixo *-íssimo* ao adjetivo. Temos pois dois tipos de superlativos: *muito rico* e *riquíssimo*. De um modo geral, tem-se a impressão de que o emprego do sufixo imprime maior força intensiva à ideia. Assim, «um homem *riquíssimo*» parece-nos mais opulento que «um homem *muito rico*». [*sic.*] (LAPA, 1959, p. 125, grifos do autor).

A formação sintética do superlativo, segundo Teyssier (2004), tem como princípio a base erudita calcada no latim, o que demonstra que seu emprego realça uma linguagem mais elaborada, em que as pessoas utilizam a oratória para convencer pela palavra. No entanto, mesmo tendo sua origem relacionada com a erudição, com o passar dos tempos o emprego do recurso linguístico teve alterações, passando a ser utilizado pelo povo em geral de uma maneira informal, como nos afirma Lapa:

A linguagem popular, em busca de maior expressividade, desconhecendo os advérbios cultos (*consideravelmente, prodigiosamente, excessivamente*, etc.) e achando desbotado e froixo o advérbio *muito*, inventou curiosos processos superlativantes, que a literatura imita com vantagem (LAPA, 1959, p. 126, grifos do autor).

O emprego do recurso linguístico ao adjetivo proporcionando um atributo ao substantivo foi bastante utilizado na literatura de Lobato, tanto que o autor no livro *Emília no país da gramática* explica em um diálogo entre a boneca Emília e o rinoceronte Quindim que o substantivo necessita de bons adjetivos que lhe possam dar ainda mais ênfase quando escritos no superlativo:

[...] uma palavra passou por ali muito alvoroçada. Quindim indicou-a com o chifre, dizendo:

— Reparem na talzinha. É o Substantivo Maria, que vem em busca de Adjetivos. Com certeza trata-se de algum namorado que está a escrever uma carta de amor a alguma Maria e necessita de bons Adjetivos para melhor lhe conquistar o coração.

A palavra Maria achegou-se a uma prateleira e sacou fora o Adjetivo Bela; olhou-o bem e, como se o não achasse bastante, puxou fora a palavra Mais; e por fim puxou fora o Adjetivo Belíssima.

— A palavra Mais forma o Comparativo, com o qual o namorado diz que essa Maria é Mais Bela do que tal outra; e com o Adjetivo Belíssima ele dirá que Maria é extraordinariamente bela. E desse modo, para fazer uma cortesia à sua namorada, ele usa os dois **GRAUS DO ADJETIVO**. Partindo da forma normal que é a palavra Bela, usa o **GRAU COMPARATIVO**, com a expressão Mais Bela, e usa o **GRAU SUPERLATIVO**, com a palavra Belíssima.

[...]

— E para que serve o **SUPERLATIVO**?

— Para exagerar as qualidades do Adjetivo. Forma-se principalmente com um íssimo ou com um érrimo no fim da palavra, como Feliz, Felicíssimo; Salubre, Salubérrimo. Ou então usa o O Mais, como O Mais Feliz (LOBATO, 1950, 34-35, grifos do autor).

Nas *Fábulas* foi possível perceber a perspicácia de Lobato ao acrescentar palavras escritas nesse grau, pois ele enriqueceu a obra com seus conhecimentos linguísticos e ao mesmo tempo aproximou o livro do cotidiano, com um recurso que é empregado

naturalmente na linguagem oral quando se pretende demonstrar a intensidade de maneira extraordinária. A fábula *A malícia da raposa*, na sequência, ilustra-nos isso:

#### A malícia da raposa

O leão convidou a bicharia inteira para uma festa em seu palácio. O primeiro a aparecer foi o urso. Vendo a caverna cheia de ossos de caça, tresandante a carniça, tapou o nariz.

O leão furioso atirou-se a ele.

— Patife! Entrar em meu palácio de mão no nariz!...

E matou-o.

Logo em seguida aparece o macaco. Sente o mau cheiro, vê o urso por terra, compreende tudo e diz:

— Que formoso palácio! Quanto asseio reina aqui! E como é perfumado o ar! Parece-me que estou num jardim maravilhoso, florido de lindas rosas!...

O leão enfureceu-se de novo.

— Estás caçoando, maroto? Estás brincando com o teu rei? Pois toma lá... e matou-o com um tabefe.

O terceiro convidado a vir foi a raposa. Como é **espertíssima**, ao ver o urso e o macaco mortos percebeu que na casa rei — que dos reis não é de bom aviso ser sincero demais, nem lisonjeiro fora de conta. E preparou uma escapatória.

— Então — exclamou o rei — achas do meu palácio?

— Para falar a verdade — disse a raposa — não posso dar opinião. Venho da luz do sol e pouco estou enxergando aqui dentro...

— E o cheiro?

— Também não posso ajuizar porque estou sem nariz — **endefluxadíssima**...

E nada lhe aconteceu (LOBATO, 2010, p. 91-92, grifos meus).

Nessa fábula o autor indica que o leão alegava aos seus convidados motivos com convicção para persuadi-los, usando sua esperteza maliciosa para poder devorá-los, no entanto, quando a raposa vai visitá-lo percebe pelos indícios o que estava ocorrendo e consegue se defender por meio de sua argumentação. Para evidenciar a qualidade da raposa, sabendo livrar-se da situação e salvar-se das garras do leão, Lobato refere-se ao animal com o adjetivo esperta + o sufixo *-íssima*, formando o superlativo absoluto sintético **espertíssima**, para poder justificar que no confronto entre dois animais que percebem e compreendem as coisas com facilidade, a raposa foi mais esperta do que o leão.

Na fábula também encontramos o superlativo **endefluxadíssima**, formado pelo adjetivo endefluxada<sup>11</sup> + o superlativo *-íssima*, palavra usada pela raposa em sua argumentação com o leão para indicar que a situação negativa de seu olfato era tão intensa a ponto de não conseguir sentir cheiro nenhum, não dando chance para o leão replicar qualquer justificativa em eliminá-la. Percebe-se nessa narrativa o jogo linguístico que Lobato fez ao justificar a astúcia da raposa, sendo espertíssima ao usar uma linguagem mais elaborada, ainda mais enfatizada ao ser falada no grau superlativo absoluto sintético.

Importante destacar que originalmente este recurso linguístico nesta fábula só havia sido utilizado por Lobato com a palavra espertíssima, sendo que a palavra **endefluxadíssima** só foi utilizada em posterior edição, como podemos constatar ao observar a fala da raposa escrita na segunda edição das *Fábulas*, de 1922: “Também não posso ajuizar, visto que há muitos dias que ando sem nariz, **num defluxo...**” (LOBATO, 1922b, s/p, grifos meus).

Outro exemplo que podemos citar em relação ao uso do superlativo pelo autor encontra-se na fábula:

#### A fome não tem ouvidos

Caíra um triste sabiá nas unhas de **esfaimadíssimo** bichano. E gemendo de dor implorava:

— Felino de bote pronto e afiadas unhas, poupa-me! Repara que se me devoras cometes um crime de lesa-arte, pois darás cabo da garganta maravilhosa donde brotam as mais lindas canções da seiva. Queres ouvir uma delas?

— Tenho fome! — respondeu o gato.

— Queres ouvir uma canção que já enlevou as próprias pedras, que são surdas, e fez exclamar à bruta onça: “Este sabiá é a obra-prima da natureza!”?

— Tenho fome! — repetiu o gato.

— Tens fome, bem vejo, mas isso não é razão para que destruas a maravilha da floresta, matando o tenor cujos trinos criam o êxtase na alma dos mais rudes bichos. Queres ouvir o gorjeio em lá menor da minha última sinfonia?

<sup>11</sup> Endefluxado: que tem defluxo, que tem coriza, constipado. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/endefluxado>> Acesso em: 16 jun. 2015.

— Tenho fome! — insistiu o gato. Sei que tudo é assim como dizes, mas tenho fome e acabou-se. Para satisfazê-la eu devoraria a própria música, se ela me aparecesse encarnada em petisco. E isso, meu caro sabiá, porque a fome não tem ouvidos...

E comeu-o (LOBATO, 2010, p.77, grifo meu).

Já no início da fábula Lobato se reporta ao gato com o adjetivo esfaimado<sup>12</sup> + o sufixo - *íssimo*, formando o superlativo absoluto sintético **esfaimadíssimo**. A palavra escrita no superlativo indica o grau máximo causado pela fome, necessidade esta que é incontrollável quando muito elevada por ser vital aos animais. O recurso linguístico por já ser revelado no início da narrativa, possibilita compreender as circunstâncias extremas em que o gato se encontrava e por isso os argumentos e qualidades do sabiá não foram suficientes para que ele não o devorasse.

Interessante destacar nessa fábula que Lobato adaptou a expressão *ventre faminto não tem ouvidos*, escrita por La Fontaine em *O milhafre e o rouxinol* para a *fome não tem ouvidos*, usando a expressão como título da fábula, o que destaca a sensação fisiológica da personagem na narrativa e sua consequência, pois ao apresentar que a fome não tem ouvidos o autor indica que ela está em seu auge, repercutindo em todo o organismo do gato e por isso não permitindo qualquer tipo de raciocínio, evidenciado com o uso do superlativo absoluto sintético.

Percebemos com esses exemplos que Lobato evidenciou no mais alto grau as qualidades das personagens de maneira muito criativa e coerente com seu projeto de deslitteraturização. Ao lançar mão deste recurso o autor enriqueceu a obra com suas habilidades e conhecimentos linguísticos, tendo o cuidado de não exceder para não dar ao texto um aspecto mais erudito, mas ao mesmo tempo conseguindo aproximar o livro do cotidiano, usando o recurso linguístico tal como na linguagem coloquial, quando se pretende indicar algo que tenha uma característica em um grau maior que qualquer outra coisa com que se possa comparar em determinado contexto.

<sup>12</sup> Esfaimado: que está com muita fome; faminto; esfomeado. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/esfaimado>> Acesso em: 16 jun. 2015.

#### 4.5 As onomatopeias e os sons da vida na arte

De acordo com a definição de Joaquim Mattoso Câmara Jr., no *Dicionário de Linguística e Gramática* referente à língua portuguesa, onomatopeia é o “vocábulo que procura reproduzir determinado ruído, constituindo-se com os fonemas da língua, que pelo efeito acústico dão melhor impressão desse ruído” (CÂMARA JR., 1977, p. 182).

Lobato utilizou onomatopeias no livro *Fábulas* de maneira a contribuir com a expressividade da narrativa; assim, ele propiciou o despertar da imaginação do leitor, possibilitando a construção e a visualização da cena narrada, como podemos perceber, por exemplo, no trecho da fábula:

##### A cigarra e as formigas

##### I – A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro.

Bateu, — **tique, tique, tique...**

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? — perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... Exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol (LOBATO, 2010, p.12)

110

Como a cigarra estivesse debilitada, o som do ruído por ela provocado ao bater na porta, **tique, tique, tique...** comprova sua fraqueza, pois se estivesse saudável a intensidade do som para representar a batida na porta seria mais forte e a onomatopeia mais adequada seria **toc, toc, toc**; assim, o uso da onomatopeia por Lobato na reescrita da fábula de La Fontaine permitiu a compreensão da situação “[...] de maneira mais natural e viva” (URBANO, 2000, p. 200).

Lobato também fez uso da onomatopeia na fábula *O reformador do mundo* para representar o som da jabuticaba ao cair no rosto de Américo Pisca-pisca, o homem que queria reformar a natureza:

#### O reformador do mundo

Américo Pisca-Pisca tinha o hábito de pôr defeito em todas as coisas. O mundo para ele estava errado e a natureza só fazia asneiras.

— Asneiras, Américo?

— Pois então?!... Aqui mesmo, neste pomar, você tem a prova disso. Ali está uma jabuticabeira enorme sustendo frutas pequeninas, e lá adiante vejo colossal abóbora presa ao caule duma planta rasteira. Não era lógico que fosse justamente o contrário? Se as coisas tivessem de ser reorganizadas por mim, eu trocaria as bolas, passando as jabuticabas para a aboboreira e as abóboras para a jabuticabeira. Não tenho razão?

Assim discorrendo, Américo provou que tudo estava errado e só ele era capaz de dispor com inteligência o mundo.

— Mas o melhor — concluiu — é não pensar nisto e tirar uma soneca à sombra destas árvores, não acha?

E Pisca-Pisca, pisca-piscando que não acabava mais, estirou-se de papo para cima à sombra da jabuticabeira.

Dormiu. Dormiu e sonhou. Sonhou com o mundo novo, reformado inteirinho pelas suas mãos. Uma beleza!

De repente, no melhor da festa, **plaf!** Uma jabuticaba cai do galho e lhe acerta em cheio no nariz.

Américo desperta de um pulo; pisca, pisca; medita sobre o caso e reconhece, afinal, que o mundo não era tão mal feito assim.

E segue para casa refletindo:

Que espiga!... Pois não é que se o mundo fosse arrumado por mim a primeira vítima teria sido eu? Eu, Américo Pisca-Pisca, morta pela abóbora por mim posta no lugar da jabuticaba? Hum! Deixemo-nos de reformas. Fique tudo como estar, que está tudo muito bem. E Pisca-Pisca continuou a piscar pela vida em fora, mas já sem a cisma de corrigir a natureza (LOBATO, 2010, p. 17).

Notamos que o ruído **plaf!** produzido pela jabuticaba caindo no nariz de Américo interrompe o fluxo da frase, indicando a ideia de que o sonho fora interrompido; há aí também a sagacidade literária de Lobato ao utilizar essa onomatopeia para referir-se ao som de uma fruta pequena caindo e não de algo grande, como a colossal abóbora que Pisca-pisca desejava nascesse em árvores.

Percebemos que com a utilização das onomatopeias por Lobato admitiu-se um tom dramático ao texto, convidando-nos a participar das cenas ao despertar nossos sentimentos, permitindo um diálogo com o texto para assim podermos vivenciar os acontecimentos trazidos com as fábulas.

#### 4.6 Sinédoque: enfeitar discretamente

Sinédoque é definida, segundo Câmara Jr., como “a amostra de algo: uma parte se destina a equivaler ao todo, a espécie se equivale ao gênero, o conteúdo trai a forma que dá molde etc.” (CÂMARA JR, 1977, p. 166).

Este recurso utilizado na obra é revelado pelo próprio Lobato, ao indicar no comentário da fábula *O veado e a moita*, que o utilizou na narrativa. Interessante notar que o autor repensou e reescreveu algumas fábulas retirando o “excesso de literatura”, mas preferiu, quando inseriu os comentários em 1943, explicar o motivo de manter na fábula um recurso com um nome complicado para as crianças, vejamos:

Perseguido pelos caçadores, um pobre veado escondeu-se bem quietinho dentro de cerrada moita. O abrigo era seguro, e tanto que por ele passaram os cães sem perceberem coisa nenhuma.

Salvou-se o veado; mas, ingrato e imprudente, logo que ouviu latir ao longe o perigo, esqueceu o benefício e pastou a benfeitora — comeu toda a folhagem que tão bem o escondera.

Fez e pagou.

Dias depois voltaram novamente os caçadores. O veado correu em procura da moita — mas a pobre moita, sem folhas, reduzida a varas, não pôde mais escondê-lo, e o triste animalzinho acabou estraçalhado pelos dentes dos cães impiedosos.

– Bravos, vovó! – aplaudiu Narizinho. A senhora botou nessa fábula duas belezas bem lindinhas.

– Quais, minha filha?

– Aquele “ouviu latir ao longe o perigo” em vez de ouviu latir ao longe os cães; e aquele “pastou a benfeitora” em vez de pastou a moita. Se tia Nastácia estivesse aqui, dava à senhora uma cocada.

Dona Benta riu-se.

– Pois essas “belezinhas” são uma figura de retórica que os gramáticos xingam de sinédoque...

– Eu sei o que é isso – berrou Emília. É “sem” com um pedaço de bodoque.

Ninguém entendeu. Emília explicou:

– *Sine* quer dizer “sem”. Quando o Visconde quer dizer “sem dia marcado”, ele diz *sine die*. É latim. E “doque” é um pedaço de bodoque...

– Parece que é assim mas não é, Emília – explicou Dona Benta. Sinédoque é a *synecdoche* dos gregos, e quer dizer “compreensão”.

– E que tem a compreensão com as duas belezinhas? – quis saber a menina.

– Tem que, falando em “perigo” em vez de “cães”, e em “benfeitora” em vez de “moita”, toda a gente compreende a troca das palavras – e fica a tal belezinha que você chamou. A sinédoque troca a parte pelo todo, como quando dizemos “velas” em vez de “navios”, ou troca o gênero pela espécie, como dizemos “os mortais” em vez de “os homens” ou troca uma coisa pela qualidade da coisa, como quando dizemos “perigo” em vez de “cães” e “benfeitora” em vez de “moita”.

– E para que serve isso? – perguntou Narizinho.

– Para enfeitar o estilo.

– Mas a senhora mesma não disse que estilo muito enfeitado, muito floreado, é feio?

– Sim. Quando é muito enfeitado fica feio e de mau gosto, mas se aparece discretamente enfeitado fica bem bonitinho. Se você vai à vila com uma flor no peito, fica linda como uma sinédoque. Mas se enfeitar demais,

fica apalçada e revela mau gosto. Tudo na vida depende da justa medida; nem mais, nem menos; antes menos do que mais.

113

– Então é o tal usar e não abusar – lembrou a menina.

– Isso mesmo. Discrição é isso.

Narizinho, que era uma menina muito discreta, compreendeu perfeitamente. (LOBATO, 2010, 40-41, grifos do autor).

Percebe-se que os comentários começam com Narizinho aprovando as expressões que sua avó utilizou ao narrar a fábula. Dona Benta, então, explica que se trata de “uma figura de retórica que os gramáticos xingam de sinédoque”. A palavra não comum para as crianças é logo explicada pelas ideias criativas de Emília, que tenta justificar a partir de como a entende. Dona Benta explica que na verdade trata-se de uma palavra de origem grega, a *synedoche* que significa compreensão. Narizinho interpelou e sua avó explicou que ao falar uma palavra no lugar de outra é possível compreender a troca de palavras.

Com esse diálogo Lobato demonstra a importância do estilo na escrita para realçar a fábula, mas adverte que não se pode enfeitar demais, pois pode revelar mau gosto; ele então recomenda: “nem mais, nem menos; antes menos do que mais”, e assim ensina ao leitor o que é o recurso e como ele deve ser usado para não tornar a linguagem do texto rebuscada. Com esse diálogo também é possível perceber sua preocupação com o ampliar do vocabulário do leitor, pois apresenta a figura e a explica com palavras mais compreensíveis, indicando como é possível escrever um bom texto com a utilização de um recurso linguístico sem utilizar “empastados literários” por ele criticados.

O estilo a que se refere o autor se trata de um componente que revela o trabalho artesanal que ele próprio buscou para enriquecer a obra. O recurso linguístico usado com cautela por Lobato foi em minhas releituras pouco encontrado, o que comprova sua afirmação de usar sem abusar. Após a releitura da obra, também encontrei a sinédoque na fábula *O egoísmo da onça*:

## O egoísmo da onça

114

Ao voltar da caça, com uma veadinha nos dentes, a onça encontrou sua toca vazia. Desesperada, esgoelou-se em urros de **encher de espanto a floresta**. Uma anta veio indagar do que havia.

- Mataram-me as filhas! - gemeu a onça. Infames caçadores cometeram o maior dos crimes: mataram-me as filhas...

Diz a anta:

- Não vejo motivo para tamanho barulho... Fizeram-te uma vez o que fazes todos os dias. Não andas sempre a comer os filhos dos outros? Inda agora não mataste a filha da veada?

A onça arregalou os olhos, como que espantada da estupidez da anta.

- Ó grosseira criatura! Queres então comparar os filhos dos outros com os meus? E equiparar a minha dor à dor dos outros?

Um macaco, que do alto do seu galho assistia à cena, meteu o bedelho na conversa.

- Amiga onça, é sempre assim: Pimenta na boca dos outros não arde... (LOBATO, 2010, p.107-108, grifos meus).

Percebemos nesta fábula que a expressão **encher de espanto a floresta** refere-se, na verdade, a encher de espantos *quem habita* a floresta, o que caracteriza a figura de linguagem que tem como uma das funções apresentar a ideia evocada do lugar pelos habitantes. O recurso linguístico veio aí somar-se com o projeto de Lobato de deslitteraturização da linguagem, feito sem excessos, sem enfeitar demais, usando sem abusar, por isso não é possível encontrá-lo em todas as narrativas, comprovando o que indicou no comentário da fábula.

#### 4.7 O lobo e o cordeiro: uma obra-prima

Como proposta ilustrativa de que Lobato utilizou mais de um recurso linguístico em uma única fábula, dedicando-se a escrever as narrativas com uma linguagem que se apresentasse como a do cotidiano, optei por exemplificar tais recursos com a fábula *O lobo e o cordeiro*. Esta foi indicada por Lobato nos comentários de seu livro, via Dona Benta, como a mais famosa, bela e profunda das fábulas, e que La Fontaine a fizera de maneira

incomparável. Ao buscar compreender o contexto em que La Fontaine a escreveu, chegamos ao excerto proposto por Coelho de que,

115

Segundo consta, foi sua dedicação e amizade a Fouquet (Superintendente das Finanças de Luís XIV, afastado do cargo e aprisionado injustamente por seu implacável inimigo Colbert, novo ministro do Rei) que levou La Fontaine não só a intervir publicamente em favor do amigo e protetor, como a escrever as fábulas “O Lobo e o Cordeiro” e “A Raposa e o Esquilo”, lidas na ocasião para o público seletos dos “salões” (COELHO, 1991, p. 83).

La Fontaine sabia da necessidade de demonstrar tal descontentamento de maneira mais sutil, caso contrário, poderia sofrer represálias com consequências severas. Por isso fez sua crítica e denúncia por meio das fábulas.

A relação lobo e cordeiro é bastante antiga; as personagens que têm características muito opostas são referências inclusive nos ensinamentos do cristianismo, por exemplo, ao indicar que o cordeiro de Deus foi morto por lobos que não tinham argumentos, mas que devido ao poder realizaram o que melhor lhes proporcionou a situação. Essa metáfora, indicando a oposição entre os animais perdura e continua atual na sociedade, servindo de referência para novas situações conflitantes entre os mais fortes e os mais fracos, como ilustrou Carlos Heitor Cony no jornal *Folha de São Paulo*, em edição do ano 1999<sup>13</sup>, ao criticar o governo tutelado pelo Fundo Monetário Internacional - FMI, o que nos possibilita compreender que o poder indicado pela fábula tem uma vasta aplicação que pode ser indicada como força física, ideológica, política, social... a depender do eixo dogmático que utiliza.

Podemos pensar que a admiração de Lobato por essa fábula justifica-se pelos apontamentos feitos pelo autor ao presenciar em sua trajetória a situação negativa que o Brasil enfrentava em seu tempo; tão relevante foi esta fábula a Lobato que ele a reescreveu na reedição do livro com algumas alterações na linguagem.

---

<sup>13</sup> CONY, Carlos Heitor. O lobo e o cordeiro. **Folha de São Paulo**. Opinião. São Paulo: 1999. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz28029905.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz28029905.htm)> Acesso em: 14 abr. 2015.

A primeira fábula escrita por Lobato em 1921 já apresenta diferenciações de escrita em relação à de La Fontaine, apresentando a modificação da estrutura da narrativa, passando a escrita em versos para prosa, além de expressar uma linguagem diferenciada; vejamos:

#### O lobo e o cordeiro

Estava o cordeirinho a beber num correjo de águas limpidas quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

– Que desaforo é esse de turbares a água que venho beber? disse o monstro, arreganhando os dentes. – Espera, que vou castigar a tua mácriação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

– Como posso turvar a água que vais beber se ella corre de ti para mim?

Era verdade aquillo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu a perna a torcer:

– Além disso, inventou elle, sei que andaste a falar mal de mim, o anno passado.

– Como poderia dizer mal de ti o anno passado, se nasci este anno?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

– Se não foste tu, foi teu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

– Como poderia ser meu irmão mais velho, se sou filho unico?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobresinho, rematou a contenda com uma razão de lobo faminto:

– Pois se não foi teu irmão foi teu pae ou teu avô!

E – *nhoc!* – sangrou-o no pescoço.

*Contra a força, amigos não há argumentos (LOBATO, 1921, s/p, grifos do autor).*

*Esta fábula, mesmo com diferenciais que contribuem para aproximar o leitor do gênero ainda apresenta alguns itens que não promovem a finalidade proposta pelo autor de uma escrita “transparente”, por isso, em busca de apresentar uma narrativa sem empastamentos literários ele a reescreve:*

#### O lobo e o cordeiro

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

– Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? – disse o monstro arreganhando os dentes. – Espere, que vou castigar tamanha má-criação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

– Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

– Além disso – inventou ele – sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

– Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

– Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

– Como poderia ser meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

– Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E – *nhoque!* – sangrou-o no pescoço.

*Contra a força não há argumentos.*

– Estamos diante da fábula mais famosa de todas – declarou Dona Benta. – Revela a essência do mundo. O forte tem sempre razão. Contra a força não há argumentos.

– Mas há a esperteza! – berrou Emília. – Eu não sou forte, mas ninguém me vence. Por quê? Porque aplico a esperteza. Se eu fosse cordeirinho, em vez de estar bobamente a discutir com o lobo, dizia: “Senhor Lobo, é verdade, sim, que sujei a água deste riozinho, mas foi para envenenar três perus recheados que estão bebendo ali embaixo”. E o lobo, já com água na boca: “Onde?”. E eu, piscando o olho: “Lá atrás daquela moita!”. E o lobo ia ver e eu sumia...

– Acredito – murmurou Dona Benta. – E depois fazia de conta que estava com a espingarda e *pum!* Na orelha dele, não é? Pois fique sabendo que estragaria a mais bela e profunda das fábulas. La Fontaine a escreveu de um modo incomparável. Quem quiser saber o que é obra-prima, leia e analise a sua fábula do lobo e do cordeiro... (LOBATO, 2010, p.84-85, grifos do autor).

Percebemos nesta versão final, a qual circula nos dias atuais, que Lobato se preocupou com a linguagem mais simples, sem rebuscamentos, e retirou a expressão *rematou a contenta* que causava um discurso empolado na narrativa. Além disso, o autor salientou a relação hierárquica entre os animais ao indicar a postura respeitosa e cortês do cordeiro ao se comunicar com o lobo, trocando na fala do pequeno animal o pronome da segunda pessoa do singular para o pronome de tratamento *senhor*. Como consequência, para adequar a troca dos pronomes, o escritor também teve que alterar a conjugação verbal, como ocorre por exemplo na frase “Como posso turvar a água que vaes beber se ella corre

de ti para mim?” que passa a ser escrita da seguinte maneira “Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?”. Tais mudanças, no pronome e na conjugação verbal, possibilitaram um tom mais próximo da linguagem corrente falada no Brasil em situações formais que exigem o axiônimo.

Outra modificação importante do autor foi a troca da expressão idiomática *não deu a perna a torcer* por *não deu o rabo a torcer*. Percebe-se que inicialmente, na fábula escrita em 1921, a expressão já havia sido adaptada, pois a expressão original usada pela população é *não dar o braço a torcer*, que “teve origem com as torturas do ‘Santo Ofício’, na época da Inquisição. Quem se recusava a falar ou confessar um crime tinha o braço contorcido como castigo” (XATARA, 2013)<sup>14</sup> e ainda indicava que a pessoa não reconheceria seu erro. Lobato mesmo tentando adaptar a expressão para animalizá-la, porque lobo não tem braço, ainda percebe que ela não possibilita naturalidade, por isso, com grande criatividade modifica a expressão e troca a palavra perna por rabo, o que se tornou uma expressão importante e que caracterizou sua fábula.

Ao observar essa expressão idiomática é possível compreender a importância do fraseologismo na fábula: Lobato modificou a expressão popular usada em nosso cotidiano *não deu o braço a torcer*, para ilustrar o não aceite de uma certa situação mesmo sabendo que não se tem razão. O autor adaptou a expressão para usá-la com o animal, indicando que o lobo manifestou uma atitude arrogante frente à argumentação do cordeiro e tal situação possibilita fazer reflexões de que existem humanos com o mesmo comportamento do lobo.

Com esses apontamentos pode-se constatar a veracidade da afirmação de Lobato na carta destinada ao poeta Cesidio Ambrogi de que ele deslitteraturizou um pouco mais a obra *Fábulas*, retirando expressões cunhadas e simplificando, o que a deixou excepcional.

Ao observar as duas escritas da mesma fábula feitas pelo autor, é possível perceber que mesmo repensando e a reescrevendo ele também conservou na sua reescrita alguns recursos linguísticos importantes que caracterizam seu estilo literário singular. Ao reler as

---

<sup>14</sup> Não dar o braço a torcer. Disponível em: <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/busca.php>> Acesso em: 12 jun. 2015.

duas escritas foi possível perceber que ele manteve o recurso da fraseologia ao apresentar o ditado popular *Contra a força não há argumentos* para representar a moral da fábula, possibilitando ao leitor compreender que o ensinamento pretendido pode ser pensado em situações do cotidiano em que os mais poderosos utilizam de seus benefícios para conseguir o que querem dos mais fracos.

Lobato manteve também o recurso da gradação ao utilizar o diminutivo para escrever a palavra *cordeirinho*, que além de indicar afetividade, tal como ocorre com a linguagem oral das crianças, também indica que se trata de um animal mais novo e de tamanho menor do que seu predador, o que enfatiza a relação de poder na situação.

Outro recurso importante mantido na fábula, que é sem dúvidas uma das marcas genuínas do autor foi a inserção da onomatopeia *nhoque!*, a qual Lobato utilizou com propriedade, pois com o som de apenas uma palavra o autor expressou a ação impiedosa do lobo ao sangrar o cordeiro e, assim, despertar comoção no leitor.

Cabe destacar dois apontamentos importantes nessa fábula. O primeiro refere-se à onomatopeia aludida ao lobo que continua atual, pois em uma das situações que podemos pensar da fábula como metáfora está a violência realizada por lobos que se utilizam do seu poder, ou seja, de sua arma para oprimir os cordeiros e quando não conseguem o que querem *nhoque!//pow!* sangram sua vítima. O segundo apontamento refere-se ao fato de Lobato inserir os comentários na fábula, o que indica que ele além de querer denunciar questões relacionadas ao poder e à opressão, também apresentou pela voz de Emília a afirmativa de que é possível promover alterações nesta relação por meio da esperteza, submetendo a fábula às reflexões dos leitores, atualizando o gênero e acompanhando o desenrolar dos tempos.

Ao reler esta fábula foi possível perceber que Lobato valeu-se de diferentes recursos linguísticos para enriquecer um gênero tão antigo, por isso esta constatação congrega-se aos indicativos que pude constatar ao buscar compreender o empreendimento do autor ao realizar um projeto literário diferenciado do que existia em seu momento.

Como resultado deste capítulo foi possível constatar que o autor aplicou seus conhecimentos e suas habilidades de escrita na execução de uma ideia que se concretizou e continua sendo uma de nossas referências do gênero para a leitura da literatura infantil, fazendo a arte da palavra perpetuar-se. Para tanto, Lobato compôs a obra com recursos linguísticos que possibilitaram a deslitteraturização da linguagem.

Nota-se com os exemplos apontados que o estilo de Lobato ao compor as *Fábulas* saiu em busca do desvencilhamento da escrita com rigidez gramatical usada pelos escritores de sua época e também da literatura com a primazia da forma, fazendo para isso a adequação da linguagem para que ela se tornasse próxima ao universo infantil e ao cotidiano do brasileiro, o que resultou em uma nova maneira de fazer literatura, na qual o leitor possa dialogar com as narrativas, desvendando-as e aguçando sua criticidade frente ao escrito.

Ao indicar os recursos linguísticos utilizados pelo autor foi possível compreender que Lobato não queria que as crianças ficassem presas aos ornamentos da língua, mas que em um tanto fossem capazes de perceber que “a palavra é o esqueleto que se enche de carne viva somente no processo da percepção criativa e, por consequência, somente no processo da comunicação social viva” (VOLOSHINOV e BAKHTIN, 1926, p. 1), por isso a importância de buscar por uma literatura que seja sem excessos, mas que mantenha a essência, escrita com uma linguagem deslitteraturizada capaz de enriquecer a obra e não de empobrecer ou desvalorizar a escrita.

Como nos indica Roland Barthes temos uma relação de servidão e de poder que se confundem inelutavelmente e que nos transforma “ao mesmo tempo em mestre e escravo” (BARTHES, 1977, p. 15) da linguagem. Neste sentido, o autor indica que somos mestres porque temos o poder de sermos usuários da língua e somos escravos porque nos submetemos às suas exigências, normas, classes gramaticais; por isso para conquistar a liberdade, só mesmo trapaceando com a língua, não nos prendendo a regras gramaticais.

Percebe-se que assim fez Lobato, empreendendo recursos linguísticos numa relação de poder e escravidão com a linguagem em uma busca intensa para encontrar a medida

perfeita no estilo literário, por meio de uma trapaça com a língua para articular suas  
próprias regras combinatórias que resultaram na maravilhosa literatura que acompanhou,  
acompanha e acompanhará muitos “Filhos de Lobato”.

## Capítulo 5

### O PROMETIDO É DEVIDO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas primeiras considerações, após todo o caminho que percorri nesta pesquisa, são sustentadas por apontamentos em relação às mudanças provocadas em mim como pesquisadora. Cheguei ao final desse percurso com um olhar diferente para a pesquisa. Ser pesquisadora exigiu relutâncias comigo mesma na procura por expandir o conceito de pesquisa acadêmica e hoje percebo que ela exige um olhar mais apurado, em que ocorra o confronto entre os dados, as informações coletadas, o conhecimento teórico acumulado a respeito do tema.

Constato também o amadurecimento das reflexões que tive durante esse processo, que se iniciou com uma inquietação e foi sendo aprimorado a ponto de eu realmente saber do meu papel como pesquisadora: um canal questionador entre o conhecimento acumulado do que já foi pesquisado e novas evidências que apareceram a partir da pesquisa. Ser esse canal exigiu de mim a aplicação de meus conhecimentos, de minhas habilidades e também uma dose de paixão.

Diante do exposto, busquei o conhecimento específico de minha pesquisa, um aspecto da obra até então não abordado com as minúcias que propus ao realizar esse estudo. Como resultado destaco que pelas minhas releituras de *Fábulas*, junto ao embasamento teórico que selecionei, foi possível dialogar com o autor e compreender a importância dos recursos linguísticos para deslitteraturizar a linguagem na composição da obra literária *Fábulas*. Nas buscas em minha pesquisa descobri o rico estilo de Lobato ao utilizar a arte das palavras de maneira que cativasse o leitor; como resultado apresento os recursos linguísticos que contribuíram para potencializar os efeitos de sentidos da linguagem deslitteraturizada na literatura infantil:

Fraseologismos: nas minhas releituras percebi que Lobato utilizou muitas expressões cristalizadas ao utilizar expressões idiomáticas, para enriquecer seu texto,

ilustrando os acontecimentos com termos do cotidiano. E os ditados populares, utilizados por ele com a moral das fábulas, para indicar os ensinamentos que a fábula pode representar em situações do cotidiano. Cabe destacar que na obra, pelas personagens, o autor contestou, discordou, modificou e explicou esses ditados populares.

Neologismo: compreendi, durante o estudo, a invenção de algumas palavras feita por Lobato, pretendendo trazer em seus textos, com esse recurso, expressões que manifestassem sentimentos, percepções e ideias que não podem ser representadas por nenhuma palavra já existente.

Grau diminutivo e grau aumentativo: recurso utilizado em todas as fábulas do escritor ao apresentar de maneira apropriada para o contexto. Percebi que o grau diminutivo foi utilizado de diferentes maneiras dependendo do que Lobato quis representar, como exemplos indiquei palavras escritas nesse grau que denotam tamanho, afetividade e expressão pejorativa. Lobato também utilizou aumentativos em diferentes possibilidades que o grau possa representar como ocorre na oralidade. Como exemplos indiquei palavras escritas nesse grau que denotam depreciação, intensificação de uma qualidade negativa e algo positivo.

Grau superlativo: o autor utilizou o recurso, ao empregar o sufixo -íssimo(a) para enriquecer a obra com seus conhecimentos linguísticos e ao mesmo tempo aproximar o livro do cotidiano.

Onomatopeia: ao estudá-las foi possível perceber que o autor utilizou as palavras para representar alguns sons na fala, contribuindo com a expressividade da narrativa, possibilitando um tom dramático e despertando sentimentos.

Sinédoque: o recurso de trocar a parte pelo todo foi pouco utilizado por Lobato, no entanto foi importante estudá-lo para compreender a importância do estilo lobatiano na escrita para realçar a fábula.

O estudo desses recursos exigiu muito comprometimento com a pesquisa, sendo um trabalho em que me empenhei para finalmente concluir essa dissertação. O meu despertar para a pesquisa foi tão vigoroso que me impulsionou a pensar além deste estudo e durante

minha pesquisa fui aprimorando e conhecendo cada vez mais a obra *Fábulas* e minha experiência de leitura revelou-me muitas possibilidades de poder estudá-las, entre as quais se solidificou com o artigo publicado, em coautoria com minha orientadora, em um livro que tem como temática da representação animal na literatura<sup>15</sup>. Por isso, considero como contribuição para os demais pesquisadores que o trabalho vem somar-se com outras pesquisas sobre Lobato, ao mostrar a singularidade do escritor e revelar que muito ainda há para se refletir sobre seus escritos.

Prossigo em minhas considerações, destacando as contribuições da pesquisa para mim como profissional que sou. Ser professora dos anos iniciais do ensino fundamental exige muita preocupação com a leitura, não com uma leitura qualquer, mas com a experiência de leitura para os alunos. Não é fácil compreender o que cada texto vai despertar ou não nos educandos que estão na fase de iniciação à leitura, no entanto, a escolha de um bom repertório literário, que esteja escrito em uma linguagem próxima das crianças certamente ajudará nesta questão. Por isso hoje, procuro selecionar livros que estejam sem as aspas que Lobato combateu e busco verificar se estão escritos em uma linguagem deslitteraturizada.

Docente que sou de uma escola pública, reconheço que nem sempre há recursos para adquirir livros de boa qualidade literária, desta maneira destaco aos meus colegas de profissão que temos hoje o Projeto de Literatura do MEC que tem em seu acervo livros que contemplem a literatura sem aspas. Também aponto que este estudo corroborou com minhas reflexões sobre leitores os que estou auxiliando a formar; percebi que eles se interessam por livros em que possam “morar dentro” e por isso a necessidade de um empenho dos professores na escolha de um bom livro para propiciar uma boa leitura. Essa

---

<sup>15</sup> ROCHA, Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima; RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann. “Vestir à nacional as fábulas”: o animal brasileiro na literatura de Monteiro Lobato. In: BRAGA, Elda Firmino; LIBANORI, Evelyn Vânia; DIOGO, Rita de Cássia Miranda. [Org.] **Representação animal: diálogos e reflexões literárias**. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura. 2015, p.81-96. Disponível em: < [\(Livro III\) Representação animal - diálogos e reflexões literárias.pdf](#) > Acesso em: 04 out. 2015.

preocupação com a leitura tem ganhado espaço entre os profissionais dedicados à educação, como por exemplo, Paulo Freire (2009), que nos ensina que ler significa “adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética com os seus contextos e o nosso contexto” (FREIRE e SILVA, 2009, p. 20).

Considero também que essa dissertação propõe um olhar diferenciado para a obra lobatiana em geral, e em especial a obra *Fábulas*, por isso acredito que ele poderá contribuir para que os professores que irão com ela trabalhar conheçam a riqueza de possibilidades que podem ser contempladas com a leitura das narrativas, proporcionando ainda, uma reflexão sobre a aprendizagem da leitura e sobre a importância da palavra literária na formação dos pequenos leitores.

Proponho então, para os leitores desta dissertação, principalmente aos meus colegas de profissão primeiro, valorizar o texto lobatiano em geral e, em especial, este que foi por mim estudado, como detonador de diálogos com o texto, possibilitando a leitura como experiência junto aos alunos em sala de aula e segundo, indicar caminhos de leitura para que os profissionais de educação possam dialogar com Lobato e sua obra.

As considerações aqui apresentadas justificam-se pela minha leitura do texto que o escritor, tradutor e editor Alberto Manguel escreveu ao referir-se à aprendizagem de leitura e do qual retiro os passos por ele indicados para esta aprendizagem:

- Primeiro, a aprendizagem do processo mecânico do código de escrita no qual está codificada a memória de uma sociedade;
- Segundo, a aprendizagem da sintaxe pela qual esse código se rege;
- Terceiro, a aprendizagem da forma como as inscrições nesse código servem para conhecer, de uma maneira profunda, imaginativa e prática, a nossa identidade e o mundo que nos rodeia (MANGUEL, 2007, p. 25).

Outra consideração que faço sobre minha pesquisa refere-se ao que constatei em meu estudo em relação à visão de Lobato sobre a literatura infantil. O autor dedicou-se com esmero à produção de seus textos. Não era do seu desejo apenas traduzir, copiar ou imitar

os clássicos literários de outros países; seu intuito foi ir além e compor narrativas que estabelecessem diálogo com o pequeno leitor brasileiro, aproximando palavra e vida.

Assim, destaco a importância dessa preocupação do escritor, na década de 1910, com a palavra e sua relação com a vida, uma preocupação que só mais tarde foi apontada por estudiosos literários com respaldo em Voloshinov e Bakhtin (1926) e que em Lobato já existia. Esse manejo da língua tinha como finalidade que os pequenos leitores entendessem as palavras, se apropriassem dos seus significados, tomando posse delas para a formação de suas identidades.

Para atingir seu objetivo Lobato, mesmo antes de iniciar seus escritos, expressou sua ideia de um projeto na criação de obras infantis ao amigo Rangel:

Pretendemos lançar uma série de livros para crianças, como Gulliver, Robinson, etc, os clássicos, e vamos nos guiar por uma das edições do velho Laemmert, organizadas por Jansen Müller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se possa agarrar o Jansen como “burro” e reescrever aquilo em língua deslitteraturizada – porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de “literatura” (LOBATO, 1956, p. 233).

Com base nessa maneira diferenciada de pensar, Lobato inaugurou um estilo ímpar que aproxima a literatura do leitor brasileiro de seu tempo. O autor possibilitou (e ainda possibilita) com sua obra infantil o contato com uma literatura sem aspas escrita em linguagem deslitteraturizada, sendo está maravilhosa a maneira como compôs seus livros.

Com a motivação de escrever para crianças, Lobato proporcionou uma nova maneira de contemplar a literatura infantil brasileira em seu tempo; seu objetivo era fazer livros que contribuíssem para que os leitores tivessem um novo olhar diante do texto, pois esse era respaldado em seu contexto.

Nas releituras da obra *Fábulas* pude constatar que Lobato conseguiu transportar o gênero milenar para a realidade em que viveu, produzindo sua escrita com uma linguagem deslitteraturizada composta por diferentes recursos linguísticos. Esses não foram utilizados sem nenhum propósito, ou sem nenhuma finalidade pelo autor. Trata-se, na verdade, de

um complexo jogo que Lobato fez com a linguagem, empreendendo recursos linguísticos numa relação de poder e escravidão em uma busca intensa para encontrar a medida perfeita no seu estilo literário, mesmo que para isso precisasse fazer articulações com a palavra e em alguns momentos até trapacear com a linguagem (BARTHES, 1977).

Durante a pesquisa foi possível perceber que Lobato não se acomodou depois de já ter escrito as fábulas para as crianças, pois ele se preocupou em continuar deslitteralizando, fazendo reflexões sobre sua escrita, sendo muitos detalhes ponderados nas reedições, sempre na busca de uma melhor compreensão das leituras pelo público infantil. Tal observação, me indicou que o esmero que teve com as *Fábulas*, lapidando seus textos e tornando-os uma “joia preciosa”, preocupando-se com o que as crianças possam ler.

Com a releitura da obra foi possível notar que Lobato preocupou-se com a leitura, tal como eu e meus colegas nos preocupamos, hoje, como profissionais da educação. Ele possibilitou, possibilita e possibilitará aos seus leitores, os “Filhos de Lobato” (PENTEADO, 1996), uma aproximação com a literatura sem aspas, sem espinhos, que viabiliza a função humanizadora defendida por Antonio Candido.

Finalmente também considero a relevância pessoal desta pesquisa: como “Filha de Lobato” posso dizer que hoje moro dentro de seus livros. Se já antes ia visitar os livros algumas vezes como criança, como aluna e como professora, agora, considero que minha experiência de leitura ganhou profundidade e atingiu minha essência e hoje compreendo a importância da deslitteralização da linguagem que o autor promoveu. Assim, com a realização desta pesquisa, tomando de empréstimo as palavras de Jorge Larrosa, posso considerar que:

Escrever e ler é como submergir num abismo em que acreditamos ter descobertos objetos maravilhosos [...]. Nossos olhos apreenderam uma nova insatisfação e não se acostumam mais à falta de brilho e de mistério daquilo que se nos oferece à luz do dia. E algo em nosso peito nos diz que, na profundidade, ainda resplandece, imutável e desconhecido, o tesouro. (LARROSA, 2002a, p. 159-160).

Tendo então esse sentimento dentro de mim, percebo a importância da frase de Lobato que afirma que “um país se faz com livros e homens”, parodiando a continuação da frase lobatiana concluo que: minha visita aos livros de Lobato provou-me que o Brasil tem homens. Ter homem para um país é ter Lobato, força tão marcante que sobre a sua obra não pode a morte.

## REFERÊNCIAS

- ALBIERI, Thaís de Mattos. Lobato: a cultura gramatical em Emília no país da gramática. **Sínteses**. v. 11. Campinas, 2006, p. 9-35. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/ojs-234/index.php/sinteses/article/view/157/130>>. Acesso em: 27 nov. 2014.
- ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia Mascarenhas de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. 3 ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. 1977. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/28505884/Aula-Roland-Barthes>> Acesso em: 20 jan. 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. Disponível em: <<https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>> Acesso em: 18 dez. 2014.
- BÍBLIA ONLINE. **Livro dos Provérbios**. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/>> Acesso em: 18 mar. 2015.
- BIZZOCCHI, Aldo. **De onde vem o sufixo –alha?** 2014. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/blog-abizzocchi/de-onde-vem-o-sufixo-alha-319696-1.asp>> Acesso em: 23 dez. 2014.
- BRASIL, Padre Sales. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para crianças**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1959.
- CADERMATORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. Resumo para principiantes. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

\_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COC - **Monteiro Lobato biografia**. Disponível em:

<<http://www.cocfranca.com.br/biografia.htm>> Acesso em: 10 jun. 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil juvenil**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

COLAMARCO, Manuela. O processo de nacionalização das fábulas de Esopo no livro *Fábulas de Monteiro Lobato*. **Litteris**. set. 2012. Disponível em:

<[revistaliter.dominiotemporario.com/.../ENSAIO\\_Fabulas\\_de\\_Lobato\\_M...](http://revistaliter.dominiotemporario.com/.../ENSAIO_Fabulas_de_Lobato_M...)> Acesso em: 16 dez. 2014.

CONTE, Alberto. **Monteiro Lobato: o homem e a obra**. São Paulo: Brasiliense, 1948.

CONY, Carlos Heitor. O lobo e o cordeiro. **Folha de São Paulo**. Opinião. São Paulo: 1999. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz28029905.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz28029905.htm)> Acesso em: 14 abr. 2015.

DE LUCA, Tânia Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DEZOTTI, Maria Celeste. A fábula. In: \_\_\_\_\_. [Org.]. **A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

**DICIONÁRIO ONLINE CALDAS AULETE**. Disponível em:

<<http://http://www.aulete.com.br/>> Acesso em: 21 jan. 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. Col. Polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992.

FREIRE, Paulo; SILVA, Ezequiel Theodoro. Da leitura de mundo à leitura da palavra. Entrevista de Paulo Freire a Ezequiel Theodoro da Silva. In: BARZOTTO, Valdir Heitor. [Org.]. **Estado de leitura**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

GAVA, Marília. **Emília e a transgressão da linguagem no livro Emília no país da gramática**. 2005. 41f. Monografia apresentada à Diretoria de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Disponível em: [www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000027/000027DB.pdf](http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000027/000027DB.pdf) > Acesso em: 15 jan. 2015.

GOMES, Eugênia Stela Ferreira. **Reinações de Lobato nas Memórias da Emília: memorialismo, intertextualismo, ironia**. 2007. 188f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2007. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/bitstream/123456789/2919/1/2007\\_DIS\\_ESFGOMESMES.pdf](http://www.repositorio.ufc.br:8080/ri/bitstream/123456789/2919/1/2007_DIS_ESFGOMESMES.pdf) > Acesso em: 25 nov. 2014.

JUSTO, Rosa Maria Oliveira. **Os Moinhos de vento no Brasil: uma leitura da adaptação de Dom Quixote das crianças de Monteiro Lobato**. 2006. 110 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências e Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/.../TESE\\_ROSA\\_MARIA\\_OLIVEIRA\\_JUSTO.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/.../TESE_ROSA_MARIA_OLIVEIRA_JUSTO.pdf) > Acesso em: 04 jan. 2015.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Queroz, 1982.

KÖPKE, Henrique. **Fábulas**. Para uso das classes de língua materna. 5 ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Francisco Alves & Cia. 1911.

KRAMER, Sonia. **Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação dos sujeitos sociais**. n. 3. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, jan./fev. 2000.

LA FONTAINE. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução de Bocage, Couto Guerreiro, Filinto Elysio, Curvo Semmedo, Costa e Silva, Malhão. Tomo I. Lisboa, Rio de Janeiro, [s.n.], 1886.

LAJOLO, Marisa. Linguagens na e da literatura infantil de Monteiro Lobato. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. [Org.] **Monteiro Lobato, livro a livro**. São Paulo: Editora da Unesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira, história & histórias**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e ação**. v. 19, n. 2, Santa Cruz do Sul, jul./dez. 2011, p. 4-27.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos – novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista brasileira de educação**. n. 19. Rio de Janeiro: Anped, jan./abr. 2002b, p. 20-28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em: 01 mar. 2015.

LEITE, Marli Quadros. Monteiro Lobato e o purismo linguístico. **Linha d'Água**. n. especial. São Paulo, 2000, p. 41-64. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/linhadagua/.../view?...Marli...Quadros...Leite...](http://www.revistas.usp.br/linhadagua/.../view?...Marli...Quadros...Leite...) > Acesso em: 12 dez. 2014.

LIMA, Alceu Dias. A forma da fábula: estudo de semântica discursiva. **Significação**. n. 4. São Paulo, 1984, p. 61-69. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90480/93254>> Acesso em: 20 fev. 2014.

LOBATO, Monteiro. **A onda verde**. 2 ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores. 1922a. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/32173526/A-Onda-Verde-Monteiro-Lobato#scribd>> Acesso em: 12 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Fábulas**. 2 ed. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia. Editores, 1922b.

\_\_\_\_\_. **A barca de Gleyre**. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. **Conferências, artigos e crônicas**. Obras completas de Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1964.

\_\_\_\_\_. **Emília no país da gramática e Aritmética da Emília**. Obras completas de Monteiro Lobato. v. 6. São Paulo: Brasiliense, 1950.

\_\_\_\_\_. **Fábulas**. 2 ed. São Paulo: Globo Livros, 2010.

\_\_\_\_\_. **Fábulas**. 3 ed. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

\_\_\_\_\_. **Fábulas**. 8 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1943.

\_\_\_\_\_. **Fábulas de Narizinho**. 1 ed. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia. Editores, 1921.

\_\_\_\_\_. **Prefácios e entrevistas**. Obras completas de Monteiro Lobato. v. 13. São Paulo: Brasiliense, 1964.

\_\_\_\_\_. **Revista do Brasil**. v. XVII. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. 1972, p. 412 - 423.

\_\_\_\_\_. **Revista do Brasil**. v. XVIII. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia . 1972, p. 153 - 158.

LOPES, Gracielly. **Fábulas (1921) de Monteiro Lobato: um percurso fabuloso**. 2006. 279f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis. 2006. Disponível em: <[polo3.assis.unesp.br/posgraduacao/teses/letras/grazielly.pdf](http://polo3.assis.unesp.br/posgraduacao/teses/letras/grazielly.pdf)> Acesso em: 10 nov. 2014.

MANGUEL, Alberto. Como Pinóquio aprendeu a ler. **Noesis**. n. 68. Lisboa: Ministério da Educação. jan./mar. 2007, p. 25-27. Disponível em: <[http://www.dgicd.minedu.pt/data/dgicd/Revista\\_Noesis/revista/NOESIS68.pdf](http://www.dgicd.minedu.pt/data/dgicd/Revista_Noesis/revista/NOESIS68.pdf)> Acesso em: 20 jan. 2015.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira. **Mimeses**. v. 20, n. 2. Bauru, [s.n.], 1999, p. 71-78. Disponível em: <[http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis\\_v20\\_n2\\_1999\\_art\\_05](http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v20_n2_1999_art_05)> Acesso em: 14 jan. 2015.

MEC – Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>> Acesso em: 11 jun. 2015.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna**. v. 1. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NOIMANN, Aline. **Um olhar sobre os fraseologismos (locuções) em um dicionário bilíngüe escolar espanhol-português/português-espanhol**. 2007. 283f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007.

PALLOTA, Miriam Gilberti Páttaro. **Criando através da atualização: fábulas de Monteiro Lobato**. 1996. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bauru. 1996. (Texto cedido pela autora).

PARENTE, Luciane. **A linguagem deslitteraturizada de Monteiro Lobato em Reinado de Narizinho**. 2012. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de

Mesquita Filho". Rio Claro. 2012. Disponível em:

<<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/unesp/160668>> Acesso em: 20 jan. 2015.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato**: o imaginário infantil na ideologia do adulto. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. A Barca de Gleyre, de Monteiro Lobato: uma leitura de saber e/ou fruição. **Letras de hoje**. v. 43, n. 2. Porto Alegre, [s.n.], abr./jun., 2008, p. 26-28. Disponível em: <[http://www.ibbycompostela2010.org/descarregas/11/11\\_IBBY2010\\_2.pdf](http://www.ibbycompostela2010.org/descarregas/11/11_IBBY2010_2.pdf)> Acesso em: 18 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Processos expressivos da literatura infantil. In: **Congresso internacional de IBBY**-International Board on Books for Young People. 32. Santiago de Compostela, [s.n.], 2010. Disponível em: <[http://pwww.ibbycompostela2010.org/descarregas/11/11\\_IBBY2010\\_2.pdf](http://pwww.ibbycompostela2010.org/descarregas/11/11_IBBY2010_2.pdf)> Acesso em: 20 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Processos expressivos da literatura infantil de Monteiro Lobato**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro. 1980.

PERRONE, Cristina Aquati. **Do mito à fábula: releituras de Lobato**. 2002. 197f. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002. (Texto cedido pela autora).

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo. **Histórias da avozinha**. Rio de Janeiro: Quaresma, 1896. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000137.pdf>> Acesso em: 22 jan. 2015.

ROCHA, Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima; RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann. "Vestir à nacional as fábulas": o animal brasileiro na literatura de Monteiro Lobato. In: BRAGA, Elda Firmino; LIBANORI, Evely Vânia; DIOGO, Rita de Cássia Miranda. [Org.] **Representação animal**: diálogos e reflexões literárias. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura. 2015, p.81-96. Disponível em: < (Livro III) Representação animal - diálogos e reflexões literárias.pdf> Acesso em: 04 out. 2015.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 2001.

SANDMANN, Antonio José. **Competência lexical**: produtividade, restrições e bloqueio. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**. As Reinações renovadas. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANTOS, Ismael dos. **A fábula na literatura brasileira**. (De Anastácio a Millôr, incluindo Coelho Neto e Monteiro Lobato). 2001. 162f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2001. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/81821/182215.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 15 jan. 2015.

SAWAYA, Sandra Maria. Narrativas orais e experiência: as crianças do Jardim Piratininga. In: OLIVEIRA, Zilma Ramos de. [Org.] **A criança e seu desenvolvimento: perspectiva para se discutir a educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2000, p. 31-49.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Adriana Paula dos Santos. **Amoras sem espinhos: a recepção de Fábulas (1922), de Monteiro Lobato, por crianças do ensino fundamental**. 2008. 272f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2008. Disponível em: <[www.ple.uem.br/defesas/pdf/apssilva.pdf](http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/apssilva.pdf)> Acesso em: 17 dez. 2014.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. A linguagem “brasileira” de Monteiro Lobato. **Philologus**. n. 54. Anais da VII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/54supl/070.pdf>> Acesso em: 29 dez. 2014.

SOUZA, Loide Nascimento de. **A fábula e o efeito-fábula na obra infantil de Monteiro Lobato**. 2010. 359f. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis. 2010. Disponível em: <<http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/103637>> Acesso em: 11 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Monteiro Lobato e o processo de reescrita das fábulas. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. [Org.] **Monteiro Lobato, livro a livro**. São Paulo: Editora da Unesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Nas raías de um gênero: a fábula e o efeito fábula na obra infantil de Monteiro Lobato**. 1 ed. v. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

\_\_\_\_\_. **O processo estético de reescritura das fábulas por Monteiro Lobato**. 2004. 259f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis. 2004. Disponível em: <<http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/99160>> Acesso em: 12 dez. 2014.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2 ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

URBANO, Hudinilson. **Da fala para a escrita**: o caso de provérbios e expressões populares. [s.l.], [s.n.], 2000, p. 31-56.

VALE, Gracilene Costa do. **Releitura de Reinações de Narizinho**: recuperando a presença das fábulas no cotidiano escolar. 2010. 121f. Trabalho de conclusão de curso - Pedagogia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro. 2010.

VARGAS, Maria Valéria Aderson de Mello. Reflexos da fábula indiana nos textos de Monteiro Lobato. **Magma**. v. 2. São Paulo: USP, 1995, p. 74-87. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/magma/article/view/80727>> Acesso em: 15 jun. 2014.

VIEIRA, Adriana Silene. **Um inglês no sítio de Dona Benta**. Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana. 1998. 141f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1998. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000132099&fd=y>> Acesso em: 02 nov. 2014.

VOLOSHINOV, Valentin; BAKHTIN, Mikhail. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. 1926. Tradução de Valdemir Miotello e Fabrício Oliveira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

XATARA, Claudia Maria. **Dicionário de expressões idiomáticas**. Disponível em: <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/busca.php>> Acesso em: 12 fev. 2015.

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thais Marini. Revisando o conceito de provérbio. 2008. **Veredas online**. Juiz de Fora, 2008, p. 33-48. Disponível em: <[www.ufjf.br/revistaveredas/edicoes/2008-2/revista/](http://www.ufjf.br/revistaveredas/edicoes/2008-2/revista/)> Acesso em: 16 mar. 2015.

YUNES, Eliana. **Presença de Lobato**. Rio de Janeiro: Editora Divulgação e Pesquisa, 1982.

ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 4 ed. São Paulo: Global, 1993.

## **SOBRE A AUTORA**

---

137

---

Doutoranda em Educação na área de Linguagem - Experiência - Memória - Formação pela Unesp/RC, mestra em educação pela Unesp/RC e pedagoga pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de Rio Claro - SP, facilitadora da Universidade Virtual do Estado de São Paulo e professora contratada de psicologia - Unesp Rio Claro.

ISBN 978-65-80476-46-6



9 786580 476466 >